

# ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 17 • 2009



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS  
2009

**Estudos Arqueológicos de Oeiras** é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)
- Professor Doutor João Zilhão (Universidade de Bristol, Reino Unido)
- Professor Doutor Jean Guilaine (Collège de France, Paris)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professor Doutor Jorge de Alarcão (Universidade de Coimbra)

## **ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS**

**Volume 17 • 2009**

**ISSN: 0872-6086**

EDITOR CIENTÍFICO - João Luís Cardoso  
DESENHO E FOTOGRAFIA - Autores ou fontes assinaladas  
PRODUÇÃO - Gabinete de Comunicação / CMO  
CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras  
Fábrica da Pólvora de Barcarena  
Estrada das Fontainhas  
2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.

Aceita-se permuta  
*On prie l'échange*  
*Exchange wanted*  
*Tauschverkehr erwünscht*

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso e Autores

MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Europress, Lda. - Tel. 218444340

DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

**VOLUME COMEMORATIVO DO  
XX ANIVERSÁRIO**

**do**

**Centro de Estudos Arqueológicos  
do Concelho de Oeiras**

**(Câmara Municipal de Oeiras)**

**1988 - 2008**

Editor Científico:  
João Luís Cardoso

**CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS**  
2009

## **VÁRIAS ANTIGUIDADES DO ALGARVE**

Sebastião Philippes Martins Estácio da Veiga  
Nota introdutória e comentários de João Luís Cardoso

### **1. NOTA INTRODUTÓRIA**

Obtida a autorização, em Março de 2005, do Director do Museu Nacional de Arqueologia para a publicação do espólio documental de Estácio da Veiga (1828-1891), conservado naquela Instituição, solicitada na sequência de estudo anterior entretanto publicado (CARDOSO & GRADIM, 2004), cuja análise exaustiva deu origem a duas obras onde se traçou o perfil detalhado do arqueólogo (CARDOSO, 2006, 2007) e para as quais se remete o leitor, o signatário deparou, numa das caixas, com um grosso masso de folhas manuscritas, numeradas posteriormente a lápis. O título da obra, apresentado no topo da primeira página, não deixava dúvidas: tratava-se do manuscrito original (entretanto copiado, como também ali se indica, a lápis) de Estácio da Veiga, intitulado “Varias Antiguidades do Algarve”, que até agora permaneceu inédito.

O plano geral da obra era muito ambicioso: nela, Estácio pretendia caracterizar sistematicamente as diversas etapas da presença humana em solo algarvio, desde os tempos pré-históricos, designadamente desde a “Idade da Pedra Polida”, como precisa o autor, até ao reinado de D. Diniz e, daí em diante, sem preocupações de exaustividade. Naturalmente, um trabalho desta envergadura, além de requerer adequada preparação científica, exigia muito tempo, especialmente para a consulta de arquivos e a cópia de documentos, então ainda mais dificultada pela falta dos modernos processos de reprodução. Note-se, no entanto, que este mesmo propósito viria o Autor a concretizar parcialmente mais tarde, através da publicação da sua obra maior, as “Antiguidades Monumentais do Algarve”, da qual saíram em vida quatro volumes, relativos aos tempos pré-históricos (embora o último aborde já a Idade do Ferro algarvia), que pretendia alargar depois aos tempos históricos, tratando, sucessivamente os testemunhos da época romana, depois da islâmica, e dos relativos até aos primórdios da nacionalidade, inclusive, que corresponderia, no total, a cinco ou seis volumes. Do que ficou por publicar, deu-se à estampa o que Estácio já tinha preparado para o quinto, relativo à época romana, em 2006 (VEIGA, 2006), com apresentação e notas do signatário.

Sabe-se, por uma carta datada de 16 de Março de 1874, endereçada por Estácio da Veiga a Possidónio da Silva, que a redacção da parte inicial da presente obra, correspondente aos tempos pré-históricos, se encontrava então em curso (PEREIRA, 1981, p. 57). Não deixa de ter interesse transcrever o modo com que o próprio autor encarava o seu trabalho, no qual iria tratar dos “vestígios pré-históricos até agora descobertos naquele território (...) acompanhado de estampas e a todos os respeitos difícil de coordenar porque é rigorosamente original e novo no seu género”. Na verdade, esta foi a única parte do ambicioso projecto – evidenciado pelo respectivo índice, apresentado tanto no início como no final do manuscrito, conquanto em versões algo distintas – que conseguiu concluir. As razões para tal não são difíceis de aduzir. Com efeito, a 1 de Janeiro de 1875 cessou o seu desempenho, como funcionário público, na vila de Mafra, nos Correios e Postas do Reino, onde tinha sido colocado em 1867; cessava, também, a disponibilidade de espírito que tinha encontrado na sua residência campestre da Quinta da Raposa,

para se dedicar à redacção da parte mais exigente da obra, os tempos históricos, estudo que, como se disse atrás, carecia de tempo e, sobretudo, requeria a exploração sistemática, consulta e transcrição de fontes documentais, então por certo de muito difícil acesso e utilização. Crê-se, pois, que a suspensão da redacção do volume no final dos tempos pré-históricos (à parte o contributo sobre as “Lendas e Tradições” do Cabo de São Vicente, que dele faz parte integrante e que se incluiu, na transcrição adiante apresentada) coincidiu com o início de 1875. Foi também nesse ano que Estácio abandonou a Associação dos Arqueólogos Portugueses, onde se tinha indisposto com Possidónio por questões de orientação científica, depois de ali ter colaborado, a pedido do seu então Presidente (CARDOSO, 2006, 2007). Não deixa de ser interessante notar que, a este abandono, sucedeu, a curto prazo, a proposta para sócio correspondente da Academia Real das Ciências de Lisboa, datada de 18 de Novembro do mesmo ano. Residindo já em Lisboa, sabe-se que Estácio dedicou boa parte do ano de 1876 ao estudo da tábula de bronze de Aljustrel, depositada na então Secção dos Trabalhos Geológicos, que ocupava o segundo andar do prédio da Academia das Ciências. Tratou-se de trabalho aturado e exigente, que o próprio descreve em pormenor, na parte introdutória do estudo daquele notável monumento epigráfico romano, que viria a ser publicado quatro anos depois (VEIGA, 1880). Deste modo, pode concluir-se que, em 1876, a redacção da presente obra se encontrava posta de parte. Definitivamente, não, porque as notáveis cheias do Guadiana de Dezembro de 1875 vieram colocar a descoberto, em vários locais da margem direita, tanto na região de Mértola, como mais a jusante, na de Alcoutim, importantes testemunhos arqueológicos, cujo estudo foi decidido executar pelo Governo, em parte em resultado da pressão da imprensa e da opinião pública. Foi a Estácio da Veiga que tal incumbência foi solicitada, com desenvolvimento na elaboração de uma Carta Arqueológica do Algarve, por Portaria de 15 de Janeiro de 1877. Abandonado o projecto inicial, um outro, de muito maior fôlego e com apoios financeiros e logísticos significativos, por parte do Governo e das entidades da região, com destaque para a Direcção de Obras Públicas dos distritos de Beja e de Faro, coroando de êxito. Os resultados não se fizeram esperar. Primeiramente, com a apresentação ao Governo da Carta Arqueológica do Algarve, nos inícios de 1879, cujos trabalhos de campo se viriam a prolongar muito para além do termo estabelecido, que era o mês de Junho de 1877, sucedeu-se o contrato, assinado a 29 de Maio de 1879, para a publicação das “Antiguidades Monumentaes do Algarve”. Esta obra constituiria, pois, o desenvolvimento científico dos resultados obtidos, admitindo que o primeiro dos cinco a seis volumes previstos pudesse estar concluído em Setembro de 1880, por forma a ser apresentado aos participantes da célebre IX Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Históricas. Com efeito, fazia parte dos propósitos de Estácio aproveitar esta rara oportunidade de contactar pessoalmente, em Lisboa, com os mais proeminentes arqueólogos do seu tempo, para organizar e concretizar a terceira componente da obra a que metera ombros: o Museu Arqueológico do Algarve, que constituiria a demonstração prática dos resultados obtidos. Com efeito, o Museu viria a inaugurar-se em instalações cedidas pela Academia Real de Belas Artes, no antigo Convento de S. Francisco, em Lisboa, aquando da referida reunião, a 26 de Setembro de 1880, mas teve vida efémera. Deste modo, a Carta Arqueológica do Algarve, inserta no primeiro volume das “Antiguidades Monumentaes do Algarve”, publicado apenas em 1886, portanto cerca de seis anos depois do previsto, constituía apenas um dos três vectores de uma realidade a ser concretizada por sucessivas etapas, que, de forma genial, Estácio compreendeu, melhor do que ninguém e antes de todos os arqueólogos do seu tempo. Deste portentoso volume de informação, o principal beneficiário foi o actualmente designado Museu Nacional de Arqueologia, fundado em finais de 1893, cujo núcleo inicial foi constituído, em grande parte, pelas colecções reunidas por Estácio no Algarve, adquiridas pelo Estado a sua viúva. A estas, juntaram-se, em 1897, as colecções do extinto Museu Arqueológico do Algarve, depositadas na Academia Real de Belas Artes, bem como os álbuns de desenhos e plantas, confiados pelo próprio Estácio da Veiga à guarda da Direcção-Geral de Instrução Pública, da qual foram remetidas para o então Museu Etonográfico Português a 15 de Fevereiro de 1897, conforme Ofício já publicado (VEIGA, 2006, p. 29), acompanhados, presumivelmente, o Arquivo pessoal do próprio. Bem pode dizer-se que,

com a morte de Estácio, a 7 de Dezembro de 1891, ano em que foi publicado o quarto volume da obra-prima da arqueologia mundial que são as “Antiguidades Monumentais do Algarve”, se encerra um ciclo notável da investigação pré-histórica portuguesa, iniciado em 1865 com a publicação da monografia do concheiro do Cabeço da Arruda, sob a égide da Comissão Geológica de Portugal.

O interesse científico das “Varias Antiguidades do Algarve” não tem comparação, do ponto de vista estritamente arqueológico, ao da obra maior de Estácio da Veiga, a qual desenvolve e actualiza as concepções já em parte naquela esboçadas. De facto, o seu principal interesse não decorre das informações de índole arqueológica nela contidas. Sobretudo, o que mais interessa destacar, numa perspectiva histórica, é o conhecimento da forma de abordagem e discussão das diversas questões de carácter arqueológico adoptada pelo Autor, e qual a forma utilizada na articulação dos conhecimentos de diversas áreas e origens, para construir um discurso científico coerente. Sob este ponto de vista, pode dizer-se que Estácio da Veiga se apresenta como uma figura única, no panorama científico da época, em Portugal. Ao contrário dos seus contemporâneos da Comissão Geológica, que não valorizavam os textos dos autores clássicos, até por se dedicarem a uma época da Pré-História onde o que mais importava era o domínio de matérias do foro da História Natural, a Estácio não era indiferente a informação obtida dos autores clássicos, que sabia manipular com reconhecido à-vontade e até de forma divertida e irónica, como se evidencia, entre muitas outras, por esta passagem da obra que agora se publica, relativa às lendas e tradições associadas ao cabo de S. Vicente:

“Os três Geriões, filhos do primeiro tyranno deste nome que fora morto por Osíris pae de Hércules Lybico, unidos n’uma só vontade e conjurados com outros príncipes de sua assanhada catadura, em vingança e desaf-  
fronta da morte de seu pae, deliberaram que a vida delle pagasse Osíris com a sua; e porque para a pratica de ruins intentos nunca faltaram prestadios obreiros, Osíris foi, em apuramento de razões, talhado em postas. Como porém uma vingança raro seria que não gerasse outra, e muitas, Hércules Lybico, que não precisava auxilio de ninguém, porque, senhor e possuidor dos mais irritados fígados, sósinho mesmo fora capaz de dar cabo do género humano. Saindo do Egypto em busca dos Geriões filhos, pouco tempo depois logrou o prazer de os mandar enterrar com especiosa pompa ahi pelas margens do Guadiana, depois de lhes ter posto as costellas em estilhaços”.

Porém, ao contrário dos arqueólogos-antiquários do seu tempo, que pontificavam então na Associação dos Arqueólogos Portugueses, Estácio sabia bem que o cabal conhecimento em Arqueologia passava obrigatoriamente pela valorização dos contributos da área das Ciências Naturais, completamente ignorado por aqueles, que manipulava com evidente à-vontade, até devido à formação recebida na Escola Politécnica, na área da Engenharia de Minas.

Desta diferença de formações resultou certamente, de parte a parte, alguma incompreensão. No caso dos geólogos/arqueólogos da Comissão Geológica, a falta de destaque conferida à inauguração do Museu Arqueológico do Algarve, aquando da reunião da IX Sessão do Congresso Internacional de Arqueologia e de Antropologia Pré-Históricas, reunido em Setembro de 1880 em Lisboa, e do qual Carlos Ribeiro foi o Secretário-Geral, é sintomática dessa realidade. No caso dos antiquários/arqueólogos, reunidos em torno de Possidónio da Silva, na Real Associação dos Architectos Civis e Arqueólogos Portugueses, lavrava não pouca animosidade, expressa claramente pelo abandono de Estácio da Veiga, e pelas considerações depreciativas que emitiu, em resultado de divergências dos critérios de organização do Museu, evidenciadas, por exemplo numa carta dirigida ao seu protector e amigo, o Director-Geral da Instrução Pública, Conselheiro António Maria de Amorim (CARDOSO, 2007, p. 22).

Estácio foi, de longe, o autor do discurso mais original e, ao mesmo tempo, mais consequente, no campo dos estudos da Arqueologia em Portugal, até os dias de hoje: valorizando o estudo científico do objecto arqueológico, não pela sua beleza ou valor intrínseco, mas por constituir uma fonte objectiva de informação. Afastava-se, deste modo, dos antiquários, que desdenhava, e também dos historiadores da sua época, declaradamente incapazes de

reconhecerem valor científico às ruínas ou aos próprios objectos arqueológicos, especialmente os que se afiguravam mais humildes; ao contrário, procurou conciliar tais informações com o registo histórico, incluído neste as fontes clássicas e os autores portugueses de séculos anteriores, como a presente obra evidencia cabalmente.

Tratando-se de uma primeira tentativa na fixação desta tão inovadora metodologia, certamente que se reconhecem insuficiências e até alguma ingenuidade: é como se alguns dos longos parágrafos que a constituem representassem passos ainda inseguros, que, mais tarde, viriam a ser dados com mais segurança, na obra que o imortalizou. Exemplo desta evidência é a extensa versão deste texto que se apresenta reescrita, também agora integralmente transcrita, até para evidenciar o esforço e a aplicação com que abordou matérias, ao tempo quase desconhecidas em Portugal.

De facto, Estácio tinha a plena consciência da importância da informação nova, que todos os dias era produzida sobre a antiguidade da espécie humana e as sucessivas fases da sua cultura material em território europeu. As inúmeras citações de obras de eminentes naturalistas, fossem antropólogos, geólogos, ou arqueólogos do seu tempo, mostram um espírito crítico, sempre atento aos progressos científicos produzidos além-fronteiras, sendo hoje difícil imaginar os esforços e dinheiro dispendidos para a obtenção dessas obras, que certamente possuiu, leu e releu, como se verifica pelas inúmeras citações apresentadas ao longo do texto.

A obra inscreve-se, pois, na primeira fase da actividade arqueológica do seu autor, em que este deu largas à sua criatividade literária, até ao início do trabalho de campo da Carta Arqueológica do Algarve, a 3 de Março de 1877, partindo de Mértola. Poderíamos designar esta primeira fase, como a do despertar de uma vocação; a segunda (até à abertura do Museu Arqueológico do Algarve, a 26 de Setembro de 1880), como a da plena afirmação da valia e originalidade da sua obra científica; e, finalmente, a terceira fase, até ao falecimento, em Lisboa, a 7 de Dezembro de 1891, como a da luta pela plena divulgação e defesa dos resultados obtidos, já longe dos ardores da juventude, mas sem abandonar os ideais que desde então abraçou e conseqüentemente levou à prática (CARDOSO, 2006, 2007).

Deste modo, se o original que agora se publica, sem dúvida um primeiro ensaio, embora involuntário, para a redacção, poucos anos volvidos, das “Antiguidades Monumentaes do Algarve”, se apresenta parco em elementos de informação estritamente arqueológicos sobre o Algarve – limitados à enumeração das peças, sejam machados de pedra polida, de cobre ou de bronze, ou outros artefactos metálicos, soltos ou sem contexto conhecido, recolhidos acidentalmente – já do ponto de vista da construção do discurso arqueológico afigura-se de evidente interesse para o conhecimento do pensamento de Estácio na época da sua formação como arqueólogo, imediatamente anterior àquela em que atingiu a plenitude. Por isso, volvidos 180 anos sobre o nascimento do eminente arqueólogo, se considerou importante não deixar inédito por mais tempo as “Varias Antiguidades do Algarve”, texto fundacional e imediato antecessor daquele outro contributo ainda hoje não igualado no âmbito da Arqueologia portuguesa.

O manuscrito foi rigorosamente transcrito, mantendo-se a grafia original. Palavras que não se apresentam legíveis foi assinaladas com reticências, entre parêntesis.

A terminar esta nota introdutória, agradece-se ao Director do Museu Nacional de Arqueologia a autorização para o estudo e publicação dos elementos constantes no Arquivo de Estácio da Veiga, entre os quais se inclui o presente documento, bem como à responsável pela Biblioteca e Arquivo Histórico daquela instituição, a Dr.<sup>a</sup> Lúcia Cristina Coito, a gentileza do seu acolhimento e a José Carlos Henrique de Jesus António a cuidada transcrição do original manuscrito.

## 2. TRANSCRIÇÃO INTEGRAL DO ORIGINAL MANUSCRITO

### Varias antiguidades do Algarve

-

Primeira Época  
Tempos prehistoricos

-

Artigo I  
Idade da pedra polida

Vestígios, os mais antigos, de um povo desconhecido, que habitou o território do Algarve: Machados e pilões de pedrapolida; Antas ou Dolmens.

Artigo II  
Idade do bronze

Vestígios de outro povo desconhecido, que no Algarve succedeu áquelle que usava instrumentos de pedra polida: Lança de cobre; machados de cobre e bronze.

Artigo III  
Lendas e tradições  
O templo de Hércules no Cabo de S. Vicente  
O sol, e a dança nocturna dos deoses no Cabo de S. Vicente.



## VARIAS ANTIGUIDADES DO ALGARVE

### INTRODUÇÃO

Vou escrever uma breve noticia das antiguidades do Algarve, que mais de perto pude observar e colligir nessa extrema zona do sul de Portugal, onde nasci e vivi até á idade de dezeseite annos, e donde me apartei em 1845, trazendo como grata memoria da terra do meu berço muitas e vicejantes saudades.

Foram estas saudades que me lá levaram em 1856, quando já contava decorridos onze annos de ausencia desses logares nunca deslembrados, em que surgiram e medravam as primeiras illusões, os primeiros enlevos, as primeiras esperanças da minha vida.

Saudei então a minha terra natal com algumas estrophes, que associei a outras versificações já colligidas n'um livro, por em quanto manuscripto, a que dei o titulo de Flores sem fruto, porque sem fruto são quasi sempre as flores de que nossa alma se povôa nos tão innocentes, como mal avisados dias da mocidade.

Foi nessa epoca que encetei alguns estudos concernentes á historia, á archeologia, e a uma litteratura, já meio desfigurada, meio esquecida, que somente tinha por archivo a memoria popular.

Dessas investigações litterarias nasceu o Romanceiro do Algarve, que consegui publicar, doze annos depois de concluido, e nasceu tambem o Cancioneiro do Algarve, ainda não impresso. (1)

Para levar a cabo o meu primitivo pensamento, faltava-me pois coordenar, ou para melhor dizer, reunir alguns trabalhos epigraphicos, que em 1857 e 1865, voltando de novo ao Algarve, adiantei quanto pude, e não com min-goada fadiga, porque este importante assumpto quasi intacto jazia em esquecimento, ou era olhado com geral indifferença. (2)

Não me foi possivel percorrer toda a provincia, como a principio premeditei, e por isso não poucas omissões encontrarão aqui os homens estudiosos, tanto mais aquelles que em dia se propõem continuar e concluir este trabalho, que poderá neste caso servir de introducção e incentivo a outro mais desenvolvido e completo. (3)

Em sete epocas distinctas julguei poder dividir este bosquejo archeologico-historico, para assim poder abranger sob um plano geral e methodico todos os vestigios monumentos, e (...) que pude examinar e colligir (...) dos diversos povos que no Algarve deixaram de algum modo representada a sua existencia.

Servimo-nos em grande parte dos objectos com que o Algarve tem enriquecido algumas collecções emprehendidas por varias pessoas dedicadas a este genero de recreativa instrucção, objectos, de que não havia noticia escripta, e que pouco a pouco iriam talvez perdendo com as noticias que lhes são inherentes, os quaes, ainda que poucos em relação aos que não podémos examinar por se acharem infructiferamente monopolizados, são todavia sufficientes para representarem as mais importantes phases porque tem passado aquelle territorio, outr'ora dominado por diversos povos; e por isso imposémos a este trabalho uma certa ordem systematica, dividindo-o em epocas distinctas, para em cada uma podermos inscrever os seus representantes, e deixar aberto espaço para o que posteriormente se lhe poder aggregar, quando novas descobertas se tenham conseguido.

I Epoca (Idade prehistorica). Caracterisada pelos machados e martellos de pedra, que o povo denomina pedras de raio, comprehende algumas tradições fabulosas, referidas por escriptores nacionaes e estrangeiros.

II Epoca (Idade historica). Contem as raras noticias dos povos que occuparam na Lusitania meridional a zona que entre o Cabo de S. Vicente e o rio Odeceixe se destende de Oeste para Este até á margem direita do rio Guadiana, comprehendida entre a foz deste rio e Alcoutim.

III Epoca. Do começo da dominação romana até á invasão dos barbaros do norte no principio do V seculo.

IV Epoca. Da invasão dos barbaros no anno 409 da era vulgar até á dos sarracenos no de 714 da mesma era.

V Epoca. Da invasão dos sarracenos até o principio da monarchia portugueza.

VI Epoca. Do principio da monarchia até o reinado de D. Diniz.

VII Epoca. Do reinado de D. Diniz até os nossos dias.

Em cada uma destas épocas inscreví unicamente as respectivas noticias que pude colligir e coordenar; e feita esta denunciação, a ninguem cabe o justo direito de me arguir por não apresentar neste genero uma obra completa e irreprehensivel.

Para a critica sensata não será talvez este trabalho inteiramente inutil, porque com referencia ás cousas antigas do Algarve todos sabem o pouco que se tem escripto, e esta mesma obra mostrará algum tanto do que ainda se ignorava, ou que não corria impresso.

Pouco me importará pois que os diffamadores officiosos me saíam de todos os lados com dente anavallado e destruidor a exercer aqui a sua habitual voragem; porque para esses malevolos desattenciosos já meio tresloucados por suas ruins paixões, por seus odios pessoaes, ou politicos, e sobre tudo pelo infamissimo sistema que alguns adoptaram de quererem erigir para si um pedestal sobre a propria baba com que pretendem conspurcar os seus confrades nas lettras, desde já fica de reserva o mais supino dos desprezos.

(4)

I EPOCA PREHISTORICA

Vestigios por enquanto os mais antigos, de um povo que habitou a terra do Algarve  
Idade da pedra polida

A historia dos povos que senhoreavam a derradeira zona meridional de Portugal, não está escripta, nem a podemos nós escrever.

A chronologia, com que os livros sagrados nos ensinam os successos geraes do mundo desde seus primordios até á época do resgate, não abona, para este nosso especial propósito, a minima moção.

Se Moysés, o mais antigo dos historiadores, o mais sublime dos philosophos, o mais sabio dos legisladores, como lhe chamou Bossuet<sup>1</sup>, cessando de existir no anno do mundo 2553, ou 1451 annos antes de Christo, não legou nos seus inspirados livros de Pentatheuco<sup>2</sup> uma revelação clara e concludente ácêrca das gentes post-diluvianas, que dizendo-se descendentes de Japhet vieram povoar as regiões occidentaes; sem nenhum dos livros da antiga lei ha encontrar taes noticias, nem mesmo, por falta absoluta de fundamentos, as podemos haver dos historiadores profanos, a que preside Herodoto; se o proprio Herodoto<sup>3</sup>, o principe dos historiadores, como o denominou Cicero, tendo escripto uns quatrocentos annos antes de Christo, a historia da maior parte das nações, e dando especial relação das produções naturaes do Egypto, não transmittiu noticias peculiares ás primeiras epochas da vida humana; se Ctesias<sup>4</sup>, que viveu depois de Herodoto, escrevendo acêrca da India, deixou em silencio as origens das raças aborigenes, como fez Aristoteles, comquanto se occupasse das sciencias naturaes<sup>5</sup>, sómente e por assim dizer se olhou para o homem pelo prisma da physiologia; se Plinio<sup>6</sup>, emfim, que Buffon<sup>7</sup> considera como o mais sabio dos naturalistas que viveram até quasi á época de Augusto, e como recopilador de todos os conhecimentos manifestados até o seu tempo, na sua historia dos tres reinos da natureza, tambem não aventurou noções especiaes, com que se possam explicar as diferentes phases porque foi passando o homem desde os primeiros dias da sua existencia: como acreditar os escriptores modernos, que ousam apresentar-nos Thubal<sup>8</sup>,

<sup>1</sup> Bossuet – Disc. Sobre a Hist. Univ. – Traduc. De M. A. Monteiro de Campos Coelho. Lisbone, 1772, pag. 9.

<sup>2</sup> O Pentatheuco alcança até o anno do mundo 2553. – Hist. do Velh. E Nov. Test. pelo P. Carlos Antonio Erra – Traduc. Castelhana. Madrid. 1787.

<sup>3</sup> Herodot. – traduc. Por Du Ryer (em frances) 3 vol.

<sup>4</sup> Os fragmentos das obras que restam de Ctesias, acham-se na edic. das de Herodot. – Londres, 1679.

<sup>5</sup> Theophr. – Hist. das Pedras – texto grego com a traduc. Ingleza, e notas de Hillo – Londres, 1746; e Tratado das Plantas – Amsterdam – 1644.

Theoprasto (Lib. XXXVI. Cap. XXIX) refere haver se encontrado na terra marfim fossil branco e preto, assim como ossos transformados em pedra; mas, ao que parece, julgava que eram assim nascidos da terra (et ossa eterna nasci).

<sup>6</sup> Plinio – Hist. Nat. (de Caio Plinio); traduc. Hespanhola de Geronimo de Huerta – Madrid. 1624. Plinio confundiu os ossos fosseis, certamente de um elephante, referindo-se a um gigante (Pl. Lib. VII. Cap. XVI) Cita esta passagem o sr. Figuer. (La ??? du deluge – pag. 351 – 1865).

<sup>7</sup> Buffon – Hist. Nat. 1er disc.

<sup>8</sup> Com taes chimeras se entretiveram de um modo pasmoso varios geographos e historiadores, ou antes numerosos fabulistas, que fr. Bernardo de Brito (veja-se a Monarch. Lusit. Liv. Prim., do cap. III em diante), um dos nossos mais eruditos classicos seguiu e ampliou com indesculpavel credulidade, ou talvez com o intuito de encarecer as antiguidades da sua patria, propagando e fortalecendo como pontos historicos uma serie de fabulas, que os criticos mais circunspectos desde logo contestaram e destruíram. Annio de Viterbo, e muitos outros citados por Valeo, imaginando cousas increveis ácêrca das origens da Hispanha, seguidos por Florian del Campo, que a todos abraçou com acrisolada fé, e ainda para peor, acreditados por Mariz, fr. Heitor Pinto e fr. Amador Arraes, dão ao nosso fr. Bernardo, distincto modelo da lingua patria, largo espaço para não somente se associar a todos esses visionarios, como para procurar ainda outros de mais subido quilate neste genero, taes como os seus muitas vezes citados Laymundo Ortega, Menegaldo, Angelo Pacense, Pedro Alladio, etc., contra cujas doutrinas haviam já protestado Barros, Gaspar Barreiros, e Resende, referindo-se ao inventor dos fabulosos reis de Hispanha.

filho do primogenito de Noé, expirando sobre as escarpadas penedias do cabo de S. Vicente, e legando a Ibero seu filho, 298 annos depois do diluvio, ou 2009 antes de Christo, todo o dominio da peninsula hispanica?

Fujâmos dos escriptores que pretenderam illudir as gerações futuras com umas tão pueris como absurdas invenções; ponhâmos de lado as chronologias sagradas e prophanas, as primeiras, como assás omissas em relação á especialidade que nos agora imposémos, e as segundas como capituladamente falsas e enganosas; e recorrâmos ao pouco mas sobremodo valioso, com que alguns ramos das sciencias naturaes e a archeologia já hoje nos podem menos temerariamente guiar por entre as indissipaveis trevas dos seculos; porque do conjunto destes dois auxilios poderemos talvez deduzir alguns principios mais racionaes e significativos, do que todas as tradições que até agora hão corrido mundo pelos enredados labyrinthos dos mais exaltados espiritos.

O homem primitivo, como o considera o sr. Rodier<sup>9</sup>, e com este sabio da actualidade quasi todos os naturalistas e philosophos se renderam, embora surgisse na terra ignorando os altos destinos com que fôra dotado para ser o rei da criação; embora não comprehendesse immediatamente a privilegiada missão com que nascêra entre uma grande copia de outros já existentes seres seus antagonistas; embora as suas faculdades mentaes, no estado mais rudimentar, lhe não deixassem perceber todo o perigo da mui arriscada situação em que se achava; movido ainda assim de um superior instincto, ou, para melhor dizer-se, pelas faculdades peculiares á sua existencia, posto que mal desabrochadas do embrião que as encerrava, deveria sentir a necessidade natural de procurar os alimentos indispensaveis á vida, e o modo de se defender contra o ataque dos enormes carnivoros que o affrontavam nos proprios momentos em que a fome e a sede o obrigavam a buscar os fructos espontaneos da terra e as aguas cristallinas das fontes e dos rios; e devendo em fim procurar nas cavernas e nas grutas o abrigo e o repouso de que carecem todos os viventes, parece poder julgar-se que as suas primeiras deliberações seriam: trabalhar para viver, e defender-se para não morrer.

Mas para trabalhar precisava instrumentos, e para se defender carecia de armar o braço, e associar-se aos individuos do seu genero e especie, não só pela tendencia com que nascêra para a vida social, como porque o rigor da necessidade o obrigaria a sair do estado de isolamento, quando mesmo tal tendencia se não manifestasse desde logo.

Houve tempo em que, á falta de provas materiaes em contrario, alguns naturalistas julgaram a vida primera do homem não anterior ao diluvio, refutando assim muisignificativamente o que Moysés deixára escripto no primeiro inspirado livro do Pentatheuco; mas o sr. Boucher de Perthes, a quem a archeologia europêa deve uma serie de serviços da maior importancia, denunciando no primeiro volume das suas Antiquités celtiques o apparecimento de silex lascados nos sedimentos diluviaes do valle de Somme, veiu com este facto, primeiro que ninguem, demonstrar que a raça humana havia sido testemunha presencial do diluvio biblico; o que annos depois reforçou com a descoberta que fez, nas proximidades de Abbeville, de uma perfeita maxilla humana fossil, associada no mesmo deposito do periodo quaternario a alguns machados de silex, despojos de fogo, e restos de louças. (6)

O sr. Luis Figuier<sup>10</sup>, dando conta desta segunda descoberta do sr. Boucher de Perthes, conclue dizendo:

«C'est après la période glaciaire que naquit le genre humain.»<sup>11</sup>

Este elegante escriptor, cuja sciencia derrama enlaçada n'um estilo sempre ameno e florido, descrevendo a terra antes do diluvio, illustra o seu interessante livro com um panorama ideal do mundo nesse periodo que julga ser o originario da vida humana, em que figura os homens cobertos de pelles de animaes, armados de machados de pedra, e reunidos em commuidade de trabalho.

O sr. Paulo Gervais, auctor de uma interessante obra ácerca de L'Homme fossile dans le bois du Languedoc, juntando aos seus importantes escriptos de zoologia e anatomia comparada profundos conhecimentos geologicos,

<sup>9</sup> Rod. – Antiquité des races (...) – 1864.

<sup>10</sup> L. Figuier – La terre avant de déluge, pg. 421 – 1866.

<sup>11</sup> Idem

ao dividir as idades da pedra em épocas distintas, diz que estas se acham caracterizadas pela presença de instrumentos de sílex; e em relação á paleontologia designa a cada uma os typos principaes da fauna que lhe corresponde, como adiante veremos.

Mas haverá já hoje sufficiente numero de factos para se poderem extremar essas épocas com apurada precisão? Esta divisão por enquanto é, pelo menos, muita vaga, como o estão confirmando as conquistas mais recentes, com que a sciencia vai dilatando as vastissimas regiões da sabedoria.

A todos os obreiros deste progresso indefinido cabe porém um grande quinhão de gloria, porque ao conjunto dos seus esforços, aos seus assíduos trabalhos, quasi sempre recebidos sem a minima recompensa, se deve hoje a sciencia, que rege o conhecimento das mais opulentas maravilhas da creação.

A historia do homem não podia pois ficar em abandono; não estando escripta, era mister que se fossem registrando os factos conhecidos e inventariando os vestigios que elle proprio fôra deixando da sua existencia, para um dia, talvez, se poder escrever com averiguado fundamento.

É este um dos honrosos empenhos dos sabios da actualidade, e por isso estamos vendo tantos atletas distintos mettendo hombros a esta empreza.

Até ha poucos annos, sómente nos depositos sedimentares do continente europêo, pertencentes ao periodo post-diluviano, haviam sido encontrados varios despojos humanos e juntamente com elles certas pedras de formas mais ou menos definidas, e consideradas como primeiras manifestações da industria.

Para a paleontologia e para a archeologia, em presença destes descobrimentos, havia portanto um certo numero de factos, denunciados por alguns depositos sedimentares do periodo quaternario, que não podiam deixar de levar o naturalista e o antiquario a determinarem a idade do genero humano pela idade geologica das rochas ou camadas que serviam de jazida a tantos e tão significativos vestigios.

Em relação ao homem, reconhecendo-se que de pedra eram os mais antigos instrumentos do trabalho, foi mister marcar as épocas geologicas e designar as faunas de cada uma destas épocas, caracterizadas, umas vezes meramente por esses instrumentos, e outras pela sua simultanea appareição com despojos propriamente humanos, para se poderem cenceber e ordinalmente determinar as phases mais apreciaveis da sua existencia sobre a terra.

Todas as vezes pois que entre si poderem ser estremadas com rigorosa precisão as diversas épocas de cada periodo geologico e a fauna correspondente a cada uma dessas épocas, cujos sedimentos hajam manifestado indicios da industria humana, despojos humanos, em uma e outra cousa, tereremos assim estabelecido, nesses remotissimos seculos anteriores ao dominio da historia, os pontos de referencia de que devem ser derivados os successivos tempos em que provadamente viveram individuos da nossa especie.

Posteriores descobrimentos de maior alcance vieram porem denunciar novos factos, e por isso se tem por differentes modos dividido o conjuncto das épocas caracterizadas por vestigios humanos.

Tres idades da pedra estão reconhecidas, ou estabelecidas para em cada uma serem grupados seus respectivos critérios.

Para não alterarmos o que a este respeito vemos autorizado por naturalistas e archeologos dos mais respeitaveis, seguil-os-hemos de perto, ao ponto de, para maior claresa, reproduzirmos mesmo algumas vezes as suas proprias palavras.

A um homem eminente nas sciencias physicas e naturaes, antigo lente de mineralogia na Escola Polytechnica de Lisboa, e seu actual director que, todos nós, os que frequentámos aquella escola, tivemos por mestre abalizado e distincto, deve este paiz, a par de outros muitos e importantes serviços, uns trabalhos de grandissimo alcance, como jamais se haviam emprehendido na nossa terra, ácerca da archeologia prehistorica. Referirmo-nos ao sr. conselheiro doutor F. A. Pereira da Costa, e ás suas duas Memorias, uma intitulada «Da existencia do homem em epochas remotas no valle do Tejo – Noticia sobre os esqueletos humanos descobertos no Cabeço da

Arruda», publicada em 1865; outra «Monumentos prehistoricos – Descrição de alguns Dolmins ou Antas de Portugal», impressa em 1868, e também a um artigo que no mesmo anno escreveu no n.º V do Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes, sob o titulo de «Noticia de alguns martellos de pedra, e outros objectos, que foram descobertos em trabalhos antigos da mina de cobre de Ruy Gomes no Alemtejo». (7)

Comquanto Martinho de Mendonça de Pina redigisse ácerca das Antas de Portugal uma dissertação, que vem impressa no XIV tomo das Memorias da Academia de Historia Portugueza, e a esta corporação fôsse presente uma relação de 315 Antas, que não chegou á luz da publicidade, escripta pelo franciscano eborense fr. Affonso da Madre de Deos Guerreiro, cujo manuscripto não temos infelizmente podido descobrir, os trabalhos, acima citados, do sr. doutor Pereira da Costa, mostrando a intima relação em que devem ser considerados a geologia, a anthropologia, e a archeologia prehistorica; tendo por fim, não só relacionar e definir os mais antigos instrumentos do trabalho, com designar as epocas em que a especie humana começou a habitar o sólo da nossa patria, constituem por este modo assumpto novo entre nós, e abrem-nos caminho ás proposições que hemos de aventurar com o intuito de provarmos que a extrema região occidental do reino, denominada Algarve, foi habitada por tribus, ou povos, cujos caracteristicos são capitulados como inherentes a individuos que viveram, pelo menos, na epoca da ultima idade da pedra. (8)

«O começo da Primeira Edade da pedra, diz o sr. doutor Pereira da Costa<sup>12</sup>, não está precisamente determinado, e o mesmo succede a respeito do seu termo.» Noutro logar prosegue<sup>13</sup>: «... mas póde affirmar-se pelo estado actual dos conhecimentos a este respeito que viveram homens na Europa no periodo post-terciario, e na época, que se seguiu immediatamente á época glacial, sendo nessa época contemporaneos de animaes cujas raças ou especies estão ha muito tempo extinctas.»

«Duas especies de Elephantes, o *Elephas meridionalis*, e o *Elephas primigenius*, com duas especies de Rhinocrontes, muitas especies de bois, Cavallos, Veados, muitos Carnivoros pequenos, Roedores, e Isectivoros, todos extinctos, viveram n'esse tempo.»

«Chama-se esta época a Primeira Edade da pedra, e correponde para nós á primeira camada do desenvolvimeto da humanidade, que se tem podido reconhecer sobre a terra na Europa.»

Nesta divisão segue o sr. doutor Pereira da Costa com mais particularidade os srs. Lyell<sup>14</sup> e Paulo Gervais<sup>15</sup>, como se vai ver.

«A segunda edade da pedra, continua o sr. Lyell, corresponde a uma Fauna particular que consta de especies extinctas e outras actualmente existentes, que não habitam os paizes em que viviam durante esta edade.»

«As especies extinctas são, entre outras, os ursos, as hyenas, e os grandes gatos das cavernas; as especies que ainda vivem mas retiradas mais para o norte, são a Renna e o Boi almiscarado.»

«O longo decurso do tempo, que estas duas edades da pedra abrangem, é dividido, pelo sr. Gervais, em tres épocas distinctas «paleontologicamente reconheciveis pelas especies animaes que teem sido contemporaneas do homem e veem ajuntar-se á lista das que a historia reconhecia já.» Estas épocas teem por caracter commum a presença de instrumentos de silex: são:»

«1ª A Época do *Elephas meridionalis*, indiscutivel desde a descoberta de silices talhados, feita em Saint-Prest Pelo sr. abbade Bourgeois; mas difficil de separar paleontologicamente da seguinte.»

«2ª A Época do *Elephas primigenius*, que tem por principaes especies este Elephante, os grandes ursos, as hyenas e os grandes gatos das cavernas, etc.»

<sup>12</sup> Monumentos Prehist. Pg. 39.

<sup>13</sup> Idem, pg. 38.

<sup>14</sup> Lyell – L'Ancienneté de l'homme.

<sup>15</sup> P. Gervais – L'Homme fossile dans le bois du Languedoc.

«3ª A Época da Renna utilizada, que tem por caracter – restos de ossos fracturados d'este Ruminante; parece que foi no decurso desta época que se extinguiram as grandes especies precedentemente citadas, e com effeito acham-se em certos logares as suas ossadas associadas aos ossos fracturados da Renna assim como aos paus d'este animal trabalhados pela mão do homem.»

(9)

«A ultima edade da pedra, 3ª segundo o sr. Lyell, 4ª segundo o sr. Gervais, é a época das palafittas ou das habitações lacustres e das turfeiras da Dinamarca e tambem segundo o sr. Lyell a epoca dos principaes Dolmins. Esta época é posterior a extinção dos grandes quadrupedes, e tambem á retirada da Renna para paes situados mais para o Norte d'aquelles que habitara na época anterior. Os machados de pedra são polidos, e não lascados como eram nas épocas anteriores: os ossos de animaes são pertencentes a especies actualmente viventes, mas reconhece-se que existiam nessa época na Europa central bois selvagens, e grande abundancia de bestas, feras, se bem que especificamente identicas ás que hoje existem.»

«Á edade da pedra polida seguiu-se a edade do bronze, cujos caracteres, são, com pequenas differenças, os mesmos em toda a Europa occidental.»

Eis aqui portanto o quadro, que mão de mestre deixou traçado para apresentar a feição dominante de cada uma das idades da pedra. Com a devida venia nos servimos das suas mesmas palavras, porque ellas representam os principios estabelecidos por dois dos mais respeitaveis geologos, que sem duvida alguma seguiriamos, se os seus trabalhos respectivos a esta especialidade não tivessem já sido compendiados pelo sr. Dr. P. da Costa; e para não termos de plagiar, affectando e deixando presumir que este estudo era propriamente nosso, preferimos francamente reproduzir com fidelidade o que já se achava escripto, tanto para nos servir de base á doutrina que temos a expender, como para melhor comprehensão dos leitores, quando mais adiante houvermos de relacionar e descrever os instrumentos de pedra, descobertos no Algarve.

Este grande periodo das idades da pedra, cujos limites não estão definidos com rigorosa clareza, deverá porventura vir a soffrer nova divisão um tanto diversa, quando maior numero de descobrimentos geologicos se poder effectuar, não só na Europa, como no continente africano, e sobre tudo nessas vastissimas regiões da Asia, que as letras sagradas proclamam e a sciencia moderna reconhece como originaria patria da humanidade.

E porque a todo o correr da penna aventuramos esta proposição, parece-nos poder aqui registrar umas interessantes descobertas, que ha poucos annos conseguiu fazer o sr. Carlos Ribeiro, distincto engenheiro nosso compatriota, as quaes já certamente haverão sido julgadas pelos homens competentes, por isso quem a este respeito corre impressa uma Memoria sua intitulada «Descripção de alguns silex e quartzites lascados encontrados nas camadas dos terrenos terciario e quaternario das bacias do Tejo e Sado», apresentada á Academia Real das Sciencias de Lisboa e publicada em 1871.

O sr. Carlos Ribeiro, propôz-se: «reconhecer pelo exame dos factos geologicos, quaes tinham sido os movimentos mais importantes occorridos no nosso solo depois da abertura dos valles de primeira ordem que actualmente o cortam, e indicar quaes desses movimentos foram contemporaneos da especie humana»; e explorando os terrenos das bacias do Tejo e Sado, descobriu dentro do valle do Tejo, no Cabeço d'Arruda, em Salvaterra e outros logares, restos de esqueletos humanos, de animaes vertebrados e molluscos, bem como varios silex e quartzites lascados, uns na parte mais antiga do terreno terciario lacustre, segundo a sua classificação, e outros nos terrenos pertencentes ao periodo quaternario.

Nesta Memoria diz porém o seu auctor (p. 46): «... é preciso que as camadas onde se tem encontrado vestigios da existencia do homem, tenham uma determinação geologica acima de toda a controversia.»

Não conhecemos esses terrenos terciarios em que o sr. Carlos Ribeiro descobriu vestigios de industria humana; nem nos consta que uma tão sorprendente novidade haja suscitado controversia, ou recebido na Europa o acolhimento dos sabios, ao lerem na citada Memoria do illustre engenheiro, pag. 8 e 54: «... está demonstrado que o homem já existia quando se formaram as camadas miocenes...»; finalmente, não emittimos oppinião alguma a este

respeito, já porque um assumpto de tal ordem não temos sufficeinte competencia, já porque o trabalho, que nos impozémos, de colligir e coordenar todos os possiveis vestigios dos povos que senhoreavam a zona do Algarve, não reclama, em vista dos objectos até agora alli trazidos ao nosso exame, que tão longe levemos as nossas averiguações.

(10)

Se effectivamente a determinação geologica desses terrenos terciarios, de que falla o sr. Carlos Ribeiro, está acima de toda a controversia, as descobertas do sr. Boucher de Perthes e de todos os mais geologos e archeologos de maior nomeada, passarão a occupar um logar muito secundario, por isso que a archeologia prehistorica terá de soffrer uma radical revolução.

Nesta hypothese, novos principios deveriam firmar-se; novas conclusões nasceriam destes principios, e uma nova divisão reclamaria o mui nebuloso e vago periodo da existencia humana.

Por este modo ficaria provado:

1.º Que tendo apparecido instrumentos de trabalho em depositos dos periodos miocéne e pliocéne da epoca terciaria no solo de Portugal, nesta região tinham vivido homens muito anteriormente á epoca quaternaria.

2.º Que o homem europêo, ou íncola da Europa, de origem muito mais antiga do que até ha pouco se julgava, tivéra por contemporaneos, no antigo e novo mundo, não só todos os individuos das opulentas faunas pliocéne, e miocéne, como os da fauna Eocene<sup>16</sup>.

E proclamada assim de origem eocéne a existencia humana perante os mais celebres geologos e archeologos da Europa, que só a tinham podido reconhecer dentro dos limites da epoca quaternaria, quando muito, a não ser que ainda haja quem a possa vincular nas ultimas camadas da epoca secundaria, apenas ficaria occulto ao naturalista o conhecimento das faunas e floras que occuparam os antigos depositos sedimentares, que a acção plutonica transformára em rochas metamorphicas, destruindo inteiramente todos seus vestigios organicos.

Se os sabios (???) sanccionar a significação que o sr. Carlos Ribeiro dá ás suas descobertas juntando-se estas de outras já verificadas no territorio patrio, o largo periodo das idades da pedra poderia ser dividido em tres epocas distinctas, representadas:

1ª Pelos silex e quartzitos lascados, descobertos no denominado terreno terciario lacustre dos valles do Tejo e do Sado.

2ª Pelos instrumentos de pedra lascados, associados ou não a restos humanos, descobertos nos depositos sedimentares do terreno quaternario.

3ª Pelos instrumentos de pedra polida, encontrados em cavernas, grutas, minas antigas<sup>17</sup>, dispersos no sólo, nas camaras sepulcraes dos Dolmens ou Antas, e por estes mesmos monumentos.

<sup>16</sup> A epoca terciaria é ordinalmente dividida em tres periodos, denominados Eocéne, Miocéne, e Pliocéne, sendo cada um delles representado por diversas especies de animaes, umas extinctas, e outras ainda existentes.

No periodo Eocene distinguem-se entre as especies principaes o Palaeotherium, pachyderme herbivoro; o Anoplotherium, chamado o fossil de Montmartre, e o Xiphodon gracile, outro pachyderme de Montmartre, mui semelhante á gazella.

No periodo Miocéne viveram o Pithecus antiquus, e o Dryopithecus, pertencente ao grupo dos Orangutangos, mui parecido com o homem. Os macacos surgem nesta idade da terra. O Dinotherium (hoje extincto), o maior entre os quadrupedes do mundo antigo, e o Mastodonte Miocene, muito maior que o elephante de Africa, assim especificado para se differenciar do de Turim.

No periodo Pliocéne são especies principaes o Rhinoceros tichorynus, com duas armas córneas sobre o nariz, maiores que as das especies vivas de Africa e Sumatra, differenciando-se da especie actual da India em ter esta uma só arma; e o Sivatherium, veado gigante, fossil, descoberto nas serranias d'Himalaya. Neste periodo apparecem numerosas especies de macacos, extinguindo-se o Mastodonte Miocene, que tinha quatro defezas, e differe do de Turim em ter este só duas e ser do periodo Pliocene. Outras especies deste periodo existem ainda, como são Hippopotamo, o camello, cavallos, bois, veados, etc.

<sup>17</sup> Referimo-nos aqui aos martellos de pedra polidos, encontrados na mina de Ruy Gomes, no Alemtejo, e em outras de Hispanha, ácerca dos quaes corre impressa uma noticia do sr. dr. F. Pereira da Costa, no n.º V de 1888 do Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes, publicado pela A. R. das Sciencias de Lisboa, em que tambem temos collaborado.

Como porém já acima dissemos que no Algarve não têm apparecido até hoje objectos capituladamente anteriores á chamada ultima idade da pedra, vamos apenas applicar ao nosso assumpto os principios que ficam rapidamente expeditos, deixando aos escriptores auctorisados a apreciação de todas as descobertas feitas em diversas regiões do reino.

Primeiro que tudo é mister declararmos que nenhuma exploração archeologica foi ainda emprehendida methodica e systematicamente em logar algum do Algarve; e sendoportanto alli o apparecimento de certos objectos antigos, de que vamos fallar, devido a causas accidentaes, apenas pelas vagas noticias que a respeito de cada um podêmos obter, e sobretudo pela analogia que mostram com os que hão sido explorados e competentemente classificados neste e n'outros paizes da Europa, é que os poderemos definir, e ainda assim com muita reserva.

A exploração rigorosamente scientifica é indispensavel em trabalhos desta natureza, porque só dos seus resultados se podem tirar fundamentadas conclusões. Por este modo foi pois que o sr. Boucher de Perthes conseguiu determinar as successivas raças que habitaram o Valle do Somme<sup>18</sup>. (11)

Tomando-se por termo médio do sólo do valle diz o sabio investigador, uma altura de 2 metros sobre o nivel do Somme, de 30 a 40 centimetros da superficie achavam-se mais copiosamente os vestigios da idade média; 50 centimetros abaixo começaram a patentear-se os restos romanos, e em seguida os gallo-romanos; continuando-se por mais um metro, até o nivel do Somme, ainda estes restos foram apparecendo; descendo-se desta cóta mais dois metros, se manifestaram sem interrupção os vestigios gaulezes genuinos, como prova da longa habitação que alli tinham tido aquelles povos, proseguindo ainda o córte do terreno com mais um metro de profundidade, descobriu-se o sólo chamado celtico, que os gaulezes primitivos exploraram, ou os povos que os precederam; e finalmente, como leito deste ultimo sólo, appareceram as camadas diluviaes inferiores, de varia espessura, chegando algumas vezes até á superficie.

Que outros povos mais antigos que o celtico occupavam varias regiões da Europa, não ha duvida alguma; e é o sr. Boucher de Perthes quem o confirma no tom. II. p. 107 da sua citada obra, dizendo que os celtas exploraram em meio das camadas diluviaes os instrumentos de silex para varios usos, como para suas solemnidades funebres, e manufactura de suas armas.

Já se vê portanto, que os instrumentos prehistoricos provenientes do Algarve, por isso que não foram descobertos em excavações de tal ordem, apenas poderão ser classificados por comparação com aquelles, cuja epoca se achar designada; mas ainda assim ficará muito vaga esta classificação, por não ser possivel indicar o periodo geologico a que pertencem.

Se algumas explorações archeologicas chegarem a ser emprehendidas no Algarve mediante as regras e preceitos que nestes estudos são indispensaveis, outros descobrimentos de maior alcance premiarão provavelmente essas fadigas; nem menos se póde esperar de um terreno que já tantas provas de antiguidade patenteia, sem jamais terem sido intencionalmente procuradas. (12)

Assás conviria talvez, nessa occasião, explorar tambem as furnas, ou cavernas comprehendidas na linha da costa do sul, entre o Cabo de S. Vicente e a enseada de Albufeira; pois deve notar-se que algumas dessas cavernas, hoje um tanto invadidas pelas aguas do mar não o deveriam ter sido em tempos antigos; antes pelo contrario estariam a maior distancia do oceano, se tivermos em vista que em frente da aldeia de Budens ha manifestos indicios de ter existido um grande povoado ou cidade, que o mar de ha muito absorveu, e que na mais baixa (13)

praia de Quarteira ha iguaes provas de ter havido povoação romana, cujas ruinas jazem no dominio das ondas; o que nos leva a concluir que a configuração da costa do Algarve após o dominio romano tem gradualmente soffrido algumas alterações hydrographycas; porquanto sabendo-se que essas duas localidades da costa, hoje submersas, foram em outro tempo florescentes logares de habitação, poderiam as ditas furnas ou cavernas, devendo (14)

<sup>18</sup> Antiquités Celtiques et Antédiluviennes, tom. I. p. 165.

igualmente estar fóra do alcance das aguas, ter sido utilizadas por algum povo antigo, o qual se possa ainda hoje reconhecer pela natureza dos vestígios que deixasse.

Os exploradores dessas furnas deverão mui cuidadosamente examinar se lá existem ossos humanos, ou de animais, instrumentos de pedra, como silex lascados ou machados polidos, de formas semelhantes às que representamos na estampa n.º 1, fragmentos de louças grosseiras<sup>19</sup> e mesmo objectos de metal, onde osso trabalhado de algum modo<sup>20</sup>, colligindo tudo isso, e tomando nota da maneira porque esses objectos se acham dispostos, quando não seja possível proceder-se ao levantamento da respectiva planta.

Por enquanto só nos rudes labores da terra tem o agricultor encontrado em diversas localidades do Algarve varias pedras, n'um extremo quasi ponteagudas, e no outro como aparadas em gume visivelmente produzido por meio da fricção. Variam muito de dimensões estes instrumentos, e referindo-nos aos exemplares que hemos visto, e de que adiante daremos contorno, ver-se-ha que com elles se poderia formar uma escala de diferentes grandezas, compreendida entre 41 milímetros e 35 centímetros.

São dezanove diferentes formas dessas pedras, a que os camponeses do Algarve, como de outros muitos paizes, chamam pedras de raio, que vamos representar; uma pertence ao sr. A. C. Teixeira de Aragão; tres á collecção de objectos prehistoricos adicionada ao museu da Escola Polytechnica, e quinze ao incançavel collector de antiguidades o sr. Joaquim José Judice dos Santos.

(15)

Estes exemplares foram achados nos campos de Monchique, Lagos, Portimão, Ferragudo, Estombar, Lagôa, Loubite, Silves, Algoz, Estoi, e Antas, como vão designados na respectiva estampa; e tendo-se á vista a carta corographica do Algarve, poderemos desde já notar duas circumstancias: primeira, que a existencia dessas pedras foi verificada em toda a zona do Algarve compreendida entre Monchique, Lagos, e o sitio das Antas, uns 6 kilm. A SO de Tavira; e segunda, que a mais abundante descoberta destas pedras se tem até agora verificado na ária compreendida entre Lagos e a rib. de Algoz, tendo por pontos extremos ao norte, Silves e Monchique; o que nos parece indicar que nesta parte do Algarve habitou por mais tempo, ou em maior numero o povo que se servia de taes instrumentos.

---

<sup>19</sup> A origem da ceramica perde-se nas trevas dos tempos mais antigos; por isso a aparição de fragmentos de louça, em cavernas, sepulturas, ou em excavações de terrenos pertencentes a uma antiga formação geologica, é objecto sobre modo interessante para o estudo da archeologia.

Pretende o sr. Boucher de Perthes que os productos ceramicos são comtudo muito posteriores á existencia humana, dizendo que os primeiros vasos fabricados pelo homem seriam de folhas de plantas capazes de conter a agua, de certos frutos de involucro lenho, de varias especies de cortiça, etc.; e que por isso não se póde afoitamente concluir, que uma determinada região, pelo facto de não manifestar vestígios de louça, não fóra habitada nos tempos primitivos. Estes distincto auctor remonta a uma epoca anterior á celtica o uso da ceramica, e cita um vaso e um fragmento de outro que encontrou em 1840 na massa de areia diluviana de Menchecourt, a 7 ou 8 metros da superficie, feitos de uma argilla escura, pouco espessa e muita fraca, em tudo diversos dos que havia colligido em sepulturas celticas; o que o levou a julgar-os anteriores á epoca celtica. São toscos e lisos os vasos mais antigos; e isto mesmo o testifica o dito auctor, dizendo que em jazigos celticos não viu jamais louça alguma com o minimo signal de lavor em figuras ou baixo relevo, o que só começa a paten-tear-se á medida que se começa a explorar o terreno gallo-romano. O sr. Boucher de Perthes, segundo a opinião de M. Féret, designa as margens do mar e dos rios como logares em que com mais frequencia apparecem urnas cinerarias ou religiosas pertencentes a epocas as mais remotas. – *Antig. Celtiques et Antédiluviennes*, tom. I. cap. V.

<sup>20</sup> A aparição de instrumentos de osso é sempre interessante e de muita significação archeologica quando verificada em certas e determinadas condições, por isso que o seu uso primitivo tem origem n'uma época immemorial.

No tomo I das suas *Antiquités Celtiques et Antédiluviennes*, p. 103, refere o sr. Boucher de Perthes haver descoberto alguns punhaes, ou puncções de osso na exploração das turfeiras e depositos arenosos, e nota que estes instrumentos são de tal dureza, que podem penetrar como se foram de ferro. Ignora porém se tal dureza é devida á acção do tempo e das condições em que se acharam, ou a alguma preparação, como mais provavel lhe parece por, não se verificar este facto nos ossos achados em identicas condições, mas não trabalhados por mão de homem, acrescentando que estes instrumentos eram feitos geralmente das armas e tibias dos veados, dos tarsos ou canellas de bois, dentes de javali, peroneus humanos, e mais raramente de cubitos, cana do braço, e radios, e que em sepulturas teem sido achados sem o minimo indicio de haverem sido usados.

Mas que significam para a sciencia essas pedras, que não poucas vezes passam como desapercbidamente envoltas nas cavas e sorribas, e a que alguns trabalhadores do campo attribuem a singella virtude de com ellas poderem preservar dos raios o seu domicilio, sendo por outros consideradas como pedras de toque?<sup>21</sup>

Ha muitos annos que os mais celebres antiquarios tratam de discutir entre si quaes teriam sido os fins para que essas pedras foram visivelmente preparadas por um ou mais povos desconhecidos.

Sendo mui vulgar na Europa o apparecimento desses instrumentos, que os archeologos inglezes denominam celts, os francezes haches, os hispanhoes hachas, e nós outros machados de pedra, não poucas vezes hão sido descriptos, e suscitado varias presumpções ácêrca doseu originario emprego.

M. Begin, na sua Histoire des sciences, des lettres et des arts, diz que a madeira e a pedra foram os materiais, que serviriam para a construcção dos primeiros utensilios, e das primeiras armas de aggressão e defeza, e que os metaes só começariam a ser utilizados, para estes e outros destinos, desde que a industria natural do homem os foi descobrindo na terra, e começou a conhecer o meio de os aproveitar.

Os instrumentos de madeira não poderam porém resistir á continua acção destruidora do tempo, e por isso não ha possibilidade de os reconhecer mas não aconteceu assim aos silex e quartzites lascados com formas de facas, de pontas de lanças, de armas de arremesso, e até de figuras symbolicas, os quaes parecem ter sido as primeiras obras de pedra produzidas pela industria do homem, e que os machados de pedra, não lascados, mas polidos por meio do attrito, seriam logo posteriores productos de um trabalho menos barbaro.

A este respeito poder-se-ia, porém, impugnar esta geralmente professada opinião, tendo-se em vista que esses instrumentos, sendo destinados para usos diversos, poderiam conjuctamente existir n'uma determinada epoca em que todos se julgassem precisos; e para que esta presumpção não corra sem algum fundamento, citaremos o que a este respeito refere um archeologo conceituado e distincto.

Diz M. de Caumont, no seu Cours d'Antiquités Monumentales, (tom. I. p. 281), auctor que muitas vezes hemos de citar, que nos chamados tumulus, antigos jazigos de varias formas, geralmente cobertos de monticulos de terra e calhãos, teem apparecido, bem como nos Dolmins, punhaes de silex de dois gumes cortantes terminando em ponta, facas da mesma substancia, instrumentos de outras materias, e machados de pedra mais ou menos toscos, e polidos; e que não só este conjunto se tem verificado nos tumulus, como em logares que parecem ter sido habitados por povoações gaulezas.

Daqui podemos inferir, que os tumulus, os Dolmins, e esses logares que offerecem os mesmos objectos, poderão pertencer ao periodo de transição da pedra talhada para a pedra polida, ou que teriam sido invadidos e utilizados posteriormente por um povo menos antigo. Por quanto, tendo os silex e quartzites lascados apparecido sempre em terrenos de uma formação geologica muito mais antiga do que os logares em que apparecem machados de pedra polida, o facto de se acharem com estes associados, mostra que na ultima idade da pedra estavam em pleno uso; e que este uso ainda se prolongou até á chamada idade do bronze, ou pelo menos até o periodo de transição da ultima idade da pedra, parece poder comprovar-se, tendo-se em vista uma ponta de lança de cobre encontrada com facas de silex lascadas e varios fragmentos de uma louça escura e grosseira, na chamada Casa da Moura, ou Gruta de Cesareda em Portugal, como verificámos na secção de archeologia prehistorica do museu da Escola Polytechnica; e bem assim outras similhantes armas do mesmo metal com fragmentos da mesma louça grosseira, que o sr. D. Manoel de Góngora y Martinez, nas suas Antiguedades Prehistoricas de Andaluçia repre-

---

<sup>21</sup> O machado de serpentina, achado no sitio das Antas, actualmente possuido pelo sr. Teixeira de Aragão, revela indicios de já ter servido como pedra de toque. A este respeito diz o sr. D. Manoel de Góngora y Martinez no seu interessante livro das Antiguedades prehistoricas de Andaluçia, publicado em Madrid em 1868, referindo-se aos machados de pedra achados nas minas de Albuñol, que os mineiros «supusieron que estas hachas eran piedras de toque, asi como el vulgo las cree piedras de rayo en otras partes. pag. 52.» São portanto communs estes vãos preconceitos entre os povos das duas nações visinhas.

senta e descreve como havendo extraído esses objectos do Dolmen de los Eriales, onde tambem achou uma argolinha de cobre e ossos humanos.

Não nos constando porém que no Algarve tenham sido colligidos instrumentos de silex lascados, expenderemos apenas ácerca dos de pedra polida, os usos que lhes são attribuidos.

Uma cousa notavel refere M. de Caumont no seu Cours d'Antiquités Monumentales, (tom. I. p. 216) a respeito dos machados polidos.

«Quando se comparam, diz o sabio archeologo, os machados e as flexas gaulezas com esses instrumentos achados entre as populações selvagens da America, da Nova Hollanda, da Nova Zelandia, etc., fica-se admirando a sua paridade em forma e materia. Esta observação prova que em todas as partes do Universo as artes têm tido um berço semelhante; em todas as invenções e seu aperfeiçoamento o genero humano sómente seguiu um caminho, que é o indicado pela natureza.»

Sabendo-se portanto que uso fazem esses actuaes povos selvagens dos machados de pedra, poder-se-ia ajuisar do que teriam tido na Europa nos mais antigos tempos da sua fabricação.

M. de Caumont, na mesma citada obra (tom. I. p. 220), recopilando as opiniões expendidas pelos archeologos que o precederam neste estudo, e emitindo o seu parecer, diz finalmente: «O machado de pedra podia, segundo as circunstancias e talvez segundo as suas dimensões, ser uma arma de guerra, um instrumento de sacrificio, ou servir para retalhar uma preza. Tudo leva a acreditar que os machados de pedra de pequenas dimensões, cujo effeito seria quasi nullo como arma de defeza, fôra empregado em cortar carnes, ou n'outros quaesquer usos quotidianos.»

Outros antiquarios pretendem tambem que fôsem instrumentos de trabalho; que servissem para diversos misteres, e sobretudo para derrubarem a lenha das arvores, sendo encabados em hastes de madeira, fundidas n'uma extremidade, e ahí entalados e ligados com tiras de couro, como os representa o sr. L. Figuier n'uma estampa ideal da vida primitiva do homem em meio da natureza<sup>22</sup>.

Fica em todo o caso consignado o facto de terem apparecido em diversas localidades do Algarve machados de pedra polidos. § Se hão tambem sido decobertos alguns silex lascados, ou outros instrumentos de pedra lascados, não o podemos asseverar, nem indagar na occasião em que escrevemos ácerca deste assumpto.

Existem Dolmins, ou Antas em terrenos propriamente do Algarve, pelo menos indicios denunciativos, ou noticias da sua construcção?

(17)

Podemos com plausivel fundamento presumir que em antigos tempos alli houvesse alguns destes monumentos, actualmente destruidos, ou desfigurados.

Um dos fundamentos desta presumpção é pois o seguinte:

Sobre o flanco esquerdo do rio, que da barra de Tavira corre n'uma extensão de doze a treze kilometros até á da Fuzeta, quasi no centro, um tanto elevado em relação ao nivel do mar, desta facha litoral, cuja largura poderá marcar-se entre a margem do mesmo rio e a linha da nova estrada real, tres sitios ha de muita importancia archeologica para o conhecimento das antiguidades do Algarve, um denominado Praia de Santa Lusía, outro as Antas, e o ultimo, contiguo a este, Torre d'Ares, ou Torre de Ayres, a alguma distancia da Fuzeta.

De todos estes sitios fallaremos com particularidade na terceira epoca, que nesta memoria começa com a dominação romana e termina pela invasão dos barbaros do norte no principio do V seculo; mas a respeito do chamado Antas, que tambem tem de figurar na sexta epoca que vai marcada do principio da monarchia até á conquista geral do Algarve, convêm que desde já se expendam algumas considerações.

No reinado de D. Sancho II, já o sitio das Antas era conhecido por este nome. Duarte Nunes de Leão<sup>23</sup>, referindo um notavel caso que precedera a tomada de Tavira aos mouros em 1242, de que em seu logar se dará

<sup>22</sup> La terre avant le déluge – p. 421 – 1866.

<sup>23</sup> D. N. de Leão – Chron. Del Rei Dom Affonso o Terceiro, pag. 286 – 1774.

noticia, conta que achando-se em Cacella os cavalleiros de Santiago, o commendador-mór da ordem D. Pero Rodrigues, «disse a outros cavalleiros, que pois estavam em tregoa com os Mouros, fossem ao lugar das Antas, a caçar com suas aves, que era no termo de Tavila, & distava do lugar onde estavam a tres legoas.» E mais adiante acrescenta: «Com esta confiança, o Commendador-moor & cinco cavalleiros da ordem com elle, se partirão de Cacella. E levando caminho direito a Tavila, passarão pela ponte, & entrarão & seguirão pelo meo da praça della, & chegarão aas Antas, hũa legoa da villa, junto da ribeira, onde começarão a caçar,...»

No 1.º dos tomos velhos da camara de Tavira, acha-se registrada, de pag. 207 a 213, como no 1.º dos tomos reformados, de pag. 3 a 9, uma memoria com o titulo de «Coroniqua de como Dom Payo Correa Mestre de Santiago de Castella tomou este reino do Algarve aos moros», que fr. Joaquim de Santo Agostinho publicou precedendo-a de uma introdução, no tom. I das Mem. de Litteratura Portugueza. Naquella chronica inedita e sem nome de auctor, mas que por varias razões deve julgou-se escripta anteriormente no reinado de D. Manoel, é em diversas partes citado o nome das Antas como proprio do logar em que começou a traiçoeira peleja que deu origem immediata á tomada de Tavira, diz pois seu auctor: «... então se partio o commendador com outros symquo cavalleiros e vierão direitos pello caminho da villa e chegarão as antas huma legoa de Tavira acerqua da ribeira e dali começarão andar a caça...» Noutro logar, referindo como logo de Cacella partiu D. Paio Peres Correa em socorro dos caçadores Christaons, acrescenta: «... e tam ciozo hia por lhes socorrer que não ouve sentido de tomar a villa (Tavira) que bem podera tomar se quisesse e quando chegou as antas...»

Manoel de Faria e Sousa<sup>24</sup>, descrevendo com galhardo estilo em lingua castelhana o mesmo heroico successo, dá o nome de monte da aldeia das Antas ao logar a que nos hemos referido, servindo-se destas palavras: «En los dias dellas, (das tregoa pedidas pelos sarracenos) se fue el Comendador D. Pedro Perez<sup>25</sup> con cinco Cavalleros a lograr el alivio de la caça por el monte de la Aldea de Antas, para donde passó por Tavira, Ciudad de Moros.»

«O commendador mór de Sant-Iago D. Pedro Rodrigues, diz fr. Vicente Salgado<sup>26</sup>, a pezar dos conselhos, e sentimentos graves do Mestre D. Paio, sahio hum dia á caça com cinco dos seus Cavalleiros, dirigindo os passos ao lugar das Antas, ainda além de Tavira.» E com descuidadoso criterio acrescenta n'uma nota: «Póde ser que este logar tenha semelhante nome de Antas por abundar nesta caça<sup>27</sup>.»

Outros muitos escriptores, fallando da conquista de Tavira, citam igualmente o logar, ou sitio das Antas como aquelle em que a peleja tem origem; crêmos porém ser desnecessario reforçar com uma serie de autoridades a muita e jamais contestada antiguidade deste nome, que ainda hoje se conserva, mais especialmente n'uma propriedade rustica, denominada Quinta das Antas<sup>28</sup>, e com o qual se vê marcado o proprio sitio na Carta Corographica do Reino do Algarve, publicada em 1842 por nosso coprovinciano J. B. da Silva Lopes.

Repellimos a presumpção de que fr. Vicente Salgado deriva hypotheticamente o nome daquelle sitio como destituido de todo o fundamento, por isso que os corpulentos mammiferos chamados Antas nunca figuraram na fauna de Portugal; pois bem mais racionalmente parece poder-se conceber que ao dito sitio, logar, montes ou aldeia, como lhe chama Manoel de Faria e Sousa, referindo-se ao que seria na primeira metade do XIII seculo,

<sup>24</sup> M. de Faria e Sousa – (...) Portug. Tom. 2.º pg. 1 e 2 – Lisboa, 1679.

<sup>25</sup> A maioria dos aut. Consultados chama Pero, ou Pedro Rodrigues ao commendador ????

<sup>26</sup> Fr. V. Salgado – Mem. Ecll. do R. do Algarve, pg. 293.

<sup>27</sup> Não é admissivel que existissem Antas no sitio assim chamado. «Antas a. – Anta, animal quadrupede, a que o gentio do Brasil chama Tapijerete: he do tamanho de hum bezerro de seis mezes, a figura he de porco, mas com a cabeça mais grossa. Daim lhe chamam os francezes. Novo Dicc.. das linguas portug. e franc. Pelo padre Joseph Marques – 1764 – Lisboa.

<sup>28</sup> A quinta das Antas foi por nosso segundo tio Valentim Thimotheo de Mendonça da Veiga e Velho, familiar do santo officio de Evora, deixada em testamento ao nosso tio Francisco de Paula Fernandes Estacio da Veiga, Fidalgo da Casa Real, que nasceu em 5 de fevereiro de 1801 e falleceu em 6 de março de 1815, na Capella dos Terceiros de S. Francisco de Tavira. A quinta das Antas coube então por herança á nossa avó D. Maria Barbara Curiaca Benedita Angelica de Mendonça da Veiga e Velho. Hoje pertence ao sr. João Luiz de Mendonça e Mello, nosso parente por afinidade, filho do general Luis de Mendonça e Mello.

ficaria o nome por que sempre foram conhecidos neste paiz certos monumentos sepulcraes, cujo nome deixaram vinculado em muitos logares<sup>29</sup> de outras provincias, como assim já foi notado por Martinho de Mendonça de Pina, n'uma assás noticiosa dissertação acerca das Antas do nosso territorio, e como se vê no Dicc. Geogr. de Antonio Patricio, Lisboa – 1822, onde se designam doze logares com o nome de Anta, e 17 com o de Antas, todos no nosso reino; não sendo porém (...) o do Algarve por não ter população propria; e accresce uma circumstancia digna de attenção, e é que os ditos vintenneve logares assim chamados pertencem, desde a Estremadura até á provincia de Entre Douro e Minho, a uma zona, em que por assim dizer se acha concentrada a maioria dos Dolmins, ou Antas de Portugal.

Para levarmos mais longe nem a mais miudo exame este assumpto, limitar-nos-hemos a dizer, que é opinião seguida pelos archeologos, que o nome de Antas referido a um lugar, muito embora não haja ver de um Dolmin, dever ser recebido como indicação tradicional de terem nesse lugar existido taes monumentos. Deste voto é tambem o sr. Vilhena Barbosa, escriptor muito conhecido e bem reputado; pois n'uma carta dirigida ao sr. visconde de S. Januario, publicada na muito interessante memoria do sr. doutor F. A. Pereira da Costa acerca dos Monumentos Prehistoricos de Portugal, pg. 92, diz: «...no districto do Porto não me consta que exista monumento algum celtico ou outro qualquer padrão prehistorico. Que os possuiu, não ha que duvidar. O nome de Antas dado a uma pequena aldêa, freguezia de S. Cosme e S. Damião de Germunde, e o de Antas porque é conhecido um monte junto dessa cidade (Porto) attestam aquella existencia, pois que os nossos antepassados chamavam Antas ou Anta a essas aras celticas. Mas creio que não resta dellas mais vestigio que esse nome, e julgo que o mesmo acontece a numerosos logares...»

Em vista, pois, destes principios estabellecidos e da immemorial origem do nome ainda conserva o dito sitio entre Tavira e Fuzeta, não haverá grande perigo de cair em erro dizendo-se que naquelle sólo deve ter existido algum, ou alguns desses colossaes monumentos de pedra não trabalhada, chamados Antas ou Dolmens, e não se póde impugnar esta proposição com o fundamento de parecer improprio de taes monumentos aquelle sitio; porquanto diz a este respeito M. de Caumont no seu Cours d'Antiquités Monumentales (tom. I. p. 77):

«Os dolmens encontram-se ordinariamente isolados, com quanto alguns se tenham achado reunidos em grupos de dois, tres, e quatro, com mais frequencia acham-se nas charnecas e bosques sobre elevações naturaes; mas tambem os ha em logares baixos e bréjosos, e alguns collocados sobre outeiros artificiaes.»

Nomearemos ainda outra localidade do Algarve onde tambem se póde presumir que ja houve taes monumentos, como em breves palavras vamos indicar.

O sr. Doutor Pereira da Costa diz (pg. 95) que não se recorda de ter visto no Algarve monumento algum dos chamados Antas, nem lhe consta das informações que obteve de diversas pessoas, que se tenham alli descoberto; cita porem a seguinte nota, que o sr. barão de Bonstetten deixou escripta a este respeito a pg. 40 do seu Essai sur les dolmens, 1865: «Strabão parece alludir aos dolmins nesta passagem sobre o promontorio sagrado, hoje Cabo de S. Vicente, Portugal: Lapides multís in locis termos aut quaternos impositos» (L. III. Hispania.)

E nada mais diz do Algarve.

Esta noticia legada á posteridade por um auctor, que, vivendo ha mais de dezoito seculos, viajou pela maioria dos paizes e logares que nos deixou descriptos nos dezasete livros de que se compõe a sua Geographia<sup>30</sup>, não póde deixar de ser recebida sem reserva.

Antes do sr. barão de Bonstetten<sup>31</sup> alludir a esta passagem de Strabo como para indicar que no Cabo de S. Vicente deveriam ter existido alguns Dolmins, já nosso fr. Bernardo de Brito<sup>32</sup> a havia aproveitado, infelizmen-

<sup>29</sup> Acha-se esta dissertação de Mendonça de Pina no XIV tom. das Mem. da Academ. de Hist. Portug.

<sup>30</sup> Strab. Geogra. – Amsterdam, 1707 – 2 vol.

<sup>31</sup> Essai sur les dolmens, 1865.

<sup>32</sup> Monarch. Lusit. Liv. Segund. Pg. 75.

te para querer provar uma das numerosas invenções que enchem os trinta primeiros capitulos da sua, em grande parte, idealisada Monarchia Lusitana. Fr. Bernardo diz a este respeito:

«Mostravão-lhe tambem (os habitadores do Cabo de S. Vicente a Hanon) grandes montes de pedra, juntos alli de tempo antiquissimo, (de quem falla Strabo) reprovando a opinião de Ephoro<sup>33</sup>, que negando haver alli templo, (dedicado a Hercules) constava só destes cumulos de pedra: & dizia delles, que os ajuntarão os Deoses por sinal & limite de se concluyr o mundo.»

A apreciação que Ephoro fizera, uns tres e meio seculos antes de Christo, dos taes montes de pedra do sagra-do promontorio, comprovada pela refutação de Strabo, que viveu nos tempos de Augusto e Tiberio, mostra que existiam alli essas «Lapides multis in locis ternos aut quaternos impositos», ha proxivamente dois mil trezentos annos; por cujo motivo não deve admirar que dellas, assim como de muitas outras, não haja sequer um só vestigio em nossos dias.

Póde talvez mesmo acreditar-se que essas pedras, de que os escriptores fabulistas e ignorantes do verdadeiro destino para que haviam sido reunidas em monte tiveram noticia pela lição de Strabo, déssem origem á invenção, que propagaram, de serem ellas o signal da sepultura de Thubal, neto de Noé, que todos (...) e mutuamente, pretendem que fôsse o primeiro povoador post-diluviano do torrão da peninsula hispanica, á testa dos quaes figurou em ultimo plano com grande symptoma de piedosa convicção o nosso cisterciense fr. Bernardo, que não hesitou mesmo em designar o anno 2009 antes de Christo como aquelle do fatal passamento de Thubal<sup>34</sup>, cujas principescas qualidades deixou engrandecidas por entre as flores da sua eloquente dicção.

O falso presupposto em que por algum tempo estivemos de já não haver no Algarve manifestos indicios de dominação anterior á romana, fez com que não tratassemos de procurar especial cuidado alguns vestigios de padrões prehistoricos nem instrumentos de pedra; e por isso mui poucos destes instrumentos representados agora.

Sendo muito provavel que algumas provas futuras possam vir em abono de tão interessante assumpto, convirá não encerrarmos de todo esta primeira época ante-historica sem preventivamente fixarmos umas breves reflexões acêrca das chamadas Antas e de outros antiquissimos jazigos, a fim de se poderem reconhecer e apreciar, se um dia alli chegarem a descobrir-se, como é de esperar.

Os Dolmins, ou Antas distinguem-se de todos os monumentos sepulcraes antigos e modernos por uma forma quasi commum, comquanto ainda assim se conheçam alguns diversamente construidos.

Dois ou mais esteios de pedra tosca, erguidos a pino sobre a terra, ou com ligeira inclinação entre si, cobertos por uma ou mais lagens tambem toscas e de varias dimensões, constituem talvez o tipo mais conhecido desses monumentos, não obstante havel-os sem a pedra horisontal chamada mesa. Uma lagem encostada a dois esteios denuncia quasi sempre o logar que dá entrada para a caverna sepulcral, sendo esta outras vezes indicada por duas parallelas fileiras de pedras cravadas no chão. Acham-se ainda alguns dolmens revestidos de muro de pedra sêca desde a base até a mêsa.

Além destes depositos funerarios que são talvez os mais caracteristicos no nosso paiz, nota o sr. doutor Pereira da Costa haver outros, que «se chamam vulgarmente Mamunhas, quando são construidos sobre um monticulo artificial (tumulus).» E falla igualmente de Dolmins cobertos, taes como em Hispanha o de Aguilar na provincia de Alava, e os de Saturnia na Etruria, perto de Orvitello.

---

<sup>33</sup> Ephor. Apud. Strabo lit. 3.

<sup>34</sup> Monarch. Lusit. Liv. Prim. pg. 36 e 37. Neste logar tambem o auctor falla de outros montes de pedra chamados Fieis de Deos, que diz se costumavam levantar em logares ermos, onde matavam alguma pessoa; acrescentando ser costume dos que passavam juntar áquelles montes algumas pedras.

«O povo constructor dos Dolmins, (diz o mesmo auctor, pg. 45) cujo nome a tradição não conservou, parece, segundo a opinião hoje mais geralmente seguida, auctorisando-nos com a do sr. Lyell<sup>35</sup>, ter correspondido á terceira idade da pedra e ao principio da idade do bronze, sendo por conseguinte anterior á idade do ferro.»

Funda-se esta asserção em terem apparecido nas excavações feitas nos jazigos destes monumentos, associados a ossos humanos, machados e outros instrumentos de pedra polidos, e tambem, não em muitos, varios objectos de bronze; (...) nativo são estes os mais modernos.

Durante muito tempo se julgou que os celtas fossem os constructores das Antas, mas a existencia destes monumentos em paizes nunca senhoreados por elles, e a sua escacez na zona mais propriamente celtica da gallia antiga, não permitem semelhante presumpção. Entretanto os archeologos modernos, não achando fundamento para se dar a esse povo incognito o nome de proto-celtas, como alguns adoptaram, preferem denominal-o proto-scythas, seguindo nesta preferencia as considerações do sr. Rodier<sup>36</sup>, reproduzidas pelo sr. dr. Pereira da Costa, o qual, resumindo o estudo que fez acerca deste povo, diz:

«Segundo o sr. Bertrand o povo constructor dos Dolmins era de uma raça rebelde a toda a transformação, e a toda a absorpção pelas raças superiores: esta raça repellida da Asia central para os paizes do norte, seguiu as bordas do Baltico, e demorou-se na Dinamarca: de novo repellida d'ahi, subiu até ás Orcades; depois, descendo pelo canal, que separa a Irlanda de Inglaterra chegou de estancia em estancia primeiro á Gallia e depois a Portugal, e finalmente á Africa, onde os restos destas malaventuradas populações se extinguiram, abafadas pela civilisação que não lhes deixava já logar em parte nenhuma.»

«Os paizes primitivamente occupados pelo homem das cavernas e pelos seus descendentes, depois, pelo povo dos Dolmins, foram emfim occupados por nacionalidades distinctas, constituídas pelas raças historicas, etc.»

Por estas palavras se ficará formando aproximada idéa da significação archeologica das Antas e dos instrumentos de pedra polidos, ou de bronze, que dellas se hão extraído, e que por vezes tambem se acham dispersos na terra, como acontece no Algarve.

Não sendo nosso proposito escrever um curso de archeologia prehistorica, este assumpto poderá (ser) estudado nas obras que hemos citado, e em muitas outras, incluindo uma Memoria.

Memoria do sr. engenheiro Encarnação Delgado ácerca da Gruta de Cesareda, mui digna de ser procurada e lida.

Do pouco que expendemos em referencia em tão vasto assumpto, parece-nos todavia poderem-se deduzir algumas conclusões em relação á archeologia prehistorica do Algarve.

Dissemos que em diversas localidades daquella provincia hão por vezes apparecido certos instrumentos de pedra polidos, que os camponeses denominam pedras de raio; démos em seguida noticia de um sitio entre Tavira e a Fuzeta, conhecido desde mui antigos tempos por logar das Antas, monte das Antas, aldéa das Antas, e hoje pelo de Quinta das Antas, mostrando que estes nomes deveriam servir-nos para revelarem a mui provavel existencia de Dolmins ou Antas naquella zona comprehendida entre o rio e a estrada real; e finalmente referimo-nos ás «Lapides multis in locis ternos aut quaternos impositos», que Ephoro e Strabo dizem ter havido no promontorio sagrado, hoje Cabo de S. Vicente, allusão esta, que o sr. barão de Bonstetten<sup>37</sup> interpreta como feita a Dolmins que tivessem alli existido.

Notámos tambem que os instrumentos de pedra polidos e os Dolmins ou Antas são considerados como criterios archeologicos da ultima idade da pedra, podendo os Dolmins igualmente pertencer á immediata idade do bronze, quando denunciam objectos deste metal.

<sup>35</sup> Lyell - L'Ancienneté de l'homme.

<sup>36</sup> Rod. - Antiquité des races humaines.

<sup>37</sup> Essai sur les dolmens. 1865.

Mostrámos emfim que á ultima idade da pedra pertencem os instrumentos de pedra polidos nos Dolmins, ou Antas; que a esta idade corresponde a epoca das palafittas ou das habitações lacustres e as turfeiras de Dinamarca, e que os ossos dos animaes desta epoca sómente denunciam especies actualmente viventes.

Como consequencia immediata de tudo isto, collocaremos pois no dominio da ultima idade da pedra os instrumentos de pedra polidos, ou pedras de raio, achados no Algarve, associados á presumpção muito plausivel da antiga existencia de Dolmins, pelo menos na proximidade da Quinta das Antas e no Cabo de S. Vicente; e á falta de melhores fundamentos diremos por emquanto que a essa epoca pertence o mais antigo povo que de si deixou vestigios na região do Algarve d'aquem mar, cujo nome verdadeiro jaz para sempre nas indissipaveis sombras dos remotos seculos que nos precedem, embora reservemos a convicção de que outros povos ainda anteriores poderiam ter occupado esse paiz, tão favorecido da benignidade do seu sólo e clima, como da sua excepcional posição geographica; e bem póde ser que esta reservada proposição seja um dia comprovada, se porventura o estudo da archeologia nacional, chegar a merecer entre nós aquelle grau de consideração que de ha muito está logrando nos paizes mais civilizados da Europa, attraíndo a si as attenções das academias, dos sabios, e dos governos illustrados.

Nas estampas I e II vão esboçados os instrumentos de pedra polida, que podemos ver, descobertos no Algarve, e na seguinte relação designaremos o logar em que cada um foi achado e a sua sucinta descripção, restando-nos lamentar a falta de certas indicações, que mais positivamente nos permittissem a faculdade de os indicar como seguros critérios da epoca, que parecem representar. (18)

Finalmente pela carta geographica que precede a estampa I se fará melhor idéa desses logares, onde a appareção destes instrumentos denuncia o desconhecido povo que os habitou, ou frequentou em tempos anteriores a toda a investigação historica.

Designação dos instrumentos de pedra polida e de metal, dos utensilios e outros artefactos antigos, a que se refere este livro, e dos logares, onde foram achados no territorio do Algarve, representados com as proprias dimensões nas respectivas estampas e numerados segundo a ordem geographica do seu descobrimento.

### **Instrumentos prehistoricos** **Machados de pedra, vulgarmente chamados «pedras de raio».**

N.º 1 Machado, de schisto amphibolico, encontrado a 1500 metros S de Monchique por um explorador da secção mineralogica da escola polytechnica de Lisboa, em cujo museu se acha depositado. Poderá talvez suscitar a presumpção de ter) sido fabricado não longe do logar em que foi descoberto, por isso que a sua materia é idêntica á da rocha encrustada na eruptiva Foyaite, que naquella serra, determinando parte do relevo orographico, se ergeue até 903 metros sobre o nivel do mar. Apresenta fracturada a extremidade mais estreita, e profundamente lascada uma das faces, as quaes terminam em aresta viva em todo o seu perimetro, sendo o unico desta feição entre os outros aqui mencionados. (19)

N.º 2 Machado de quartzite, encontrado a 1500 metros S da cidade de Lagos, pelo mesmo explorador do antecedente, juntamente depositado com o primeiro no referido museu. Termina em gume cortante na extremidade mais larga, produzida por duas facetas, que a mais de um terço do comprimento total começaram a ser formadas pelo attrito. Proximo á extremidade menos larga acha-se lascado. Foi visivelmente feito de um desses calhãos rolados assás abundantes em quasi toda a costa do Algarve: por este motivo pois poder-se-ia julgar que seria fabricado naquella zona maritima.

N.º 3 Machado de pedra, modelado em gesso na secção archeologica do museu mineralogico da escola polytechnica, sem designação da nomenclatura da rocha a que pertence. Foi achado no sitio do Valle de França, proximo entre Vila Nova de Portimão e Alvor, a noventa centimetros de profundidade. Mede 35 cm de comprimento, 8 cm na maior largura, como se vê no contorno que o representa; 6 ½ cm na maior altura entre as duas faces, e 23 cm cingido na maior grossura pela fita metrica. É seu possuidor o sr. Joaquim José Judice dos Santos, e sua a informação do logar da descoberta. Não vimos o original.

N.º 4 Machado, que parece de grés com veios quartzosos, lascado junto á extremidade mais estreita, e terminado em gume, assás estragado, por duas facetas começadas a produzir pelo attrito a mais de um terço do comprimento. Exceptuando as facetas, no restante é um calháo extremamente aspero. Não podemos com afoiteza affirmar se os estragos, que mostra nas extremidades, são accidentaes ou provenientes do uso que tivesse tido. Foi achado, segundo a informação do seu possuidor, o sr. Judice dos Santos, entre Ferragudo e a Mexilhoeira da Carregação, em terrenos sobranceiros á margem esquerda do rio de Portimão.

N.º 5 Machado, que parece de fibrolite, terminado em gume cortante na extremidade mais larga por duas facetas que principiam a decrescer, pelo attrito, a mais de um terço do comprimento, apresentando ligeiramente lascada a extremidade opposta. Foi achado nos campos de Estombar, e é possuido pelo sr. Judice dos Santos.

N.º 6 Machado de fibrolite, mui bem trabalhado, com seu gume cortante produzido principalmente por uma das facetas na extremidade mais larga, apresentando apenas um ligeiro estrago no extremo opposto. Foi, como o antecedente encontrado nos campos de Estombar, e pertence ao sr. Judice dos Santos.

N.º 7 Machado de schisto-fino-verdenegroso, quebrado na extremidade mais estreita e terminado em gume na mais larga. Ao lado de uma das facetas está lascado, parecendo ter sido accidental este estrago. Foi achado entre a villa de Lagôa e a rocha sobranceira ao mar, na zona alta que vai da barra de Portimão até á Ponta do Carvoeiro. Pertence ao sr. Judice dos Santos.

N.º 8 Machado (segundo esta nomenclatura convencional) de schisto negro, muito bem manufacturado, com seu gume cortante, e terminado na outra extremidade em angulo agudo, apresentando nesta parte uma faceta. As suas parcas dimensões não auctorizam verdadeiramente o nome de machado; parece antes que seria um instrumento destinado a algum uso ou lavor delicado. Foi descoberto no sitio de Loubite, um tanto a nordeste e a pouca distancia de Lagôa. Está modelado em gesso na secção archeologica do museu mineralogico da escola polytechnica de Lisboa, sendo tirado do original, possuido pelo sr. Judice dos Santos, o contorno que o representado na estampa I.

(20)

N.º 9 Machado de fibrolite, achado em 1868 no sitio de Loubite, parece ter sido mui bem talhado e polido com quanto esteja agora assás deteriorado: conserva porém o gume em estado de perfeição.

N.º 10 Machado de fibrolite, encontrado em 1868 no mesmo sitio de Loubite em que appareceram os dois antecedentes. Acha-se mui bem conservado. Tanto este como o anterior faz parte da collecção dos sr. Judice dos Santos.

N.º 11 Machado de schisto fno verde, achado no sitio de Quintão, proximo a Estombar, entre Lagôa e Silves. Está todo bem conservado, excepto n'uma das faces junto á extremidade mais estreita, em que se apresenta lascado. O gume cortante, formado por duas facetas, mostra-se bem conservado. Pertence ao sr. Judice dos Santos.

N.º 12 Machado de pedra preta, feito de uma lamina de schisto chloritico da grossura de 18<sup>mill</sup>. É assás tosco nos lados formados pela espessura da pedra, e bem polido nas duas faces. O gume é produzido por duas facetas na extremidade mais larga, e manifesta ligeiros estragos. Numa das faces é parcialmente revestido de uma substancia calcarea, mostrando este revestimento ser posterior á fabricação do instrumento, e que largo tempo esteve em contacto com a substancia que se lhe agregou. Sabe-se que foi achado nas proximidades de Silves em trabalhos ruraes, e por isso é provavel que o seu jazigo se tivesse effectuado n'uma camada pouco profunda. Ignoramos

se na zona do Algarve se tem verificado a existencia da rocha a que pertence este instrumento. Parece-nos porém que não. Pertence ao sr. Judice dos Santos.

N.º 13 Machado de schisto chloritico, muito regular e perfeito, terminado por suas facetas, em forma de ellipse, em gume cortante, e a extremidade mais estreita em angulos obtusos. É o mais apurado desta collecção. Achou-se accidentalmente em 1861 nas proximidades de Silves, e pertence ao valioso peculio archeologico do incançavel colector o sr. Judice dos Santos.

N.º 14 Machado de schisto-chloritico-verde-negro, da mesma forma do antecedente, deteriorado porem em parte do gume, e em toda a extremidade opposta. Foi achado nas proximidades de Silves em 1863. Pertence ao sr. Judice dos Santos.

N.º 15 Machado de fibrolite, achado n'uma excavação perto de Silves. O seu gume termina em ellipse, e a extremidade opposta em piramide conica truncada. Está modelado em gesso na secção archeologica do museu mineralogico da escola polytechnica de Lisboa. O original é possuido pelo sr. Judice dos Santos.

N.º 16 e 17 Machados de fibrolite, achados n'uma excavação perto de Silves, igualmente pertencentes ao sr. Judice dos Santos. (21)

N.º 18 Instrumento de pedra, que parece ser uma quartzite. Este sólido é composto de quatro faces ligeiramente convexas e determinadas no sentido do comprimento por arestas proximamente parallelas. As faces rematando em aresta no sentido da maior largura, formam dois angulos agudos e oppostos, ao passo que unindo-se no centro, de um e outro lado, constituem angulos obtusos, quasi oppostos. As extremidades formam quasi iguaes superficies convexas. Parece este instrumento haver servido de pilão para moer ou triturar drogas, ou de brunidor para poir algum artefacto. Segundo nos informa o sr. Judice dos Santos, quando adquiriu para a sua collecção este instrumento, soube que tinha sido achado n'um terreno perto de Alcantarilha e de Algoz, onde tambem se descobriram numerosas sepulturas, que ainda não foram exploradas. Ao que parece, houve pois naquelles sitios um cemiterio em epoca remota. (22)

N.º 19 Machado de schisto metamorphico micaceo, muito tosco e mal conservado, existente na secção de objectos prehistoricos do museu da escola polytechnica de Lisboa, tendo sido encontrado por um explorador, empregado na mesma escola, a 300 metros Oeste de Estoi, proximamente na zona norte-sul do cabo de Santa Maria. (23)

N.º 20 Machado de seentina, muito polido e perfeito, encontrado no sitio das Antas, a Oeste de Tavira 6 kilometros. Adelgaçando gradualmente em ambas as faces para a extremidade mais larga, não chega a formar gume cortante. Está verificada no Algarve, na mina de cobre em Alte, uma rocha da mesma nomenclatura: é possivel por isso que no Algarve fôsse fabricado este instrumento, hoje pertencente ao sr. Teixeira de Aragão. Parece já ter servido de pedra de toque por um certo esfumiado mettalico que mostra em parte da sua superficie.

## EPOCA PRIMEIRA

### ARTIGO II

#### Idade do bronze

**Instrumentos de cobre e de bronze, que caracterizam esta idade, immediata successôra da ultima idade da pedra.**

**Lança de cobre; machados de cobre, e de bronze; punhal, e faca de cobre.**

Os povos que não legaram o seu nome á posteridade, nem se deixaram representados por monumentos, inscrições, medalhas, ou por tradições dignas de conceituoso acolhimento, podem todavia ser reconhecidos por

quaesquer outros indícios da sua existencia n'uma determinada região, embora da sua vida particular, de seus costumes, de suas leis não ficasse minimo registro.

Assim como no artigo I mostrámos que o Algarve fôra em tempos immemoriaes occupado por uma tribu ou nação, que, usando instrumentos de pedra polida, mostrava desconhecer os metaes, ou o modo de os aproveitar, agora alli indicaremos um outro povo, ou pelo menos as posteriores gerações daquella, servindo-nos, para fundamento desta preposição, os instrumentos de metal, encontrados no mesmo territorio, os quaes vão delineados nas estampas n.º III e IV.

(24)

Refere M. de Caumont<sup>38</sup> que nas Gallias, antes dos metaes serem utilizados pelo homem, era a pedra a materia ordinaria das armas, de varios utensilios, e symbolos. Em relação aos instrumentos de metal diz que os gaulezes, descobrindo e explorando numerosas minas no seu territorio, deveriam ter conhecido o estanho desde eras remotas, como um dos mais preciosos productos da Ilha da Bretanha; o que é confirmado por Norris Brewer<sup>39</sup>, asseverando que a descoberta do estanho a O da Bretanha provocára a navegação dos phenicios para aquella paragem n'uma época antiquissima.

O que porém admittem quasi todos os auctores, é que o metal mais apreciado dos celtas para a fabricação das suas espadas, lanças, machados e outros objectos, era o cobre.

Seriam portanto o estanho e o cobre os mineraes então mais procurados, por isso que pela sua facil fusão produziam um outro, o bronze, muito mais consistente que qualquer dos componentes para dever merecer preferencia em numerosas applicações.

Varios instrumentos de cobre e de bronze, de formas e grandezas, tem o Algarve offerecido á contemplação e exame dos archeologos.

Vamos pois denunciar todos esses objectos de que podémos tomar conhecimento, e expender a respeito de cada um as considerações que estejam ao nosso alcance.

Começamos por fixar na carta corographica do Algarve a situação da antiquissima villa de Paderne, de ha muito reduzida a aldeia, a qual vemos alvejar no pendor de um monte isolado, donde não se descobre terra alguma povoada, mas apenas a sua famosa igreja a pouca distancia do logar, e a uns tres kilometros o seu historico e antigo castello com a ermida de N. S. d'Assumpção, o qual foi por el rei Dom Affonso III tomado aos mouros, e por D. Diniz, seu successor doado em 1305 a D. Lourenço Annes, mestre da Ordem de Aviz. Vêmol-a pois pelo sul quasi fronteira á enseada de Albufeira, e pelo norte muito perto da aldeia de Alte, onde desde tempos antigos por vezes tem sido explorada a sua mui conhecida mina de cobre<sup>40</sup>.

Foi naquelles campos que um trabalhador achou ha poucos annos uma lança de cobre<sup>41</sup>, assás deteriorada pela parcial decomposição que nella produziram os agentes que teve em contacto durante muitos seculos, mas ainda

<sup>38</sup> Cours d'Antiquités Monumentales – tom. I.

<sup>39</sup> Introduction to the Beauties of England and Wales. – 37.

<sup>40</sup> Diz Baptista Lopes, na Corogr. do reino do Algarve, p. 318. “Junto ao povo (de Alte) ha minas, que consta haverem sido abertas tres vezes por ordem do governo, sendo a ultima em 1700, quando estiverão alli mineiros que tirarão bastante cobre, o qual foi mandado para Lisboa.” N'uma nota a este respeito acrescenta: «talvez fosse desta mina o cobre que havia no arsenal do exercito.» Segundo diz a p. 32, eram 21 arrobas e 19½ arrateis. Este cobre, chamado da mina do Algarve, foi mandado entregar por portaria de 27 de agosto de 1678 ao director das fabricas da artilharia, e a respeito d'elle informou o tenente general Diogo Gomes de Figueiredo: «Que não é de boa qualidade para artilharia por ter muita escoria ruim e ferrea.» A mina do Alte está hoje sendo explorada. Não é esta a unica mina de cobre explorada no Algarve em eras remotas, por isso que na nossa pequena collecção de minerios temos algumas pyrites de cobre extraídas da mina da Malhada do Nobre, situada no concelho de Tavira, ao Norte de St<sup>a</sup> Catharina, a qual tambem fôra utilizada em tempo de que não ha memoria. Notaremos igualmente que o chumbo é tão abundante naquelle territorio, que neste anno de 1843 só o vapor inglez Rio Lima transportou da bahia de Lagos para New-Castle 3.393 barras, pesando cêrca de 13.500 arrobas, segundo diz o Diário de Noticias de 9 de março.

<sup>41</sup> Devemos estas informações ao seu possuidor o sr. Judice dos Santos.

assim susceptível de denunciar a sua forma primitiva. Era indubitavelmente uma arma de guerra, fundida, e destinada a ser enxada em haste de pau, ou preparada á feição de dardo como arma de arremço. A ária que lhes marcamos com a letra B (Estamp. III, Fig. 21), representa uma faceta gradualmente decrescente em espessura para o lado do bordo, indicando C outra faceta, que remata em gume bem apontado. Esta parte não destruída parece mostrar que a lança era totalmente orlada de córte. A figura deste instrumento como agora se observa, mede 92 millímetros de comprimento; mas prolongadas as linhas da aresta cortante de um e outro lado até o ponto da sua intersecção, como indicamos na figura 21<sup>a</sup>, póde julgar-se que teria primitivamente mais um centímetro. ) (25)

Estando tão proximos de Paderne os terrenos de Alte, onde desde tempos immemoriaes e actualmente, se tem explorado muito cobre, não repugnará admittir, ou pelo menos presuppôr que a lança, a que nos referimos, bem como outros instrumentos de cobre e bronze, de que daremos relação, por isso que quasi todos foram achados naquellas serranas devezas, devam á mina de Alte o cobre que entrou na sua fabricação.

A materia metallica, a forma, e o rude trabalho da louça de Paderne, associando-se á circumstancia de terem apparecido tambem por alli numerosos instrumentos prehistoricos, deixam-nos consideral-a como pertencente a uma epoca de remota antiguidade, em que o ferro não tinha ainda substituído o cobre. Poderá pois esse toscos instrumento caracterisar o periodo de transição da ultima idade da pedra para a do cobre e bronze, anterior á idade do ferro? Assim se nos afigura, e como tal a julgaremos em quanto não houver prova em contrario; e não se receba esta proposição como arbitrariamente aventureosa; pois não é sem algum fundamento que ousámos emittil-a e submettel-a á judiciosa apreciação dos sabios. (26)

Sem que hajamos necessidade de recorrer a numerosas citações, parece-nos que para denunciar a grande antiguidade da lança de Paderne, bastará comparal-a com outra recentemente descoberta, em Hispanha, mas sobretudo com uma encontrada no sólo de Portugal, e expendere as condições em que foram observados em seus respectivos depositos esses dois instrumentos.

O sr. D. Manoel de Góngora y Martinez, distincto antiquario hispanhol, figura e descreve no seu interessante livro publicado em 1869 com o titulo de Antiguedades Prehistoricas de Andalucia, a pag. 97, sob N.º 112, um dardo de cobre, que por suas mãos extraiu do chamado Dolmen de los Eriales, onde conjunctamente descobriu um craneo inteiro, varios ossos, fragmentos de grosseira louça de barro, uma argolinha de cobre, e outros objectos. O dardo de que fallamos, méde 85 millímetros de comprimento, e é mui semelhante á lança de Paderne.

A chamada Casa da Moura, ou Gruta de Cesareda, em Portugal, tambem nos denunciou uma lança de cobre, de 87 mill. de comprimento, cuja forma primitiva devêra ser inteiramente semelhante á da que veiu do Algarve; e deve notar-se que esse instrumento, actualmente existente na secção de archeologia prehistorica do museu mineralogico da escola polytechnica de Lisboa, estava na dita gruta associado a facas de silex lascadas, e a varios fragmentos de toscos vasos de barro, os quaes igualmente se observam no referido museu. (27)

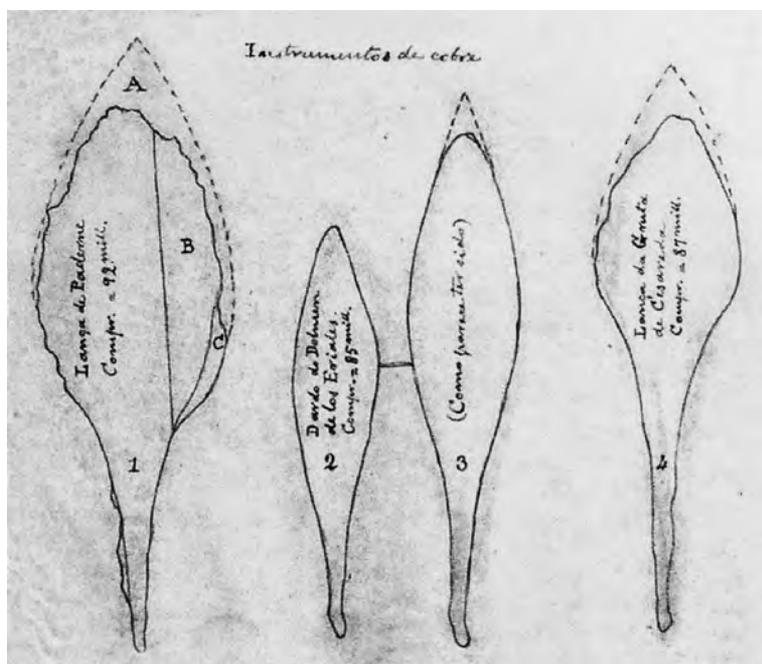
A lança de Paderne veiu desacompanhada de esclarecimentos relativos ao seu apparecimento; mas quer tivesse sido descoberta n'uma excavação operada em deposito de formação antiga, ou accidentalmente no sólo agricultado, onde fôsse precipitada por desaggregação, dos terremos em que jazesse, por meio de transporte torrencial, ou por qualquer outra causa desconhecida, não póde deixar de ser considerada como artefacto de uma antiguidade immemorial pelas muitas relações de similhaça em que está com outros instrumentos da mesma materia e feição, descobertos em dolmens, em grutas, ou depositos capituladamente antigos, onde, não ha encontrar despojos de armas de ferro, nem medalhas, nem indicio algum de epoca historica, mas unicamente silex lascados, machados de pedra polida, punhaes ou punções de ossos humanos de varios animaes, rudes fragmentos de uma louça, que denuncia a ceramica na sua mais remota infancia, louça que M. de Caumont representa no Atlas pertencente ao seu Cours d'Antiquités Monumentales, como criterio de dominio celtico nas regiões, em que se

tem verificado, e que outros distinctos archeologos francezes designam sempre sob o nome de posterie celtique, ou gauloise.

E são effectivamente estes e outros os consocios dos instrumentos, semelhantes á lança de Paderne, encontrados no Dolmen de los Eriales, em Andaluzia, e na Gruta de Cesareda em Portugal; os quaes lhes inscrevem uma data inacessivel a todo o alcance historico. São armas celticas, dizem mui vagamente os archeologos, sem todavia nos poderem designar aquellas com que á invasão celtica pretenderam resistir os iberos, e mesmo outros povos, ou tribus, que já então estariam senhoreando grande parte da peninsula hispanica; e muito menos nos dizem porquem era, antes destes possuidores occupado o territorio peninsular, onde geologicamente está provado que existiram homens na epoca quaternaria, e até, segundo a opinião do sr. Carlos Ribeiro, nos dois ultimos periodos da terciaria.

(28)

Eis aqui o contorno linear dos instrumentos que acabámos de citar e de comparar com o de Paderne:



O N.º 1 figura a lança de Paderne com os 92 millímetros que actualmente méde, e com 102, como parece ter originariamente tido, se lhe prolongarmos as arestas até o ponto da sua intersecção.

O N.º 2 é copia exacta do dardo que vem gravado nas Antiguidades Prehistoricas de Andaluzia, descoberto no Dolmen de los Eriales, mas reduzido a menor forma, por isso que o seu comprimento é de 85 millímetros, como diz o auctor desta obra, pag. 97.

O N.º 3 mostra o mesmo instrumento, segundo o comprimento que tem, e bem assim o que parece ter tido primitivamente, prolongadas as arestas por pontos até o seu encontro, medindo assim 92 millímetros.

O N.º 4 figura a lança descoberta na Gruta de Cesareda em Portugal, medindo, como actualmente existe, 87 millímetros, e 95 como parece sido antes de haver soffrido os estragos que manifesta.

Sendo pois capitulados criterios da época celtica, principalmente os fragmentos ceramicos que acompanhavam o dardo no Dolmen de los Eriales bem como o proprio Dolmen e estando a lança de cobre na Gruta de Cesareda associada a fragmentos da mesma louça, bem como a facas de silex lascadas, considerados como artefactos da idade anterior á da pedra polida; e sendo aquelles dois instrumentos fabricados de cobre, como o de Paderne, quasi todos da mesma grandeza, e todos semelhantes na forma; não podemos deixar de julgar, por analogia, ou pelo menos, de presumir, que a lança de cobre de Paderne deve pertencer á mesma epoca a que pertencem as outras duas preciosas reliquias archeologicas, que nos representam essas gerações ignotas que em tempos antehistoricos estancaram nos opulentos campos de Andaluzia, enas pittorescas cercanias da Gruta de Cesareda.

É considerado o cobre como o primeiro metal utilizado pelo homem, e não se manifestando objecto algum de bronze nos logares em que appareceram os instrumentos N.ºs 3 e 4, parece-nos que poderão referir-se ao largo periodo de transição da ultima idade da pedra para a primeira dos metaes, e que a esse mesmo periodo, poderá ser attribuida a lança de Paderne, descoberta n'um terreno em que teem apparecido numerosos machados de

pedra, como já dissemos assim como outros muitos de cobre e bronze, de que mais adiante daremos circunstanciada noticia.

Entrando agora na ordem geographica, de que por excepção nos apartámos para fallarmos da lança de Paderne, seguil-a-hemos daqui em diante sem o minimo desvio.

### Vibora de bronze

Entre os objectos prehistoricos achados no Algarve, e pertencentes á collecção do sr. Judice dos Santos, collocaremos uma figura de bronze, que bem parece representar uma vibora, attendendo a que este reptil se distingue de todas as cobras da fauna portugûza, principalmente por dois caracteristicos apparentes, patenteados no dito exemplar. A vibora de Portugal, comparada com as diversas especies de cobras que temos colligido e verificado na fauna local de Mafra<sup>42</sup>, mesmo na idade adulta é sempre menor em extensaõ do que qualquer cobra em iden-tica idade. A sua cauda adelgaça como repentinamente, ao passo que nas cobras este decrescimento é gradual desde o abdomen até a extremidade da espinha; e sobre tudo, o que mais caracteriza a vibora, e a distingue da cobra, é ter o labio da maxila superior revirado para o alto, á maneira de tromba. Sem tratarmos de indicar a dentição e outros distinctivos da vibora, por não virem aqui a proposito, diremos que este caracteristico é mani-festado no tosco exemplar de bronze fundido, que temos presente, e figurâmos com o N.º 22 na estampa III.

O fundidor, com quanto caprichosamente enfeitasse a cabeça do metallico reptil com uma pertuberancia que não ha ver no genero *Vipera*, deixou comtudo assás denunciado o seu intento, não se esquecendo de lhe revirar o labio, e de não lhe dar a forma e dimensões proporcionaes que teria qualquer cobra, quando chegasse a desen-volver uma cabeça tão grossa e robusta. No mesmo lavor dorsal ainda parece ter pretendido parcialmente imitar as duas fitas onduladas quasi á feição de grega, que em sentido longitudinal correm emparelhadas por sobre o lombo da vibora; mas não chegou para tanto a sua rude aptidão artistica, porque a arte de modelar e fundir estaria ainda então no seu estado de infancia.

Foi a descoberta deste artefacto acompanhada de condições, que bem revelam a sua immemorial antigui-dade.

Andavam trabalhadores abrindo uma larga mina, para extraiem terra, n'um monte sobranceiro á margem esquerda da barra de Villa Nova de Portimão, situado entre Ferragudo e o forte de S. João; e já media dois metros de profundidade a excavação quando descobriram uma casa de forma quadrada, que, sendo desentulhada paten-teou um sólo de formigão assás resistente. Consequindo os operarios romper este chão, talvez lembrando-se que poderiam achar alli algum thesouro escondido, apenas encontraram a um canto este objecto, um como arco metallico que pareceu-lhes de flexa, e outras cousas, de que não fizeram caso, e que por isso não chegaram ao nosso conhecimento, as quaes seriam talvez sufficientes para capitularem a época a que pertence a vibora, que apenas guardaram, julgando que poderia ser de ouro (Fig. 6).

(29)

Em vista deste objecto sem applicação conhecida, não podemos deixar de aventurar algumas supposições que nos occorrem em relação ao uso que teria tido na sua respectiva epoca.

Muitos auctores fallam da veneração que os mais antigos pagãos consagravam ás serpentes. Calmet<sup>43</sup>, citando Eliano, diz que no Egypto eram as serpentes consideradas como divindades domesticas, e por isso as criavam e

<sup>42</sup> A vibora e cobras que temos colligido e verificado nos campos de Mafra até 1872, são as seguintes: 1 *Vipera ammodytes* (Unica vibora até agora verificada em Portugal.). Dum. Et Bib. – 2 *Coclopettis insignitus*. Géoffr. St. Hill. – 3 *Coronella girondica*. Dand. – 4 *Periopes hypocrepsis*. Wagl. – 5 *Rincelis scallaris*. Bp. – 6 *Tropidonotus natrix*. – 7 *Tropidonotus viperinus*. Latr.

<sup>43</sup> Dicc. da Bibl.

mantinham com grande veneração; que n'uma torre de Melito, cidade do Egypto, tinham ellas sacerdote e ministros que as alimentavam e lhes prestavam seus cultos; e que na Phrygia havia um dragão sagrado n'um bosque dedicado a Diana.

Nos templos de Serapis e de Isis tambem os egypcios os tinham em cofres, e veneravam; e os Ophitas, de que tanto falla St.<sup>o</sup> Epiphanio<sup>44</sup>, abominaveis hereges que seguiam os absurdos dos Nicolaitas e Gnosticos na mesma época em que os primeiros apóstolos derramavam com inspirada eloquencia a luz da verdade, tambem nos seus templos veneravam as serpentes com o mais irrisorio e ridiculo ceremonial. Outros idólatras as consagravam a Proserpina, e a Ceres, representando a Esculapio sob a figura sagrada de um destes reptis; e nas festas de Bacho, cingindo o corpo com serpentes, tingiam a cara com o sangue das victimas sacrificadas a estas divindades, como refere Grenovio nas suas Antiguidades Gregas e Romanas.

Conta o noticioso Bluteau no supplemento ao Vocabulario (verb. Cobra) entre outras particularidades relativas á cobra de capello, que os gentios do Brasil a veneram como sagrada, e sempre criam alguma em seus pagodes «beneficio, que ella recompensa aos seus devotos, matandolhe algum filho ou filha.»

E bastarão estas rapidas noticias, que largamente poderiam ser accrestentadas, para se ficar sabendo que entre os Egypcios tiveram culto e adoração as serpentes; que os povos oriundos da Asia trouxeram estas e outras superstições para os paizes que occuparam na Europa, e que deste culto não ficou isempta a peninsula hispanica.

Consideramos portanto a vibora de bronze como symbolo de idolatria gentilica, de origem oriental, pertencente a um povo desconhecido que em tempos remotos habitou aquella parte da zona maritima do Algarve; pois embora o culto pelas serpentes esteja ainda verificado no segundo seculo christão e mesmo posteriormente, a rude fabricação de tal objecto, e as condições em que foi achado, o caracterisam como pertencente a uma época muito anterior; e por isso lhe damos cabida entre os instrumentos prehistoricos com que figuramos a idade do bronze naquele tracto meridional do nosso paiz.

Fallaremos agora de uns instrumentos de cobre e bronze, que em tres diversos pontos do Algarve, Estombar, Paderne, e St<sup>a</sup> Barbara ao O de Faro, se tem descoberto em grande numero, com quanto á nossa vista só hajam chegado os que vão aqui representados e descriptos.

Este estudo sobremodo interessante, não foi porém apprehendido ainda entre nós e por isso não haver escripto em lingua portugueza, uma só noticia que lhe diga respeito.

Entretanto, não cabendo na restricta indole do nosso trabalho largas dissertações sobre este ou qualquer outro assumpto, vamos compendiar o que julgamos mais essencial para melhor conhecimento e apreciação dos objectos desta classe, provenientes do Algarve.

Em relação aos machados de cobre e bronze, designaremos apenas tres typos, que julgamos serem os mais comuns:

## 1.<sup>o</sup>

Machados chamam convencionalmente os archeologos a uns instrumentos de cobre ou de bronze, de differentes formas e grandezas; que por vezes acham nas cavernas sepulcraes das antas, junto destes monumentos, em grutas, soterrados em maior ou menor profundidade, ora soltos, ora empilhados dentro de grosseiros vasos de barro, e dispersos no sólo de varios paizes da Europa, outrora occupados por povos desconhecidos. São variadissimas as formas destes notaveis instrumentos, mas em todos ha sempre o commum caracteristico de terminar em gume cortante uma das suas extremidades.

---

<sup>44</sup> Hor. XXVI

Se nos propozéramos escrever um tratado especial ácerca destes objectos, um só livro de mediano volume não bastaria, talvez.

Referimo-nos áquelles instrumentos de diferentes formas, a que os archeologos convencionalmente dão o nome de machados, indicando os tres seguintes typos principaes: 1.º de gume cortante n'uma extremidade, á feição dos machados de ferro usuaes, engrossando gradualmente para a extremidade opposta, que é ôca, de forma circular ou de exagono, sendo munido de uma ou duas azas lateraes, muito rentes, e abertas em orificio, quasi sempre a mais de tres quartos de distancia do córte; 2.º de gume cortante n'uma extremidade, e adherentes ás arestas lateraes umas como linguetas recurvadas sobre o centro sem jamais se tocarem, cuja base, quasi sempre superior a tres centímetros medidos sobre os bordos, varia de extensão, sendo compacta e mais ou menos espessa na extremidade opposta; 3.º os todo sólido, mas simples e liso, sem azas nem bordos salientes, com arestas lateraes afiladas em alguns, e n'outros muito abatidas; em geral, da grossura de um até dois centímetros no centro, a qual decresce para as extremidades, e destas é sempre mais larga a do gume cortante, que termina em ellipse, em semicirculo, ou arco de circulo; varia em fim o seu comprimento, referindo-nos aos do Algarve, entre 5½ e 21½ centímetros, a maior largura do gume, de 3 a 8 centímetros, e a opposta, de 2 a 4 centímetros.

Notámos neste grupo uma variedade, que mostra aberta sómente n'uma face, sem jamais romper a outra, uma fenda ou cavidade central, que alarga para o lado opposto ao gume.

Não pretendo bosquejar a ordinal successão de tão importantes descobertas, que os mais conspicuos archeologos têm contemplado e descripto sem comtudo poderem até o presente designar as nações indigenas, ou tribus invasoras que se serviram desses notaveis instrumentos, nem atinar com o uso que delles fariam as gerações ignotas que os fabricaram, citaremos todavia alguns, de que tomámos nota com o fim de melhor se apreciarem os machados que do Algarve chegaram até á nossa vista.

O doutor Stukeley leu em 26 de fevereiro de 1724 á sabia sociedade dos antiquarios de Londres uma memoria, em que pretendeu mostrar que os machados ôcos de bronze, por vezes encontrados no territorio das Ilhas Britannicas, eram instrumentos pertencentes aos druidas, ou sacerdotes celticos, que os encabavam, assim como os bretões, para cortarem ramos de arvores<sup>45</sup>.

Do mesmo modo parecem ter sido instrumentos destinados a ser encabados os do 2.º typo a que alludimos, como o estão indicando as duas linguetas curvadas para o centro, das quaes poderiam certamente prender um cabo de madeira, que ainda ficaria fixado com maior segurança, sendo ligado com tiras de coiro na extremidade inferior<sup>46</sup>. Esta opinião confirma M. Mongez<sup>47</sup> no seu *Recueil d'Antiquités*, Cap. II. Pag. 32, referindo-se ao machado n.º 7 da sua estampa 75, em que se verifica o indicado typo.

Com relação ao 3.º typo, de que fallámos, que por emquanto é o que mais nos interessa, por ser o daquelles instrumentos encontrados no Algarve, apuremos noticias mais detalhadas.

Alguns destes machados communicou Benjamin Cooke a Mr. Collinson terem apparecido em 1735 na Ilha de Wight<sup>48</sup>, estando um trabalhador a explorar a marneira da collina central, chamada Arneton Down, onde estavam dispostos em ordem regular, achando-se tambem a mais um pé de profundidade muitas pontas ou cabeças de

<sup>45</sup> Archeologia or Miscellaneous Tracts Relating to Antiquity – vol. V. p. 110.

<sup>46</sup> Vejam-se os que são representados na obra acima citada (Archeologia), vol. V. Plate VII – VIII; e os da Planche VIII do Atlas pertencente ao Cours d'Antiquités Monumentales de M. de Caumont.

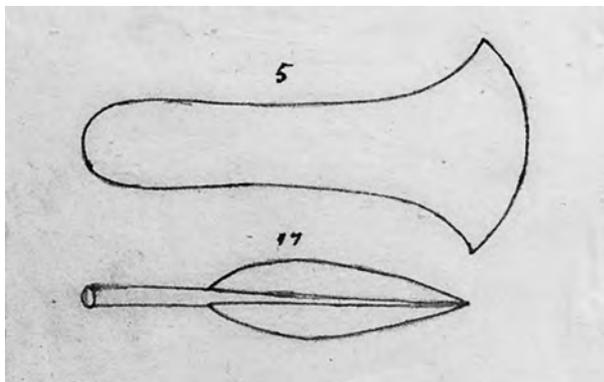
<sup>47</sup> Vem esta obra no volume da Encyclop. Méthodique publicado em Paris em 1804.

<sup>48</sup> A Ilha de Wight foi outrora um pequeno reino. Em o anno de 519, com os condados de Hauts, Dorset, Wilts, e Berts, constituia uma das grandes conquistas feitas aos bretões pelos saxonios, denominando-se este conjunto de territorios «Saxonia occidental». Hist. d'Inglaterra por Goldsmith cap. III. (Já se vê que bretões eram os antigos possuidores, quando os saxonios fundaram o seu terceiro reino na Bretanha.)

lança, todas de cobre, e tudo isto umas duzentas jardas distante de um campo intrincheirado que se julgou ter sido romano.

Em dois logares (barrows) da mesma collina se acharam cinzas e ossos queimados, restos de um povo que alli vivêra e usara daquellas armas. Benjamin Cooke concordou com M. Collinson em que eram gaulezas aquellas armas, usadas pelos auxiliares romanos, e leva-as até á epoca do imperador Claudio I<sup>49</sup>. Fundando-se nas palavras de Homero, t. XIII. 612, e n'um sello capituladamente antiquissimo, em que viu um destes machados com cabo, julga que assim seriam usados, chegando mesmo a pensar que teriam o nome de Amazonia securis, de que falla Horacio, ode IV. IV.20.

Eis aqui as formas dos machados e lanças a que se refere o archeologo inglez, como se representam na Archeologia or Miscellaneous Tracts Relating to Antiquity, tom. V. Plat. VIII. sob n.<sup>os</sup> 5 e 17:



Relativamente aos usos a que seriam destinados estes machados de cobre e bronze ha entre os antiquarios britannicos duas opiniões mais determinadas.

Mr. Thoresby, que possuia alguns, encontrados perto de Bramham-moor, em Yorkshire, suppõe terem sido como lanças em seus bordões encimadas pelos bretões civilisados.

O auctor da Hist. of Manchester, Mr. Whitaker, (p. 14) pretende que fôsem cabeças de armas ligeiras.

Rejeita porém M. Hearne estas supposições, tentando provar com varios argumentos que taes instrumentos não tinham sido armas militares dos bretões, dos

saxonios nem dos dinamarqueses (danes)<sup>50</sup>, mas sim escopros de cortar pedras que os romanos usavam naquella ilha, para suas construcções.

Na sua notavel obra intitulada Antiquities of Cornwall, onde figura e descreve muitos destes instrumentos, não admite o doutor Borlase que tivessem sido escopros de trabalhar em pedra, como pretendera Mr. Hearne, e adopta a opinião de Mr. Thoresby, proclamando-os como cabeças de armas offensivas, originariamente inventadas pelos bretões, e depois usadas pelos romanos das provincias á imitação dos indigenas, tanto mais que tendo alguns sido achados em minas, embrulhados em pannos, certamente para serem preservados da acção do tempo, não julga que tanto resguardo se dêsse a instrumentos destinados a cortar pedra.

É Mr. Lort quem cita estes auctores nas observações que ácerca dos machados de bronze dirigiu em 23 de maio de 1776 á sociedade dos antiquarios de Londres<sup>51</sup>, impressas em 1779 no V vol. da Archaeologia, e referindo-se a um, semelhante aos do Algarve, representado no mesmo vol., pl. VII sob n.<sup>o</sup> I, que diz ter sido extraido das ruinas do castello de Gleaston, situado em Lower Furness, no condado de Lancaster, indica-o como parecido com outros instrumentos chamados celticos, que em grande numero hão sido encontrados em diversos pontos

<sup>49</sup> Um historiador inglez refere ao anno 53 da era vulgar a expedição do imperador Claudio á Bretanha, dizendo que a costa meridional e o paiz adjacente foram prêza do vencedor, e que para conservar esta posse levantou campos intrincheirados, edificou fortalezas, e estabeleceu colonias. Goldsmith. Hist. d'Ingl. Cap. I.

<sup>50</sup> Um historiador inglez refere ao anno 53 da era vulgar a expedição do imperador Claudio á Bretanha, dizendo que a costa meridional e o paiz adjacente foram prêza do vencedor, e que para conservar esta posse levantou campos intrincheirados, edificou fortalezas, e estabelece colonias. Goldsmith. Hist. d'Ingl. Cap. I. – Nota: a menção a esta nota de pé de página encontra-se repetida no texto original duas vezes, pelo que se preferiu respeitar a forma original, ainda que incorrecta.

<sup>51</sup> Este facto poderia tambem denunciar que os romanos houvessem invadido um campo, que fôra occupado por outro povo muito mais antigo, naquella posse territorial, e que por isso se achou no mesmo local esses objectos, que ninguem ainda aprovou que fôsem romanos, misturados com os de feição propriamente romanos.

das Ilhas Britannicas, o qual se lhe afigura por não apresentar indicio de se poder encabar, que seria assim mesmo utilizado. Repelle porém, não só a opinião de Mr. Hearne, como a dos outros auctores mencionados, sendo grande a este respeito a sua hesitação, e não poucas vezes contraditorias as considerações que expendeu.

São muito toscos, diz Mr. Lort, para serem julgados como armas dos romanos, e assás aperfeiçoados para se attribuirem aos bretões antes da invasão de Cesar. Não podiam ser armas de guerra nem escopros de cortar pedra, porque o cobre e o bronze eram fracos metaes para estes usos, tanto mais n'uma epoca em que o ferro já seria facilmente aproveitado. Nota porém que, em estações romanas tem os machados de cobre e bronze sido achados com objectos romanos<sup>52</sup>, sem comtudo os empregarem como armas offensivas, nem como escopros de cortar pedra; nota igualmente que nos logares em que apparecem esses instrumentos de bronze em grande numero, são raros os de ferro. A tudo isto accrescenta ainda, que os antigos conheciam a arte de dar ao cobre uma tempera rijissima, como o mostram varias espadas e outros instrumentos do mesmo metal. Em presença pois de tantos factos, que parecem estar em contradição, o seu vago parecer restringe-se a que seriam instrumentos de mão, fôsse qual fôsse o seu uso.

O bem conceituado archeologo francez, M. de Caumont, no seu Cours d'Antiquités Monumentales, professado em Caen, e começado a publicar em 1830, descreve dois instrumentos de bronze, mui semelhantes aos do Algarve, como se pódem ver na estampa VIII do Atlas pertencente á mesma obra, onde se acham representados sob N.ºs. 9 e 10, e que neste logar reproduzimos para melhor percepção deste assumpto. (Estampa).

Estes instrumentos, diz o mesmo auctor (tom. I. p. 231), encontram-se principalmente nos logares que pertenceram aos celtas; e quanto ao seu destino, apesar das mui diversas conjecturas dos mais sabios archeologos, pensa que poderiam ter varias applicações, ora tornando-se armas temiveis, ora empregando-se em differentes trabalhos domesticos.

Tambem se encontram enterrados na terra sem precaução, diz o mesmo archeologo, porém mais geralmente encerrados em vasos de barro grosseiro, não só nas localidades outr'ora habitadas pelos gaulezes, e perto das pedras druidicas<sup>53</sup>, como em logares cobertos de ruinas romanas; o que o leva a crêr que o seu uso continuou ainda depois de Julio Cesar conquistar as Gallias; e por isso classifica estes como pertencentes ao periodo gallo-romano, e aquelles como de origem muito anterior pois antes da conquista já o ferro era largamente trabalhado, como o affirma o proprio conquistador, dizendo: «Apud eos magna sunt Ferrariae.» De Bell. Gall.

Falla agora o sr. Boucher de Perthes daquella variedade que acima reunimos a este grupo, como distinguindo-se apenas de todos os mais exemplares em ter uma cavidade aberta n'uma das faces sem comtudo romper a outra, variedade de que neste logar damos conhecimento, por se terem descoberto em Paderne dois machados com este caracteristico, os quaes figuramos na est. IV sob N.ºs 30 e 31.

O sr. Boucher de Perthes diz pois haver na sua collecção um destes machados, extraído do paul d'Epagnette, perto d'Abbeville, com o peso de 580 grammas, tendo 18 centimetros de comprimento, 6 de largura no gume cortante, e 2½ na maior grossura. Compara-o com o que M. de Caumont figura no Atlas pertencente ao Cours d'Antiquités Monum., est. VIII sob N.º 9, mostrando porém a mais uma abertura de 5 millimetros de diametro, que penetra 2 centimetros e corre no sentido do córte; e nota não só achar-se perfeito como saiu do molde, mas com aquelle brilho de ouro que se tem observado n'outros utensilios de cobre extraídos das turfeiras; julga porém esta forma menos explicavel que a dos ôcos, por não se poder fixar em cabo, nem ser possivel cavilhar-se, por isso que a dita abertura não atravessa a chapa de lado a lado; o que o leva a repellir a opinião, em contrario, emittida por Mr. Joseph Banck<sup>54</sup>, por não lhe parecer assás sufficiente para resolver as suas duvidas. (30)

<sup>52</sup> Parece contradizer-se agora tendo primeiro dito que eram assás aperfeiçoados aquelles instrumentos para se attribuirem aos bretões.

<sup>53</sup> Refere-se mui provavelmente aos Dolmens, ou Antas, assim chamadas por outros antiquarios.

<sup>54</sup> Archaeologia, etc. tom. 19 p. 103.

Que são mais antigos que os de ferro os instrumentos de bronze, está provado por todas as explorações geológicas e archeológicas até o presente effectuadas na Europa, e por numerosos factos observados nesses trabalhos rigorosamente scientificos.

O estanho e o cobre deveriam ser os primeiros metaes de que o homem antigo se utilisou, logo que descobriu a arte de os fundir.

A descoberta do estanho a oeste da Bretanha provocou a navegação dos phenicios para aquella paragem n'uma epoca assás remota, segundo refere o já citado Norris Brewer na Introduction to the Beauties of England and Wales – p. 37; o que é confirmado por M. de Caumont, quando no tom. I. do seu Curso diz que os gaulezes, descobrindo e explorando numerosas minas no seu proprio territorio, deveriam ter conhecido o estanho desde tempos remotos, como um dos mais preciosos metaes da Ilha de Bretanha.

O grande numero de espadas de cobre, lanças, machados e outros objectos, que nos terrenos denominadamente celticos se tem descoberto, e bem assim nas proximidades e nas camaras sepulcraes de varios Dolmens ou Antas, parece mostrar que foi este o primeiro metal utilizado pelo homem que deixou da sua existencia os mais antigos vestigios logo em seguida aquelles, que caracterisam as gerações da ultima idade da pedra.

Conhecido o estanho e o modo de fundir o cobre, a liga destes dois metaes começaria em seguida a produzir os instrumentos de bronze; pois não é provavel que este metal composto tivesse prioridade de uso antes de serem ensaiados os resultados de cada um dos seus componentes; e com este fundamento poderá julgar-se mais antigo que o de bronze o machado de cobre.

A esta supposição acresce a opinião dos mais auctorisados archeologos, de ser o cobre o metal de que primeiramente se serviram os celtas para a fabricação dos seus instrumentos de guerra e de varios outros objectos.

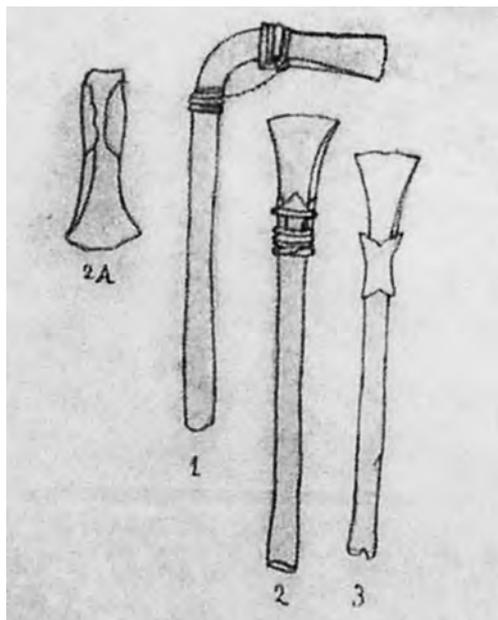
O sr. Boucher de Perthes, no tomo I, cap. VIII da sua Antiquités Celtiques et Antédiluviennes diz que parece terem os machados de bronze succedido aos de pedra ; que taes armas talvez pela raridade e careza do metal, não prevalesceram inteiramente senão passado largo periodo, porque a fabricação dos instrumentos de pedra proseguiu até á invasão das Gallias pelos romanos e ainda posteriormente; que nos sepulcros de terra (*tombelles*) se acham algumas vezes machados de pedra ao lado dos de bronze. Nota porém que o ponto onde mais ordinariamente se encontram machados de bronze, ponto que julga existir entre o sólo moderno e o sólo celtico, annuncia que pertencem ao periodo gallo-romano, em relação aos que têm sido descobertos no territorio da França; mas adverte que os havia ainda mais antigos, por isso que os historiadores ensinam que já antes da conquista das Gallias os habitantes eram amplamente munidos de armas offensivas de ferro e bronze, accrescendendo que nos departamentos de Oise, de Somme, do Seine Inférieur e de Calvados é onde se tem achado maior numero de machados de bronze e bem assim as formas em que eram fundidos; e que quanto ao uso em que eram empregados não é cousa assás averiguada, como tambem o não é em relação aos de pedra. Designando as diversas formas dos machados metallicos dá como trivial a que vem representada sob N.º 2 na Pl. VIII do Cours d'Antiquités Monumentales de M. de Caumont. (p. 139)

Attenda-se porém que neste caso refere-se aos machados ôcos e de aza, cuja apparencia é a de uma cunha de rachar lenha, e que para este fim seriam destinados se não fôsem ôcos; parecendo assim designar uma das applicações que poderiam attribuir-se aos todos sólidos, como são os achados no Algarve, onde não nos consta que hajam sido descobertos esses outros ôcos e de aza, ácêrca dos quaes muitas conjecturas aventurosas correm impressas. A este respeito diz o sr. Boucher de Perthes, que a parte ôca serviria talvez para guardar fracções do metal em pó, em grão, em pequena moeda, como refere ter sido denunciado por alguns logo depois de extraídos da terra. Pensa que a aza poderia servir para ser enfiada por um cordel, não só para reunir e grupar esses valores quando destinados a grandes pagamentos, como para de tal arte serem trazidos á cinta; e julga que teriam servido em certas epocas para com elles se pagar ás tropas e fazer permutações, por se terem tambem achado em acampamentos intrincheirados, e que (...) representando uma barra de valor determinado, valeria muitos

machados, de silex, de granito, serpentina, etc., que porem em nosso entender mostram como preferencia é que seriam antes armas, usadas por certos guerreiros do que valores monetarios, servindo nesta hypothese a parte ôca para ser encabada em hastea de madeira e a aza para por ella passar uma ligadura que tornar mais firme o instrumento como arma de guerra.

(31)

É esta a opinião do sr. Lacombe, expendida na sua obra intitulada *Les Armes et les Armures*, publicada em Paris em 1868, onde representa gravados os typos principaes a que nos referimos, e que neste logar reproduzimos para melhor percepção do que dissemos.



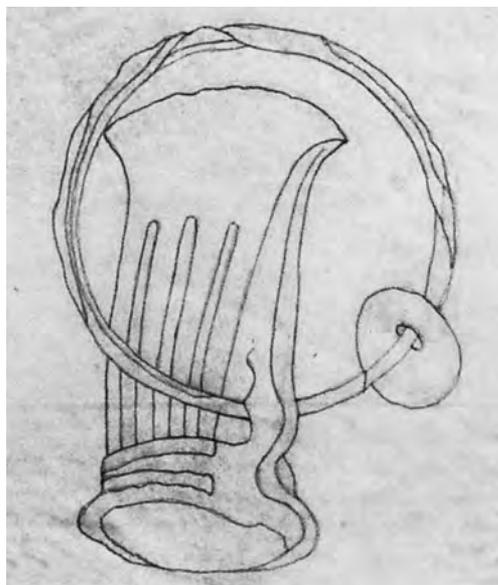
Aqui se figuram pois os tres typos que acima havimos notado como de feição mais predominante, e para todos acha o sr. Lacombe modo pratico de se poderem encabar para servirem de arma de guerra ou de instrumento de trabalho. O de N.º 2A, e sem cabo, mostra o segundo de que démos noticia; e quanto áquelle similhante aos de Paderne diz (p. 15), que só poderia encabar-se n'um páu fundido n'uma extremidade em que o instrumento fôsse entalado e ligado com tiras de couro, ou nervos. O sr. Lacombe designa a epoca destes instrumentos chamando-lhes *armes celtiques*, e *haches gauloise*.

Isto mesmo havia já referido M. Mongez no seu *Recueil d'Antiquités*<sup>55</sup>, onde na est. 75 sob N.º 7 e 8 e na est. 76 sob N.º 1 representa tres typos de machados de bronze, pertencentes á collecção dita de Santa Genoveva, ácerca dos quaes diz terem estes instrumentos sido com frequencia desenterrados em Inglaterra, na Bretanha e na Normandia, os quaes julga terem sido lanças que os barbaros usavam encabadas em varas de madeira, se bem que o seu verdadeiro uso não esteja averiguado.

Prova-se porém que os machados ôcos e de uma só aza serviam tambem para alguma cousa, sem mesmo serem encabados, em vista de um desses instrumentos achado em Inglaterra, perto de Tadcaster, em Yorkshire, o qual mostra ser a sua aza enfiada por em bracelete de cobre, girando no bracellete uma conta de azeviche, como tudo representamos no desenho junto, copiado da estampa 418 inherente ao 16.º vol. da *Archeologia or Miscellaneous tracts relating to Antiquity*, publicado em Londres em 1812.

Pondo de parte as considerações que a respeito desta descoberta são expendidas no dito volume a pag. 362, diremos nesta occasião o que nos parece poder mais particularmente apreciar-se neste assás singular objecto (Fig. 7).

Comquanto este instrumento mostre uma forma similhante aos do grupo do seu genero, deixa comtudo notar que, na sua



<sup>55</sup> Vejam-se os ditos exemplares no vol. da *Encycl. Méthodiq.*, intitulado *Recueil d'Antiquités*, contenant – 1.º Têtes antiques, ou *Iconographie*; 2.º *Costumes des differens peuples de l'antiquité jusq'ou moyen-age*; 3.º *Figures antiques, ou Iconologie*, dessiné par Madame Mongez, et gravé sous la direction de M. Boulliard – Paris – 1804. Chap. II. Pl. 75 – 7 e 8; Pl. 76 – 1. Pg. 32.

fabricação houve esmerado trabalho, como o denunciam as caneluras que o revestem, não exemplificadas nos outros, geralmente lisos e sem o mínimo ornato.

Todos os archeologos sabem quão longe levam a sua origem os bracetes de cobre. Se os que não são achados em sepulturas, reconhecidamente romanas não podem deixar de attribuir-se a essa respectiva epoca, aquelle que se encontrou ligado a um instrumento prehistorico, pelo mesmo systema deve ser julgado; e para não deixar duvidas ácerca da sua immemorial antiguidade, apresenta enfiada uma conta de azeviche, que mais ainda vem corroboral-a. As contas de azeviche teem sido achadas em sepulturas celticas, assim consideradas em varios paizes da Europa occidental, associadas a armas de silex e de bronze, como refere M. de Caumont<sup>56</sup>, accrescentando que os celtas costumavam adornar-se com collares de azeviche e de outras pedras, a que attribuiam singulares virtudes, o que é reforçado pelo mui conhecido archeologo inglez o sr. John Yonge Akerman<sup>57</sup> referindo o grande numero de contas de diversas substancias, descobertas em tumulos dos antigos bretões, e dos anglo-saxonios, que julga serem, em vez de ornatos, amuletos, ou objectos de character talismânico proprios das tribus pagãs que em tempos remotos occuparam as Ilhas Britanicas. Tendo nós porém de mencionar umas contas achadas no Algarve, em seu lugar daremos a este curioso assumpto maior desenvolvimento; porque nesta occasião apenas o aproveitamos para nos ajudar a comprovar não só a antiguidade dos machados de bronze, como para apresentar um delles em condições taes, que não permita a presumpção de que esses instrumentos fossem exclusivamente empregados como armas de guerra, ou objectos de trabalho.

O instrumento a que nos referimos mostra haver sido destinado a andar pendente do pulso de alguém em certas e determinadas occasiões, mui solennes talvez. O bracetete em que está suspenso, e a conta de azeviche, suscitam pelo menos este pensamento.

Teriam pois esses machados de cobre ou de bronze, entre outras applicações, algum serviço privativo no barba ceremonial dos sacrificios gentilicos.

Assim o deixam presumir alguns auctores; e já neste sentido, como acima dissemos, elaborou o doutor Stukeley uma erudita memoria, apresentada em 1724 á sabia sociedade dos antiquarios de Londres, onde pretendeu provar que os machados ôcos de bronze eram instrumentos pertencentes aos druidas, celticos sacerdotes de uma seita sanguinaria.

Usando os druidas estes instrumentos, parece portanto, que esse a que nos referimos, de lavor mais aperfeiçoado, suspenso por um bracetete que está indicando a applicação que poderia ter tido, e finalmente reunido á talismânica e virtuosa conta de azeviche; não sendo provavel que com taes accessorios fôsse arma de guerra, escopro de lavar pedra, ou machado de cortar ramos de arvores, poderia ter tido um outro destino, e ser trazido, pendente do pulso, como distinctivo de auctoridade religiosa, ou de qualquer outra profissão da ordem civil.

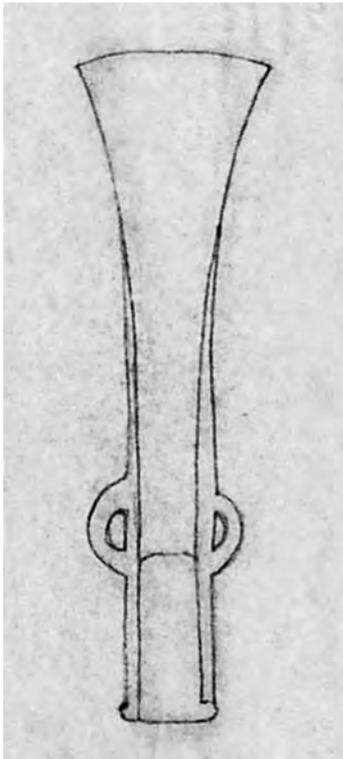
A grande antiguidade destes instrumentos, seja qual for a sua forma, está demonstrada, já por não haver a respeito delles a minima noção historica, já porque muitos logares em que apparecem, denunciam largos vestigios de haver sido occupados por povos que faziam uso de objectos inteiramente desconhecidos; e disto daremos ainda uma prova, omittindo muitissimas que poderamos compendiar.

Na serra de Baza, em Andaluzia, andando o sr. D. Manoel de Góngora y Martinez em suas habituaes explorações archeologicas, descobriu um bem fundido e assás aperfeiçoado machado de cobre com duas azas, de vinte centimetros de comprimento, e da forma não vulgar, que com a devida venia reproduzimos aqui, copiando-a do seu já por vezes citado livro das Antiguedades Prehistoricas de Andalucia (p. 110, fig. 138).

Denuncia este distincto escriptor que perto de Baza, como em Friela, proximo do rio Barbata e do riacho do Baul, se encontraram varios vasos de argilla de formas grosseiras; e accrescenta que entre os bairros alto e bai-

<sup>56</sup> Cours d'Antiquités Monumentales, tom. I. p. 131 e 142.

<sup>57</sup> Archeologia or Miscellaneous Tracts Relating to Antiquity, tom. XXXIV – Pl. V. p. 46 a 50.



xo da villa de Caniles, onde existem ruínas de grandiosa fortaleza, reconstruída pelos árabes, fazendo-se uma excavação funda, se descobriu um receptaculo quadrado, construído de pedra e cal, em que appareceram cinzas e carvões como prova de se ter naquelle sitio accendido fogo, e que levando-se mais funda a excavação se achou uma grande esphera de gêsso envolvendo um vaso de barro, dentro do qual estava uma esphera de chumbo adornada de pinturas roxas, que em apuramento de contas continha a ossada de um coelho! Na mesma occasião appareceu tambem um ôsso lavrado, que representa sob N.º 141.

O sr. D. Manuel de Góngora não pronuncia, em relação a este machado de cobre, a sua opinião: julga porém, vendo os ditos objectos citados, serem uns prehistoricos e outros hispano-romanos.

Vê-se que este instrumento fôra destinado a ser inserido e ligado na extremidade de uma vara, como o estão indicando os seus bordos revirados á feição de dente de arado, entre as azas e o lado opposto ao gume, e que as azas deveriam servir para que a ligadura, passando por ellas, mantivesse firme o instrumento, que neste caso não deixa de se inculcar como arma de guerra com preferencia a qualquer outro uso que se lhe possa attribuir.

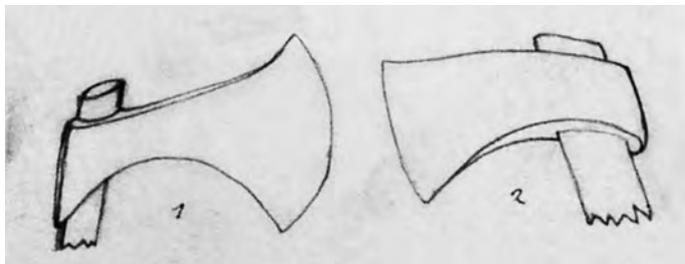
O typo, e a fabricação de todo o ponto apurada, que notamos neste instrumento, parecendo revelar uma aperfeiçoada modificação, comparando-se com os diversos artefactos deste genero, denunciam já a mui adiantada a arte de

fundir o cobre, por isso não podemos julgal-o tão antigo como o machado de Estombar (Est. fig.) e alguns dos de Paderne (Est. fig. ). Entre estes e aquelle deveria pois ter decorrido um largo periodo; e por tanto, se as nossas conjecturas são razoaveis neste exame de comparação, o machado de cobre da serra de Baza em Andalu-zia torna-se muito importante, porque vem por assim dizer mostrar-nos quão dilatado foi o tempo em que os povos ante-historicos usaram taes instrumentos.

(32)

Os objectos encontrados nas proximidades do logar em que o sr. D. Manuel de Góngora descobriu este machado, em vista da sua descripção, devem todos ou quasi todos pertencer a uma epoca muito anterior áquella que este instrumento parece caracterisar. Poderia pois elle accidentalmente ser abandonado ou perdido nesse tracto de terreno onde o povo, que reverenciava com tão cuidadoso resguardo a ossada de um coelho, tivesse estanciado. Se era arma de guerra, como bem se nos afigura, a sua materia metallica ainda assim não é sufficiente para se poder attribui á plena idade do cobre e do bronze, porque lá está o primor do seu acabamento como querendo collocar-o no periodo, que marcaria na peninsula hispanica a transição da idade do bronze para a do ferro, periodo que nas Gallias devêra ter-se manifestado muito mais cedo, se bem interpretamos as narrativas do proprio conquistador (De bell. Gall.), o qual não foi certamente com armas de cobre que conseguiu hastear o pendão das victorias e da civilisação do nascente imperio romano em meio dos aguerridos povos gaulezes. E porque este assumpto, sempre destituído de provas, nos permite a liberdade de expender as considerações, que vão enunciadas com as devidas reservas, parecer-nos que o machado da serra de Baza, como com mui prudente recato o indica o sr. D. Manuel de Góngora, poderá referir-se aproximadamente ao periodo hispano-romano, como arma que mais pôde caracterisar os povos invadidos do que as hostes invasoras, porquanto os auctores gregos e romanos, que podemos consultar ácerca de suas respectivas antiguidades, não accusam instrumento algum de tal substancia e feição, que por essas duas civilisadas nações tivesse sido usado ainda mesmo nas epocas mais apartadas do grau de florescia a que ambas chegaram para de si legarem estupenda memoria ás porvindouras gerações dos estados mais cultos nas sciencias, nas artes, e nas leis da sociedade civil.

Não devemos neste logar deixar de especificar outros machados, que em 1851, o sr. John Young Ackerman communicou á sociedade dos antiquarios de Londres terem apparecido no sólo de Inglaterra, como se podem observar no XXXIV vol. da Archaeologia, p. 178, cujas formas são como em seguida reproduzimos:



O N.º 1 representa aqui  $\frac{1}{4}$  da sua grandeza, e foi achado em Kents. O sr. Akerman refere-o a uma epoca posterior á invasão das Ilhas Britanicas pelos saxonios, e por isso o denomina «anglo-saxon axes».

O N.º 2 mostra metade das suas originaes dimensões, e foi achado em Colchester.

Estes dois machados são por aquelle distincto antiquario reunidos a um grupo de outros diversos na forma, e todos conjunctamente por elle classificados como instrumentos que foram usados pelas raças Celticas e Teutonicas.

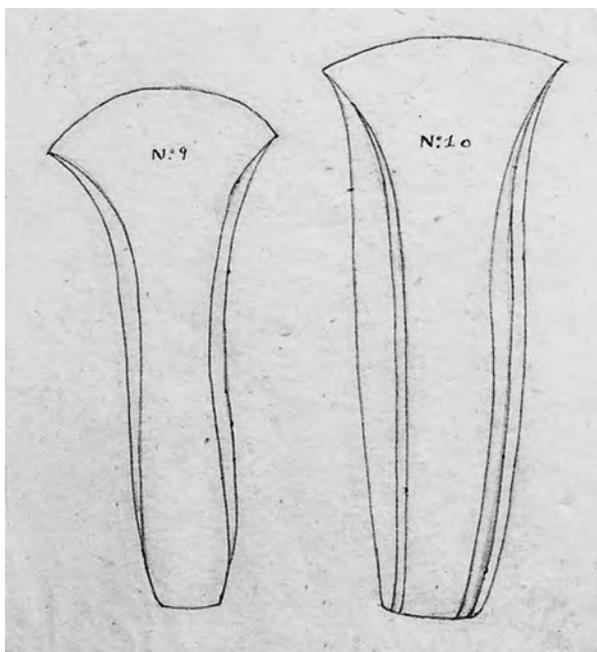
Eis aqui pois os typos de machados que prevaleceram até á presente epoca; porquanto, salva alguma pequena differença, o n.º 1 é mui similhante ao machado geralmente usado pelos nosso carpinteiros de ribeira, e o N.º 2, é por assim dizer, o modelo dos que são usados em toda a provincia, de Portugal, salva algum ligeira modificação, e mesmo em muitos paizes da Europa, com a essencial differença de não serem de cobre, mas de ferro e aço.

Temos assim exhibido diversos typos de machados, e juntamente compendiado as noticias mais interessantes que a respeito de cada um podémos colligir, tendo em vista indicál-os para com elles poderem ser cotejados os do Algarve, e vermos se deste exame seria possivel chegar-se, não certamente a uma conclusão infallivel, mas pelo menos á fixação de alguns principios e de varias considerações, que servissem como de reclamo á indispensavel discussão que este assumpto ainda está exigindo para se ir depurando das espessas nebulosidades que o cercam; pois que sómente da reunião de muitos estudos e de muitas opiniões auctorizadas, (...) recopilado tudo quanto a este respeito se tem escripto, e apelando-se ainda a novas descobertas, se poderá talvez deduzir um julgamento, que sirva pela boa critica das suas precedentes tenções para derramar mais alguma luz nos primeiros crepusculos dos tempos historicos, luz que leve o historiador, o philosopho e o artista a marcarem o seu ponto

de partida nas raias de um horisonte mais longiuo e grandioso.

Expedidas pois estas noções preliminares, vamos fallar dos machados de cobre e bronze do Algarve, que vão representados nas estampas III e IV, seguindo a ordem geographica dos logares em que foram achados, a partir de poente para nascente.

(33)



Já dissemos que o typo geral destes machados vinha representado no tomo V, pl. VIII da Archaeologia sob N.º 5, e o que a este respeito fôra por Benjamim Cooke communicado em 1735 a Mr. Collinson com referencia aos que tinham sido achados na Ilha de Wight, e referimos tambem o que ácerca destes machados foi considerado por M. de Caumont, que os representa na estampa VIII do Atlas pertencente ao seu Cours d'Antiquités Monumentales sob n.ºs 9 e 10, os quaes em seguida reproduzimos para se poderem com elles comparar os que vão figurados nas nossas estampas.

Em presença destes dois typos e daquelle que já figurámos, extraído da Archaeologia, tom. V. pl. VIII sob N.º 5, parece-nos podermos referir á mesma época e usos que lhes são attribuidos todos ou quasi todos os encontrados no Algarve, se bem que entre elles algumas diferenças notaveis se tornam apreciaveis, como faremos ver quando os enumerarmos para explicação das estampas em III e IV.

Sendo pois considerados como objectos caracteristicos da idade do bronze, quer fossem armas de guerra, instrumentos de trabalho, valores monetarios ou servissem para qualquer outro fim, e tendo o maior numero apparecido em logar onde não há averiguados indicios de occupação romana, representaram elles no Algarve um povo incognito para a historia, habitando naquella idade immediata á ultima da pedra, pelo menos o tracto de terra comprehendido entre Estombar, Paderne, e a aldêa de Stª Barbara de Nexa a NNO de Faro, pouco mais de uma legoa, e a E de Estoi, de que dista menos de meia legoa, onde foi encontrado o machado de pedra N.º 19, Est. II.

### Machados ôcos de cobre e de bronze

Embora não nos conste haverem apparecido alguns destes instrumentos em terrenos do Algarve, onde comtudo se póde presumir que venham ainda a descobrir-se, as noticias e apreciações que lhes são inherentes, andam de tal arte ligadas áquelles que alli têm sido achados, que não irá fóra de proposito referirmos, em breves palavras, as mais essenciaes.

O doutor Stukeley' leu em 26 de fevereiro de 1724 á sabia sociedade dos antiquarios de Londres uma dissertação, pretendendo mostrar que os machados ôcos de bronze, por varias vezes encontrados no territorio das Ilhas Britannicas, eram instrumentos pertencentes aos druidas, ou sacerdotes celticos, e que sendo encabados, assim os utilisavam, bem como os bretões, para cortarem ramos de arvores.

O sr. Boucher de Perthes, nas suas Antiquités Celtiques et Antédiluviennes, tom. I. cap. VIII, diz que parece terem os machados de bronze succedido aos de pedra ; que taes armas, talvez pela raridade e grande custo de metal, não prevalesceram de todo senão passado largo periodo, porque a fabricação dos instrumentos de pedra proseguiu até á invação das Gallias pelos romanos, e ainda posteriormente. Nota que nos sepulcros de terra (tombelles) se acham algumas vezes machados de pedra ao lado dos de bronze; porém, que o ponto que julga existir entre o sólo moderno e o sólo celtico, annuncia pertencerem ao periodo gallo-romano os que têm sido descobertos no territorio da França; mas adverte que os havia mais antigos, por isso que os historiadores apresentam os habitantes das Gallias, antes da conquista, já amplamente munidos de armas offensivas de ferro e bronze, accrescentando que nos departamentos de Oise, de Somme, do Seine Inferior e de Calvados é onde se tem manifestado o maior numero destes machados, e bem assim as formas da sua fundição.

O sr. Boucher de Perthes reconhece diversos typos destes instrumentos metallicos; designa porém como sendo mais trivial o que vem representado sob N.º 2 no Atlas pertencente ao Cours d'Antiquités Monumentales de M. de Caumont, pl. VIII, que é dos ôcos com uma só aza, e mui semelhante a uma cunha de rachar lenha; mas não ousa attribuir-lhe esta applicação por não ser todo solido. Ignorando o verdadeiro fim para que foram fabricados estes instrumentos, julga que a parte ôca serviria para conter fracções do mesmo metal em pó, em grão, em pequena moeda, como se verificou em alguns logo depois de extraídos da terra, e que a aza poderia servir para ser enfiada por um cordel, não só para reunir esses valores quando destinados a grandes pagamentos, como para de tal arte serem trazidos á cinta; pois imagina que teriam servido em certas épocas para com elles se pagar ás tropas a fazer permutações, por se terem tambem achado em acampamentos intrinheirados, e que cada um, representando uma barra de valor determinado, valeria muitos machados de silex, de granito, de serpentina, etc.

(34)

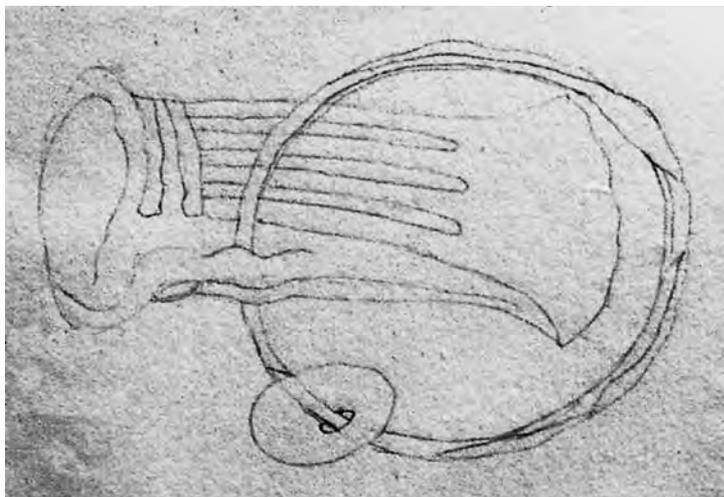
Nota este distincto escriptor não ter ainda visto no gume dos machados de bronze signal algum de destruição que não seja produzido pelo oxido, e que se tivessem sido armas, ou instrumentos de trabalho, teriam os signaes do choque: entretanto, posto que mais os considere como valores monetarios, segundo o seu peso, não deixa de pensar que em certas circunstancias teriam tido outros destinos, podendo emfim ser padrões de medida, e mesmo armas de guerra.

Longe de pretendermos impugnar a opinião deste distinctissimo sabio, que entre os modernos archeologos mui justamente logra o fôro de grande auctoridade scientifica, afigura-se-nos que para conterem fracções monetarias, ou de valores equivalentes, seriam os machados ôcos de bronze receptaculos assás pesados, de capacidade mui limitada, e sobretudo improprios para este fim; porquanto, ainda mesmo trazendo-se á cinta, enfiados pela aza, por isso que eram abertos, exporiam os valores que contivessem a saltarem e perderem-se todas as vezes que o portador tivesse de acelerar o passo, de correr, ou de emprehender algum trabalho, a não ser que um troço de filamentos ou de folhas de plantas, fechando a abertura daquelle espaço, impedisse a saída dos objectos reclusos.

Muitos outros archeologos, depois da expendida opinião do doutor Stukeley's (*sic*), têm considerado a extremidade ôca destes instrumentos como apropriada a ser enxerida em hastea de páu á maneira de lança; e como lance des barbares, creusé pour recevoir une hampe, un manche, ou un piquet, o julga M. Mongez no seu Recueil d'Antiquités<sup>58</sup>, referindo-se a um que representa sob N.º 7 na estampa 75ª. Esta mesma opinião expressa o sr. Lacombe no seu livro, intitulado Les Armes et les Armeurs, que em 1868 saíu publicado em Paris, sendo igualmente recebida por outros antiquarios.

Um factio notavel veio comtudo demonstrar que os machados ôcos não somente encabados, tiveram uso; e é elle, a nosso ver, de tão subida significação, que não podemos deixar de o referir, e commentar.

Em Inglaterra, perto de Tadcaster, em Yorkshire, foi descoberto um machado ôco, tendo a aza enfiada por um bracetete de cobre, e o bracetete por uma conta de azeviche. Eis aqui o seu desenho, copiado da est. 54 do 16.º vol. da Archaeologia, publicado em Londres em 1812.



Pondo de parte as considerações que a respeito desta descoberta são expendidas no dito volume (p. 362), diremos o que nos parece poder mais particularmente apreciar-se neste singularissimo objecto.

Com quanto este instrumento mostre uma forma semelhante aos do grupo do seu genero, deixa comtudo ver na sua fabricação um esmerado trabalho, como o denunciam as caneluras que o revestem, não exemplificado nos outros, geralmente lisos e sem o minimo ornato.

Todos os archeologos sabem quão longe leva a sua origem os bracetetes de cobre.

Se os que hão sido achados em sepulturas propriamente romanas, não podem deixar de attribuir-se a essa respectiva época, aquelle que se encontrou ligado a um instrumento prehistorico, pelo mesmo systema deve ser julgado; e para não deixar duvidas ácerca da sua immemorial antiguidade, apresenta enfiada uma conta de azeviche, que mais ainda vem corroboral-a.

<sup>58</sup> Recueil d'Antiquités – vem no vol. da Encyclop. Method. – Paris – 1804.

As contas de azeviche têm sido achadas em sepulturas capituladamente celtas em varios paizes da Europa occidental, associadas a armas de silex e de bronze, como refere M. de Caumont<sup>59</sup>, accrescentando que os celtas costumavam adornar-se com collares de azeviche e de outras pedras, a que attribuiam singulares virtudes; o que é reforçado pelo mui abalisado archeologo o sr. John Younge Akerman, referindo o grande numero de contas de diversas substancias descobertas em tumulos dos antigos bretões, e dos anglo-saxonios<sup>60</sup>, que julga serem, antes amuletos do que ornatos, ou objectos de character talismanico, proprios das tribus pagãs que em tempos remotos occuparam as Ilhas Britannicas. Tendo nós porém de mencionar umas contas achadas no Algarve, em seu logar daremos a este curioso assumpto maior desenvolvimento; porque nesta occasião apenas o aproveitamos para nos ajudar a comprovar não só a grande antiguidade dos machados de bronze, como para mostrar um exemplar em condições taes, que não permita a presumpção de que esses instrumentos fossem exclusivamente empregados como armas de guerra, como objectos de trabalho, ou finalmente como receptaculos de valores monetarios.

O instrumento a que nos referimos mostra haver sido destinado a andar pendente do pulso de alguém em certas e determinadas occasiões, mui solennes talvez. O bracetete em que está suspenso e a conta de azeviche, suscitam pelo menos este pensamento.

Teriam pois esses machados de cobre ou bronze, entre outras applicações, algum serviço privativo no barbaro ceremonial dos sacrificios gentilicos?

Assim o deixam presumir varios auctores, e o já citado doutor Stukeley, declarando-os como instrumentos pertencentes aos druidas, celticos sacerdotes de uma seita sanguinaria.

Se os druidas ou quaesquer outros personagens daquella epoca usavam estes instrumentos tão enfeitados de bracetetes e contas talismanicas, não denunciando assim com taes accessorios serem armas de guerra, escopros de cortar pedra, machados de decepar lenha das arvores, nem bolsas de valores monetarios, deveriam ter tido um diverso destino, e ser trazidos, pendentes do pulso, como distinctivo de auctoridade religiosa, ou de alguma outra profissão da ordem civil.

### **Machados sólidos com bordos lateraes parcialmente salientes e recurvados**

Para representarmos este typo escolhemos o que vem gravado no Recueil d'Antiquités de M. Mongez, est. 75 – sob N.º 8.

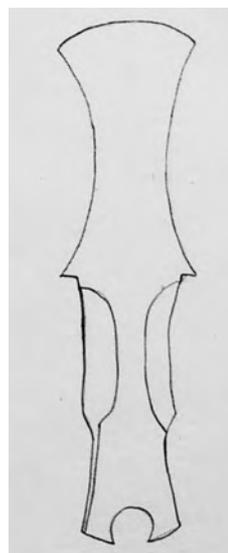
Eis aqui a sua forma, e grandeza.

Neste grupo observam-se numerosas novidades.

M. Mongez, desconhecendo o uso que teriam tido estes instrumentos, colloca-os comtudo no capitulo II, onde apenas trata das armas offensivas (lances, dards, javelots, épieux), chamando-lhe lanças dos barbaros. Diz achar-se o objecto original na collecção de antiguidades da Santa Genoveva, e que bem revela ter servido encabado em madeira.

O sr. Lacombe vai ainda mais longe; pois representa uma outra variedade pertencente a este grupo, figurando o modo porque estes machados seriam ligados a um cabo<sup>61</sup>; e chama a estes instrumentos armes celtiques, e haches gauloises.

Effectivamente, se não eram encabados, como explicar nestes instrumentos os dois bordos lateraes salientes e curvados para a mesma face, á maneira de ferro de arado?



<sup>59</sup> Cours d'Ant. Monument., tom. I. p. 131 e 142.

<sup>60</sup> Embora os anglo-saxonios adoptassem as contas de azeviche dos povos que os precederam, começando elles a senhorear o sólo britânico no principio do VI seculo, não nos parece que a tão recente epoca se possa attribuir o dito machado a que anda ligada uma destas contas, cuja origem é muito mais antiga.

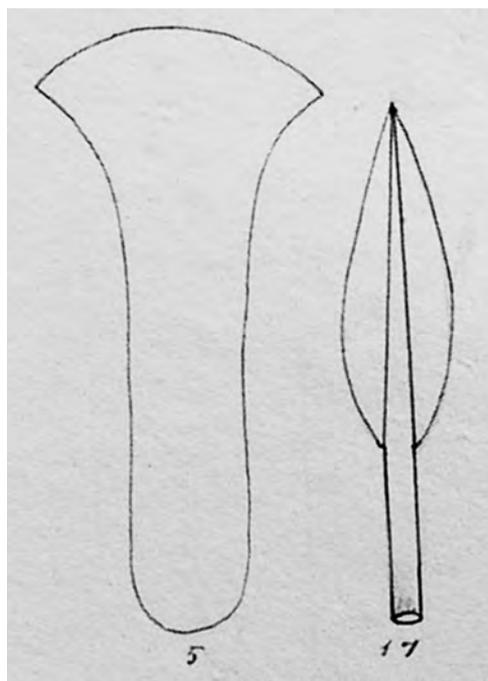
<sup>61</sup> Les Armes et les Armeurs, p. 15.

Julgamos que este característico é assás sufficiente para auctorisar uma tal presumpção; e se finalmente eram armas de guerra, como com preferencia a qualquer outro uso parecem, não é isto averiguado para se poder aqui aventurar.

### Machados sólidos e lisos

A este grupo, de variadas formas, pertencem todos os machados de cobre e bronze, achados no Algarve, e representados nas estampas III e IV deste livro; por isso nos deteremos um tanto mais no seu resapectivo exame.

Alguns destes machados communicou Benjamin Cooke a Mr. Collinson terem apparecido em 1735 na Ilha de Wight<sup>62</sup>, estando um trabalhador a explorar a marneira da collina central, determinada Arneton Down, onde estavam dispostos em ordem regular, achando-se a mais um pé de profundidade muitas pontas ou cabeças de lança, todas de cobre, e tudo isto umas duzentas jardas distante de um campo intrincheirado, que se julgou ter sido



romano. Tambem em dois logares da mesma collina se descobriram cinzas e ossos queimados, restos de um povo que allí vivêra e usára taes instrumentos. Benjamin Cooke concordou com Mr. Collinson em que, sendo gaulezas aquellas armas, poderiam ter sido utilizadas, pelos auxiliares romanos até á epoca do imperador Claudio I<sup>63</sup>. Julga emfim Mr. Cooke, fundando-se nas palavras de Homero, l. XIII – 612, e n'um sêllo antiquissimo em que viu gravado com seu cabo um destes machados, que assim seriam usados, e teriam o nome de amazonia securis, de que falla Horatio, ode IV. 20.

Eis aqui a forma dos machados e lanças a que se refere o antiquario inglez na Archaeologia, tom. V. plat. VIII, sob N.ºs 5 e 17.

Relativamente aos usos que teriam tido estes machados correm entre os archeologos britannicos duas opiniões mais determinadas, querendo uns inculcal-os como armas de guerra, e outros como instrumentos de trabalho.

Mr. Thoresby, que possuia alguns encontrados perto de Bramham-moor, em Yorkshire, suppõe terem sido lanças que em hasteas

<sup>62</sup> Vide nota relativa a esta Ilha.

<sup>63</sup> Nota relativa.

<sup>64</sup> Vide a nota maior. Os historiadores inglezes, não podendo designar quaes foram os primitivos habitadores das Ilhas Britannicas, citam como os mais antigos de que conservam alguma noticia os Briths, assim chamados por pintarem o corpo de azul com varios lavores. Segundo refere Olivier Goldsmith no principio da sua Historia de Inglaterra, aquelles selvagens usavam cabellos compridos, cobriam algumas partes do corpo com pelles de animaes, habitavam em choças, e viviam dos productos espontaneos da natureza. O seu commercio com alguns estrangeiros e sobretudo com os oriundos da Gallia, que pouco a pouco se foram apoderando das zonas litoraes, consistia em couros dos copiosos rebanhos que possuíam, e em estanho, metal que suppunham ser privativo da sua nação; e diz o mesmo historiadór, que não só faziam uso de armas do ferro que exploravam no seu territorio, como deste metal fabricavam uma especie de moeda, sendo tambem corrente a de cobre que lhes vinha principalmente da Gallia.

O citado auctor, apresentando os bretões a fallar a mesma linguagem dos gaulezes e com uma similhante religião parece denuncial-os como oriundos de algum tronco das raças gaulezas; ou que dos gaulezes que habitavam os portos das Ilhas Britannicas haviam adoptado uma e outra cousa; dizendo que os druidas eram os seus sacerdotes, e que os altares destes supersticiosos sanguinarios se formavam de quatro pedras, tres erguidas do chão e uma sobre ellas assentada, mostra querer inculcal-os como constructores dos dolmens, porque

de páu encimavam os bretões civilizados. Esta mesma opinião exprime por outras palavras o distincto auctor da Hist. of Manchester, Mr. Whitaker (p. 14), designando-os como cabeças de armas ligeiras.

Rejeita porém Mr. Hearne estas supposições, tentando provar com varios argumentos, que taes objectos não tinham sido armas militares dos bretões, dos saxonios<sup>64</sup>, nem dos dinamarquezes, mas sim escopros de cortar as pedras, que os romanos usavam naquella ilha para suas construcções.

Na mui notavel obra intitulada Antiquities of Cornwall, onde se figuram e descrevem muitos destes instrumentos, não admite o doutor Borlase que tivessem sido escopros de trabalhar em pedra, como pretendêra Mr. Hearne, e adopta a opinião de Mr. Thoresby, proclamando-os como cabeças de armas offensivas, originariamente inventadas pelos bretões, e depois pelos romanos das provincias, à imitação dos indigenas, tanto mais que tendo alguns achados em minas, com indício de terem sido embrulhados em pannos, certamente para serem preservados da acção do tempo, não julga que tanto resguardo se dêsse a instrumentos de cortar pedra.

Todas estas opiniões expõe e commenta Mr. Lort nas observações que ácêrca dos machados de bronze dirigiu em 23 de maio de 1776 á sociedade dos antiquarios de Londres, impressas em 1779 no V volume da Archaeologia. Mr. Lort, referindo-se a um machado<sup>65</sup>, semelhante aos do Algarve, que diz ter sido extraído das ruínas do castello de Gleaston, em Lower Furness, no condado de Lancaster, indica-o como parecido com outros chamados celticos, que em grande numero hão sido encontrados em diversos pontos das Ilhas Britannicas, e afigura-se-lhe que seria assim mesmo utilizado, por não mostrar indício de poder ser encabado. Repellido a opinião de Mr. Hearne e dos mais auctores acima citados, diz serem geralmente muito toscos esses instrumentos para se julgar que fôsem armas dos romanos, e assás aperfeiçoados para se attribuirem aos bretões, antes da invasão de Cesar. Não poderiam ser armas de guerra, prosegue ainda este auctor, nem escopros de cortar pedra, porque o cobre e o bronze eram fracos metaes para estes usos, sobretudo n'uma época em que o ferro já seria facilmente aproveitado.

Nota porém este sabio investigador que varios machados em cobre e de bronze se tem achado em estações romanas com objectos romanos; o que o leva a pensar que os conquistadores os adoptariam dos antigos bretões sem comtudo os empregarem como armas offensivas, ou como escopros de cortar pedra. Entretanto denuncia ao mesmo tempo serem raros os objectos de ferro nos logares em que mais copiosamente apparecem os ditos instrumentos. A tudo isto accrescenta ainda que os antigos conheciam a arte de dar ao cobre uma tempera riquissima, como bem o mostram varias espadas e outros objectos do mesmo metal.

Termina finalmente propondo aquelles objectos como instrumentos de mão, fôsse qual fôsse o seu uso.

O bem conceituado archeologo francez, M. de Caumont, no seu Cours d'Antiquités Monumentales professado em Caen e começado a publicar em 1830, representa na estampa VIII do seu Atlas, sob N.ºs 9 e 10, dois machados de bronze mui semelhantes aos do Algarve, e para que o typo a que temos de referir-nos muitas vezes fique bem fixado, aqui reproduzimos o desenho daquelles exemplares.

---

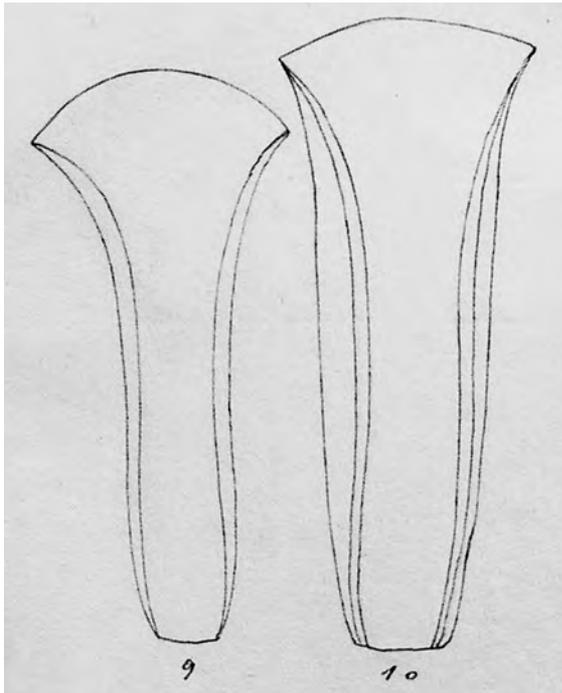
outra cousa não eram os taes altares druidicos; e pondo-os a combater com armas de ferro todos os invasores até serem vencidos por Julio Cesar, deixa aqui em aberto uma larga lacuna entre a epoca immemorial da construcção dos dolmens na Europa e a das historicas conquistas do nascente imperio romano.

Não foram, certamente, os bretões conquistados por Cesar os originarios edificadores dos dolmens d'Inglaterra, nem os inventores dos machados de bronze, cuja origem era muito mais antiga, pois não careceria desses instrumentos de bronze quem de ferro já sabia fabricar armas e moedas.

Não foram tambem os saxonios, que só na segunda metade do V seculo começaram a invadir as Ilhas Britannicas até conseguirem a fundação de sete principados ou reinos saxonios, que tomou o nome de Heptarchia; e muito menos o seriam emfim os dinamarquezes, que pela primeira vez apparecem no sólo de Inglaterra na segunda metade do VIII seculo.

Eram pois muito mais antigos esses instrumentos; pertenciam portanto a um povo que senhoreou aquelles territorios em epocas mais remotas; è possível que fôsem igualmente usados pelos mais antigos bretões, muito antes da conquista romana dos Cesares, e que o seu uso durasse entre os indigenas e os coloniaes até o tempo de Claudio I, por isso que se diz terem apparecido em campos que denunciam intrincheiramentos romanos; geralmente attribuidos a Claudio.

<sup>65</sup> Vem representado no V vol. da Archaeologia, plat. VII. sob N.º 1.

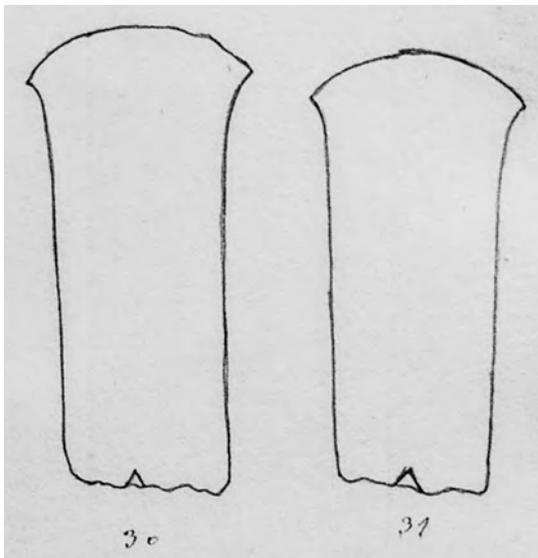


Estes instrumentos, diz M. de Caumont (tom. I. p. 231), encontram-se principalmente nos logares que pertenceram aos celtas, e quanto ao seu destino, apesar das mui diversas conjecturas dos mais sabios archeologos, pensa que poderiam ter varias applicações, ora tornando-se armas temiveis, ora empregando-se em diferentes trabalhos domesticos.

Tambem se encontram enterrados na terra sem precaução, continua o mesmo archeologo, porém mais geralmente encerrados em vasos de barro grosseiro, tanto em localidades outr'ora habitadas pelos gaulezes, como perto das pedras druidicas<sup>66</sup>, e em logares cobertos de ruinas romanas; o que o leva a crêr que o seu uso continuou ainda depois de Julio Cesar conquistar as Gallias; e por isso classifica estes como pertencentes ao periodo gallo-romano, e aquelles como sua origem muito anterior; pois que antes da conquista já o ferro era largamente trabalhado, como o affirma o proprio conquistador, dizendo: «Apud eos magna sunt Ferrariæ.» De Bell. Gall.

### Machados solidos e lisos com cavidade aberta numa só face

Falla agora o sr. Boucher de Perthes daquella variedade que reunimos a este grupo de machados solidos e lisos, como distinguindo-se apenas de todos os mais exemplares em ter uma cavidade aberta n'uma das faces sem comtudo romper a outra, variedade que neste logar representamos com o desenho de dois daquelles instrumentos



achados em Paderne, para assim se poderem examinar mais directamente. São pois estes os mesmos que figuram na est. IV sob N.ºs 30 e 31.

Diz o sr. B. de Perthes que na sua collecção ha um destes machados, extraído do paul d'Epagnette, perto d'Abbeville, com o peso de 580 grammas, tendo 18 centimetros de comprimento, 6 de largura no gume cortante, e 2 ½ na maior grossura. Compara-o com o que M. de Caumont figura no Atlas, est. VIII sob N.º 9, e que nós acima reproduzimos. No seu exemplar ha porém a mais uma abertura de cinco millimetros de diametro, que penetra dois centimetros no sentido do corte; e nota não só achar-se tão perfeito como saído do molde, mas com aquelle brilho de ouro que se tem observado n'outros utensilios de cobre extraídos das turfeiras. O auctor citado julga esta forma menos explicavel que a dos ôcos, por não se poder fixar um cabo, nem ser possi-

<sup>66</sup> Refere-se mui provavelmente aos dolmens ou antas, que alguns auctores denominou pedras druidicas.

vel cavilhar-se, por isso que a abertura não atravessa a chapa de lado a lado; o que o leva a repellir a opinião, em contrario, emittida por Mr. Joseph Banck<sup>67</sup>, como insufficiente para resolver as suas duvidas.

Contra esta e muitas outras opiniões auctorizadas se apresenta o sr. Lacombe figurando na sua já nomeada obra Les Armes et les Armures, o modo pratico porque seriam encabados os typos principaes desses instrumentos, que denomina armes celtiques e haches gauloises.

É pois esta a estampa ideal que vemos naquella obra (p. 15), onde se diz que o machado solido, (como os de Paderne) sómente n'um páu fendido n'uma extremidade, e ahi entalado e ligado com tiras de couro, ou nervos, poderia ser encabado.

Quanto a nós, entendemos que cousa alguma se póde affirmar a este respeito, e visto que as descobertas até agora realisadas não vieram acompanhadas de condições taes que possam auctorisar uma decisão qualquer; entretanto julgamos que no campo discussão todas as opiniões se devem receber comtanto que tenham algum fundamento racional.

Não está provado que os machados de cobre e de bronze tivessem sido encabados, nem tambem, poremquanto, se póde affirmar o contrario. Os usos a que eram destinados, são inteiramente desconhecidos, como desconhecidos são os povos que originaria e posteriormente os fabricaram e utilisaram; e por isso não nos é licito dizer que taes instrumentos sómente em certas e determinadas circunstancias poderiam ser usados.

Quem porém os observa com o intuito de os poder descrever segundo os seus caracteristicos, é certo que algumas proposições póde aventurar.

Admittindo-se hypotheticamente que os machados ôcos, e os todos solidos e lisos não fossem encabados, como explicar no segundo typo a que nos referimos as duas linguetas lateraes que dos bordos se prolongam, e curvam pela mesma forma que se observa nos mais antigos ferros de arado? Se esses objectos se podessem considerar como barras de valor monetario, que significação poderia ter um tal caracteristico? Se eram armas de guerra, ou instrumentos de trabalho, porque hade repugnar a presumpção de que esses machados tivessem sido intencionalmente assim fundidos para serem munidos de uma hastea de lança ou mesmo de um cabo mais curto, segundo o fim para que fôsem destinados? Se eram, finalmente, instrumentos de mão, como alguns archeologos pretendem julgar, os machados ôcos, e os do terceiro typo, não vemos modo de comprehender aquellas excrescencias recurvadas, que tão mal poderiam ageitar-se na mão do operario.

Em caso mui similhante consideramos tambem os machados solidos com uma cavidade aberta n'um dos lados: para este typo militam identicas considerações. Pois pelo facto desta cavidade não romper o lado opposto não se póde suppôr que ella servisse assim mesmo para receber uma cavilha que enchesse a profundidade de dois centimetros, como o sr. Boucher de Perthes diz ter um dos exemplares da sua collecção? Quantos artefactos de madeira e de metal estamos nós vendo em nossos dias, perfeita e solidamente ligados por este systema da inserção? Se aquelle espaço não devesse ser preenchido para segurança do instrumento, como podê-lo apreciar?

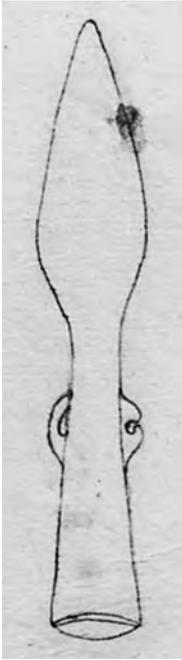
Pronunciadas taes considerações, parece-nos poder-se pensar que tanto estes como as do typo antecedente deveriam ser encabados, fôsse qual fôsse a sua tencionada applicação; e sendo-o estes, os ôcos não menos o poderiam ser, servindo nesta hypothese a aza para por ella passar uma ligadura, e não é sem algum fundamento que aventuramos, tal supposição.

Entre Hagbourn Hill e Chilton, no condado de Berks, foi em profundidade de quatro pés achada a lança de cobre, cujo desenho aqui representamos. Foi esta descoberta communicada em maio de 1808 á sociedade dos antiquarios de Londres por Mr. E. King, como se póde ver na Archaeologia, tom. 16, p. 348.

Crêmos não poder duvidar-se de que neste instrumento de guerra deveria ser enxada uma hastea, bem se deixa ver; é ôca e circular a sua extremidade inferior e nella não se observa orificio algum que inculque logar de

---

<sup>67</sup> Archaeologia, tom. 19. p. 13.



cravação; mas para supprir esta falta acha-se esta lança munida de duas azas oppostas, que certamente não significam que haver-lhe servido de guardas para limitarem a profundeza do golpe; mas mui provavelmente para por ellas passar algum fio consistente e capaz de melhor firmar o instrumento em sua hastea. Se estas azas ou anneis parece poder interpretar-se a significação de igual característico nos machados ôcos de cobre e de bronze; e por isso não nos repugna conceber que alguma applicação teriam elles, que os reclamasse ligados a um cabo direito, ou mesmo curvo, como assim o figura o sr. Lacombe, e já antecedentemente M. de Caumont havia representado o que vem sob N.º 7 na estampa VIII do seu já citado Atlas, o qual aqui reproduzimos; e concordando-se que fossem encabados como este que copiámos, a inserção ficaria de todo o ponto firme ligando-se com tiras de couro crusadas entre a abertura da aza e o cabo (Fig. 9).

Se alguns machados não revelam aparente indicio de se poderem encabar, como pensou o reverendo Mr. Lort, chamando instrumentos de mão aos sólidos e lisos, e como tambem os julgou o sr. Boucher de Perthes, ainda assim não ha cabal fundamento para o affirmar; pois de forma assás similhante são os escopros de aço de cortar o ferro candente, que em varias officinas de serrallharia hemos visto encabados n'um troço de páu fendido, onde são entalados e firmemente apertados para não desviarem o golpe no acto da percussão. Se estes escopros, que toda a gente conhece, são assim encabados, porque não o poderiam ser simi-

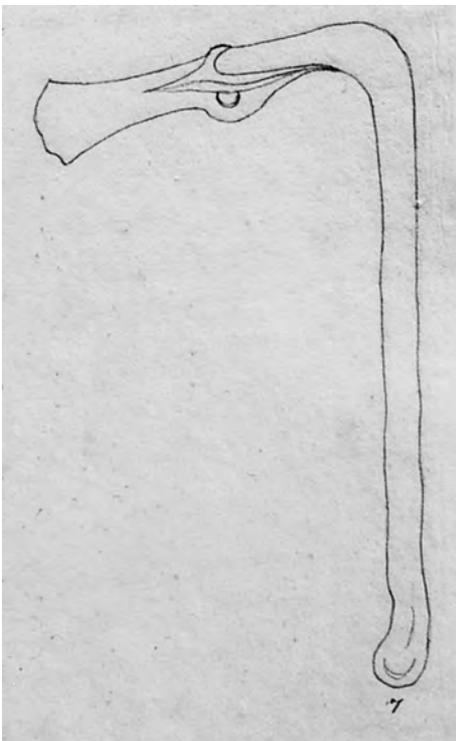
lhantemente os machados de bronze, uma vez que sejam considerados como armas de guerra, ou instrumentos de trabalho?

Accresce ainda uma circumstancia, mostrando não ser verosimil que fôssem instrumentos de mão aquelles mesmo que segundo o parecer de varios archeologos, apresentam indicio de se poderem encabar; pois neste grupo notámos haver alguns, e são os que constituem o maior numero, cujas arestas se mostram muito afiladas; o que bem deixa immediatamente perceber que não haveria mão, por mais robusta que fôsse, capaz de soffrer a pungente pressão de taes arestas, as quaes nos proprios escopros, usados nas artes e officios, são sempre chanfradas para melhor se ageitarem estas ferramentas ás durezas do trabalho.

Nos instrumentos deste genero, que até agora temos observado, notámos as seguintes particularidades, dignas de attenção:

1ª perfeita conservação no gume cortante de quasi todos, e apenas um ou outro com ligeiras falhas, ou uma certa ondulação produzida por decomposição local, testificada pela presença do oxido; 2ª não patentear na maioria delles seguro indicio de terem os seus gumes sido apontados pelo attrito; 3ª não haver na extremidade opposta signal algum de percussão; 4ª não serem afiladas as arestas nos tres unicos desta forma, que figurámos com os N.ºs. 25, 26 e 27 na

estampa III, achados em Estombar e Paderne, e apresentarem a sua superficie geralmente tão poida como a dos objectos metallicos que se trazem habitualmente nos bolsos: o que deixa presumir que não exerceram acção em superficies de maior dureza e resistencia; que não foram empregados para cortar por meio da percussão de outro instrumento; que os poidos, da forma indicada, teriam frequente uso, quotidiano e domestico, talvez; que finalmente, que vendo-se sustentar a opinião de que fossem instrumentos de mão, sómente este destino pode de algum



modo attribuir-se a estes ultimos, e áquelles ôcos, cuja aza internamente mostre indicio de terem andado pendentes de bracetes, como o que foi achado em Yorkshire, perto de Tadcaster (Fig. 7). (35)

Com relação á origem dos diversos typos de machados de cobre e de bronze, ao tempo que durou o seu uso, e aos povos que delles se serviram; muito se tem escripto, mas cousa alguma ainda se pôde comprovar.

É opinião geralmente expressada pelos mais celebres archeologos, que o estanho e o cobre deveriam ter sido os primeiros metaes de que o homem antigo se utilisou logo que descobriu a arte de os fundir.

A descoberta do estanho a oeste da Bretanha provocou a navegação dos phenicios para aquella paragem n'uma epoca remota, segundo refere Norris Brewer na Introduction to the Beauties of England and Wales, p. 37; o que é tambem referido por M. de Caumont, quando no tom. I do seu Curso de Antiguidades Monumentaes diz que os gaulezes, descobrindo e explorando numerosas minas no seu proprio territorio, deveriam ter conhecido o estanho desde tempos antiquissimos como um dos mais precisos productos da Ilha da Bretanha.

O grande numero de espadas, lanças, machados e outros objectos de cobre, que nos terrenos denominadamente celticos se tem descoberto, bem como nas proximidades e nas camaras sepulcraes dos dolmens ou antas, parece mostrar que foi este o primeiro metal utilizado pelo homem que deixou da sua existencia os mais antigos vestigios logo em seguida áquelles que caracterizam as gerações das idades da pedra. (36)

Conhecido o estanho e o modo de fundir o cobre, a liga destes dois metaes começaria posteriormente a produzir os instrumentos de bronze; pois não é provavel que este composto tivesse prioridade de uso antes de serem ensaiados os resultados de cada um dos seus componentes; e com este fundamento poderá julgar-se mais antigo que o de bronze, o machado de cobre.

A esta supposição accresce o voto dos mais auctorisados archeologos, de ser o cobre o metal de que primeiramente se serviram os celtas ou celticos para a fabricação das suas armas de guerra e de outros objectos.

Segundo uma analyse chimica de M. Vauquelin, referida por M. de Caumont<sup>68</sup>, um machado ôco de bronze denunciou 87 partes de cobre sobre nove de estanho e tres de ferro; mas o ferro, adverte este auctor, considerou-se como naturalmente ligado ao cobre.

Que são mais antigos que os de ferro os instrumentos de cobre e de bronze, está provado por numerosas explorações geologicas e archeologicas até o presente effectuadas na Europa, em vista de factos os mais significativos de ha muito observados nesses trabalhos rigorosamente scientificos; pois não ha ver objectos de ferro nos depositos mais antigos em que a todo o passo se exploram os de cobre e bronze.

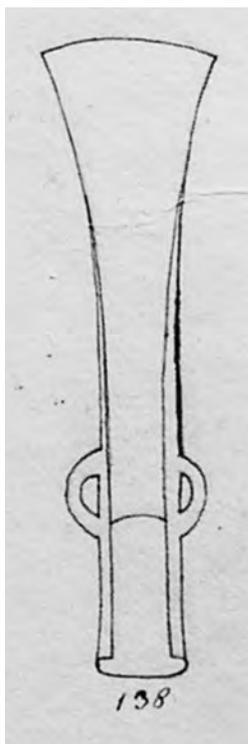
Alguns archeologos, observando o conjuncto dos monumentos e objectos de arte, emprehenderam a sua classificação chronologica grupando systematicamente os de feição mais rude e grosseira como representantes da epoca celtica ou gauleza; os que por sua forma e estilo já pareciam haver saído de tão rudimentar estado de rudeza, como caracteristicos do largo periodo de transição em que após a conquista das Gallias por Julio Cesar a industria dos povos europeos começou gradualmente a aperfeiçoar os productos do seu trabalho, subtraindo-os áquella feição de primitiva barbaridade que era peculiar aos incultos habitantes da Europa antes da soberba Roma derramar por toda a parte suas hostes guerreiras e com ellas o distincto influxo da sua civilização, e os primorosos modelos da sua nunca excedida industria. Gruparam em seguida todos os monumentos e objectos de fabrica reconhecidamente romana, e finalmente as construcções monumentaes e mais accessorios da idade media, concluindo assim um quadro das quatro epocas mais celebradas nos vastos annos da vida humana.

Se nos fôsse permittido seguir este systema para podermos designar a antiguidade relativa dos machados de cobre e bronze, referindo assim os mais toscos e grosseiros aos primeiros tempos da sua fabricação e os mais correctos de forma e de perfeito acabamento ao ultimo periodo em que foram usados, além dos que foram descobertos no Algarve não nos faltariam outros exemplares para este exame.

<sup>68</sup> Cours d'Ant. Mon. Tom. I. p. 144.

Na serra de Baza, em Andalusia, andando o sr. D. Manuel de Góngora y Martinez em suas habituaes explorações archeologicas, descobriu um bem fundido e assás aperfeiçoado machado solido de cobre com duas azas, do comprimento de vinte centimetros e da forma não vulgar, que com a devida venia reproduzimos aqui, copiando-o da gravura que no seu já por vezes citado livro das Antiguedades Prehistoricas de Andalusia vem marcada com o N.º 138, p. 110.

O instrumento, reduzido a menores dimensões, é assim figurado:



Denuncia aquelles distincto escriptor, que perto de Baza, como em Friela, proximo do rio Barbata e do riacho do Baul, se encontraram varios vasos de argilla de formas grosseiras; e accrescenta que entre os bairros alto e baixo da villa de Caniles, onde existem ruinas de grandiosa fortaleza, reconstruida pelos árabes, fazendo-se uma excavação funda, se descobriu um receptaculo quadrado construido de pedra e cal, em que appareceram cinzas e carvões provando ter-se naquelle sitio accendido fogo, e que levando-se mais funda a excavação se achou uma grande esphera de gesso envolvendo um vaso de barro, dentro do qual estava uma esphera de chumbo adornada de pinturas rôxas, que em apuramento de razões continha a ossada de um coelho! Na mesma occasião appareceu tambem um osso lavrado, que representa sob N.º 141.

O sr. D. Manuel de Gongora não pronuncia, em relação ao machado de cobre, a sua opinião; julga porém, vendo os ditos objectos citados, serem uns prehistoricos e outros hispano-romanos. Entretanto poder-se-ha pensar que este instrumento fora destinado a ser enxerido e ligado na extremidade de uma vara, como o estão indicando os seus bordos recurvados entre as azas e o lado opposto no gume, a feição de dente de arado, e que as azas serviriam para que uma ligadura passando pelos seus orificios, mantivesse firme o instrumento, que bem mostra inculcar-se como arma de guerra com preferencia a qualquer outra applicação.

À typica manufactura de todo o ponto apurada deste artefacto, cotejada com a rudeza de muitos outros do seu genero, denunciam já mui adiantada a arte de moldar e fundir, e por isso não podemos julgal-o tão antigo como o machado de Estombar, e alguns de

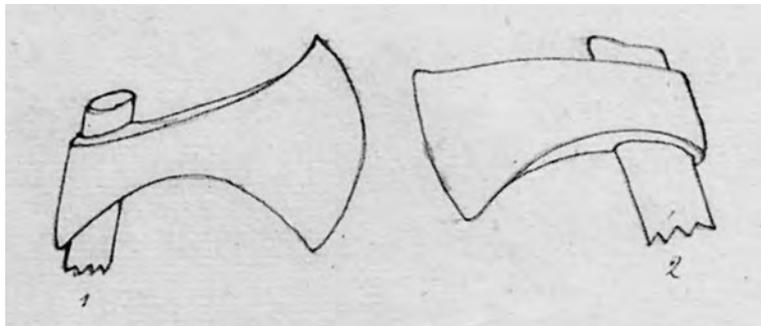
Paderne, representados nas nossas estampas III e IV. Entre estes e aquelle parece pois ter decorrido em largo periodo, e por isso o machado da serra de Baza em Andalusia vem talvez mostrar, quão dilatado foi o tempo em que os povos ante-historicos usaram taes instrumentos. (37)

Os objectos encontrados nas proximidades do lugar em que o sr. D. Manuel de Góngora descobriu este machado, devem todos ou quasi todos pertencer a uma epoca anterior áquella que este instrumento parece representar.

Afigura-se-nos ser menos antigo que o povo que alli estanciára reverenciando com tão decoroso resguardo a ossada de um coelho; porquanto, o primor do seu acabamento está como querendo collocar-o no periodo que marcaria na peninsula a transição da idade do bronze para a do ferro.

E porque este assumpto, sempre destituido de provas, nos permite a liberdade de expôr as considerações que vão enunciadas, mediante as indispensaveis reservas, parece-nos que o machado da serra de Baza poderá referir-se aproximadamente ao periodo hispano-romano como arma que melhor póde caracterisar os povos invadidos do que as hostes invasoras; pois, os auctores que podémos consultar acêrca das antiguidades gregas e romanas, não accusam instrumento algum de tal substancia e feição, que por essas duas nações tivesse sido usado, mesmo nas epocas mais apartadas do grau de florescencia a que ambas chegaram para poderem legar sua estupenda memoria ás porvindouras gerações dos estados mais cultos nas sciencias, nas artes e nas leis da sociedade civil.

Especificaremos em ultimo logar outros machados, que em 1851 o sr. John Yonge Akerman communicou á sociedade dos antiquarios de Londres terem apparecido no sólo de Inglaterra, como se pódem observar no volume 34.º da Archaeologia, p. 178, cujas formas aqui reproduzimos.



O N.º 1 representa um quarto da sua grandeza, e foi achado em Kents. O sr. Ackerman refere-o a uma época posterior á invasão das Ilhas Britannicas pelos saxonios; e por isso o denomina «anglo-saxon axes».

O N.º 2 mostra metade das suas dimensões, e foi achado em Colchester.

Estes dois machados são por aquelle distincto antiquario reunidos a um grupo de outros diversos na forma, e todos conjunctamente classifica como instrumentos que foram usados pelas raças celticas e teutonicas.

Eis aqui os typos que prevalesceram até á presente época; pois salva alguma pequena differença, o N.º 1 é mui semelhante a uns machados geralmente usados pelos nossos carpinteiros de ribeira, e o N.º 2 é, por assim dizer, o modelo dos que vemos em todas as provincias de Portugal, excepto alguma ligeira modificação.

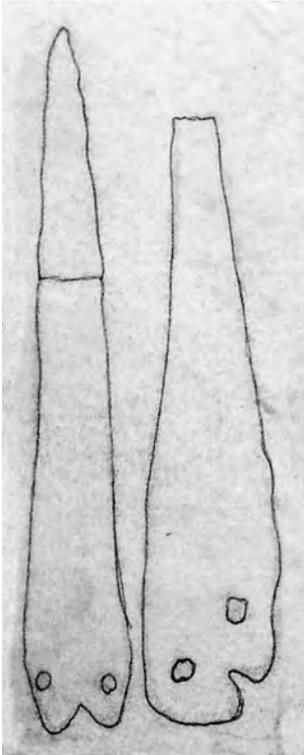
Temos assim exhibido diversos typos de machados e junctamente compendiado as noticias mais interessantes que a respeito de cada um podémos colligir, levando em vista indical-os para com elles poderem ser cotejados os do Algarve, e vemos se deste exame seria possivel chegar-se, não certamente a uma conclusão infallivel, mas ao menos á fixação de certos principios e considerações, que servissem como de reclamo á indispensavel discussão que este assumpto está exigindo para se ir depurando das expessas nebulosidades que o cercam; pois que sómente da reunião de muitos estudos e de muitas opiniões auctorizadas, havendo-se recopilado tudo quanto corre escripto a este respeito, e appellando-se ainda para novas descobertas, se poderá talvez deduzir um julgamento, que sirva pela boa noticia das suas precedentes tenções para derramar mais alguma luz nos primeiros crepusculos dos tempos historicos, luz que encaminhe o historiador, o philosopho e o artista a marcarem o seu ponto de partida nas raias de um horisonte mais longiquo e grandioso.

Fundando-nos por emquanto nas apreciações preferidas pelos citados archeologos, e tendo em vista não haver averiguadas provas de occupação romana, principalmente nos campos de Paderne onde em maior numero appareceram os machados que representamos nas estampas III e IV, consideramos estes misteriosos artefactos como caracteristicos de um povo incognito, que na idade immediata á ultima idade da pedra habitou pelo menos o tracto de terra comprehendido entre as aldêas de Estombar, Paderne e Santa Barbara de Nexe, quer os utilisasse como armas de guerra, como valores monetarios, ou finalmente como instrumentos de trabalho. (38)

### **Punhal e faca de cobre**

No sitio das Antas, uns seis kilometros a SO de Tavira, foram achados dois instrumentos de cobre, que bem parecem ter sido um punhal e uma faca. Pertencem ao sr. Teixeira de Aragão, que mui francamente nos permitiu que aqui os estampasemos. (39)

A classificação destes e semelhantes instrumentos sabido é que raras vezes se póde aventurar de um modo satisfatorio, tanto mais quando hajam apparecido isoladas, e por isso desprovidas de condições propicias ao seu estudo (Fig. 10).



Já deixámos dito que no sitio das Antas foi encontrado o machado de serpentina, que representámos na estampa II sob N.º ; e que o nome de Anta, ou Antas, referido a um determinado logar, é considerado como tradição indicadora de ter havido Antas ou Dolmens no mesmo logar. Portanto, em vista deste nome e do machado de pedra polida, a que alludimos, poder-se-ha considerar utilizado o sitio, logar, ou monte das Antas, como lhe chamam alguns historiadores, durante a ultima idade da pedra, segundo os principios estabelecidos; e considerando que de feição romana são geralmente os objectos que mais se manifestam naquella ária, temos por conseguinte alli representada uma outra epoca, já um tanto pertencente ao dominio historico.

Em seu competente logar mostraremos que os povos balsenses occuparam a zona litoral situada entre a Torre d'Ares, Antas e Santa Luzia, perto de Tavira, e descreveremos alguns dos copiosos despojos que o seu campo de occupação tem revelado, até o principio do V seculo, em que morreu Arcadio, incluindo numerosas moedas daquelle imperador e de muitos dos seus antecessores até Augusto.

(40)

Olhando-se para o typo artistico e distincto dessas moedas imperiaes, a que andam annexas as dos municipios e colonias que na peninsula se cunharam desde o tempo de Augusto até o de Caligula; vendo-se ainda aquelle terreno enriquecido de fragmentos de finos e bem polidos marmores, de primorosos vasos de argilla, de bellissimas urnas de vidro, e outros utensilios concernentes á *Libitina* e aos usos da vida domestica, e tudo isto revestido do character artistico dos civilizados invasores; como, pois, poderão attribuir-se a essa época, em que uso do ferro estava generalisado, um punhal e uma faca de cobre, de fabricação tão simples e grosseira?

Não pertencendo á epoca romana, poderão ser de origem celtica? Não parece que tão longe os possâmos levar.

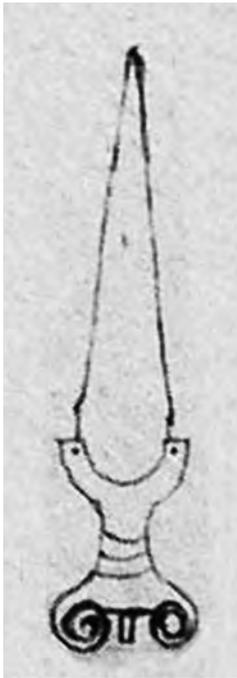
Os instrumentos cortantes e ponteagudos de cobre e bronze, capituladamente celticos, figurados e descriptos em muitas obras que temos á vista, não permitem comparação alguma entre si e os achados o sitio das Antas; pois ou eram ôcos na base para poderem ser (...) hastados, ou terminavam em espigão para se fixarem em cabos; e os que appareceram no Algarve teem dois orificios na extremidade inferior, um de cada lado, que certamente foram destinados para se cravarem em cabos, que a acção do tempo inteiramente destruiu.

Se pois não são celticos nem romanos, deverão pertencer a uma época intermédia, como productos de uma tribu ou nação, que ainda se servia do cobre para fabricar facas e punhaes, e isto mesmo de um modo que assás revela o seu atraso na arte de os tirar a limpo.

(41)

Os povos que estanciaram na zona litoral a que pertence o sitio das Antas, não legaram o seu nome á posteridade; já dissémos que os balsenses são os unicos que designadamente se podem citar com fundamento, os quaes pelo facto de terem passado á condição de estendiararios, como em seu logar provaremos, deixam bem perceber que a sua habitação naquellas paragens fôra sem duvida alguma anterior á invasão romana.

Correndo o setimo anno da republica franceza, foram empreendidas umas excavações nos aterros formados pelo rio Somme, não longe d'Abbeville, em Heilly, perto de Corbie, e no âmago desses depositos sedimentares, achou-se uma espada de bronze, que pesou 690 grammas. Esta espada, apresenta uma caracteristica semelhante áquella que notámos nas ditas armas de cobre; pois na base da lamina denuncia duas cravações, uma de cada lado, que a firmam no punho, como se ve na que adiante damos reduzidamente figurada.



M. Mongez, representando este instrumento no seu Rec. D'Antiq., pl. 69, diz que Homero (Odyss. Lib. 8, 403) falla de uma espada toda de bronze, e se esta não era romana, parece-o pela forma e as proporções; pois se até o tempo de Annibal os romanos se serviam das mesmas espadas que os etruscos e gregos, nessa epoca adoptaram a celtiberica ou hispanhola (*gladium*) que era direita como a dos gaulezes, segundo refere Polybio.

Os monumentos greco-romanos não mostram porém em seus relevos espada alguma deste typo<sup>69</sup>. Entretanto, as volutas que lhe ornamentam o punho não deixam de significar um característico da arte romana; e por isso este instrumento poder-se-ha talvez referir ao periodo gallo-romano.

Se a cravação da lamina dessa espada de bronze, que M. Mongez parece referir ao tempo das guerras punicas, sendo simillhante á que mostram ter tido os instrumentos de cobre achados nas Antas, constitue um característico de epoca, ainda assim estes instrumentos não podem julgar-se romanos, porque nesse tempo ainda a extrema zona meridional da Lusitania folgava livre do jugo civilisador que os Cesares mui posteriormente lhe impozéram.

Como se vê na estampa IV, os ditos instrumentos estão fracturados, faltando na faca a extremidade ponteaguda. Ambos porém appareceram inteiros, mas foram partidos pelos trabalhadores que os acharam, para verificarem se seriam de ouro. Este facto, condemnando a rudeza dos descobridores, veiu comtudo denunciar que o metal de que eram fabricadas aquellas armas não tinha a ductilidade natural do cobre, mas uma tempera tão rija, que no acto da torção estalou como se fôra materia muito fragil, sem deixar nos fragmentos a minima curvatura, de modo que unidas as duas partes do punhal ajustam-se perfeitamente sem mostrarem o menor desvio junto á secção fracturada.

Deve notar-se que esta circumstancia tem sido observada nos instrumentos de cobre considerados como os mais antigos; o que levou Mr. Lort e outros archeologos a pensarem que em eras remotas os povos que fabricavam armas de cobre, sabiam dotal-as de uma tempera simillhante áquella que em nossos dias se dá ao ferro. (42)

Tendo-se pois em vista que os instrumentos referidos são do metal usado antes do ferro estar geralmente aproveitado na fabricação de armas; que a sua tempera differe da que se tem notado nos objectos de cobre pertencentes aos tempos historicos; que a sua forma é das mais rusticas, e que a sua particular cravação no cabo ou punho se acha exemplificada n'uma espada de bronze extraída das camadas sedimentares do rio Somme: por todos estes motivos, emfim, parece-nos poder considerar o punhal e a faca de cobre do Algarve como característicos de uma epoca anterior ao dominio romano na Lusitania, quer pertencessem aos antigos povos balsenses, ou qualquer outro que occupasse aquella região depois da ultima idade da pedra, que o nome do logar da descoberta (Antas), e o machado de serpentina alli achado parecem representar.

### Instrumentos de cobre e bronze representados nas estampas III e IV.

N.º 1. Lança de cobre, achada nas proximidades de Paderne, perto de Alte, onde ha uma antiga mina deste metal. Pertence ao sr. Judice dos Santos.

N.º 2. Vibora de bronze achada n'um monte sobranceiro á barra de Portimão entre Ferragudo e o forte de S. João, sob o solo de uma casa quadrada que alli se descobriu em profundidade superior a dois metros, estando

<sup>69</sup> Na mesma obra se podem observar diversos modelos de espadas antigas, principalmente gregas e romanas – Vide as Estampas 67 a 73, descriptas de pl. 29 em diante.

associada a um arco metallico, que pareceu de frecha e a outros objectos de que não ha noticia. Pertence á collecção de antiguidades do sr. Judice dos Santos (Fig. 6).

N.º 3. Machado de bronze, descoberto em 1864 sob uma grande pedra que um cavouqueiro andava lavrando para mó de moinho no sitio das Fontes Grandes, freguesia de Estombar. Numa das faces mostra duas fendas pouco fundas, que correm entre as arestas lateraes, sendo interrompidas no meio; e a do lado do gume é parallela ao bordo da extremidade inferior a 7 centimetros de distancia, e a outra começa deste mesmo lado a 6½ centimetros e vai terminar 2 millimetros distante da primeira linha. Poderiam talvez servir estas fendas para não deixarem resvalar algum fio que ligasse o instrumento a um cabo; pois a mais funda destas cavidades medirá apenas um millimetro. Está perfeitamente bem conservado este exemplar, e pertence ao sr. Judice dos Santos.

N.º 4. Machado de bronze todo liso, da mesma forma do antecedente, achado nos campos de Paderne. È possuido pelo sr. Teixeira de Aragão.

N.º 5. Outro machado de bronze da mesma forma, partido em tres pedaços, mui provavelmente pelo descobridor para verificar se seria de ouro. Foi achado por um campones nas proximidades de Paderne. Pertence, como o antecedente ao sr. Teixeira de Aragão (Fig. 8).

N.º 6 e 7. Machados de bronze, da mesma forma e dimensões que vão figuradas, medindo a maior grossura do primeiro 5 millimetros e 14 a do segundo. Em ambos o corte é produzido por duas estreitas facetas. Acharam-se em Paderne, mui bem conservados. Pertencem ao sr. Judice dos Santos.

N.º 8 e 9. Machados de bronze achados perto de Paderne, que parecem partidos na extremidade inferior: o primeiro mede 6 millimetros de grossura e 5 o segundo. O gomme cortante é nelles produzido só de um lado, sendo a outra face inteiramente plana. Ambos denunciam na secção fracturada uma cavidade ou fenda, que inculca terem sido cavilhados em cabos estes instrumentos. São possuidos pelo sr. Judice dos Santos, assim como todos os que se seguem.

N.º 10. Machado de bronze, parecendo antes um pequeno escopro de corte aguçado. Mede 7 millimetros de grossura, e acha-se muito oxidado. Tambem foi achado em terrenos de Paderne.

N.º 11 e 12. Machados de cobre, o primeiro de 15 millimetros na maior grossura e o segundo de doze. Mostra cada um quatro arestas mui afiladas, e o corte é melhor formado pelo gradual desengrossamento das faces, á maneira de cunha. Na linha do córte ha ligeiras ondulações, que poderão ser attribuidas á acção do oxido. Acham-se geralmente quasi tão perfeitos como sairiam do molde em que foram fundidos. Poderá talvez presumir-se que, tendo sido achados nos campos de Paderne, perto da mina de cobre de Alte, esta mina lhes houvesse fornecido o metal.

(43)

N.º 13. Machado de bronze, imperfeito na extremidade inferior, e revelando na secção cortante dois rebaixos, que parecem originados por acção de choque. Achou-se associado a vinte e dois machados de pedra polida de 8 a 12 centimetros de comprimento em Santa Barbara de Nexe a NNO de Faro pouco mais de uma legoa, e a E de Estoi, de que dista menos de meia Legoa, onde foi descoberto por um explorador da escola polytechnica de Lisboa o machado de pedra N.º 19 representado na est. II.

N.º 14 e 15. Punhal e faca de cobre, de rija tempera, e fabrica assás grosseira. A

faca parece ter tido aturado serviço, pois deixa presumir que a acção do attrito a foi gradualmente estreitando para a extremidade pontaguda, actualmente partida. Ambos estes instrumentos revelam ter sido cravados em cabos, pois cada um tem dois orificios na extremidade inferior, que não deixam significar outra cousa. Estas armas de cobre foram achadas na quinta das Antas, a uns 6 kilometros de Tavira, onde existiu uma parte dos povos balsenses (Fig. 10).

(44)

Indice

**Primeira época**

**Idade prehistorica**

Tradições fabulosas, povos e monumentos prehistoricos do Algarve, dão noticia alguns escriptores nacionaes e estrangeiros, mas que a critica repelle como invenções imaginarias.

(...)

**Artigo Unico**

As Antas, ou dolmins; os machados e martellos de pedra, comprovando a existencia de um povo desconhecido, que poderá julgar-se o primitivo habitador do Algarve.

(Brito. Monum. Lusit. cap.5. Lenda dos montes de pedra. Tradic. das 1<sup>as</sup> armas de ferro. Mon. Lusit. Brito Liv. I. cap. XIX.)

**Segunda época**

**Idade historica**

Noticias anteriores á dominação romana no territorio da Lusitania meridional, posteriormente chamado algarve d'aquem mar.

(...) Dos povos que habitaram o terreno Lusitano desde os 1.<sup>os</sup> tempos conhecidos, por Antonio Caetano do Amaral – Vem no Tom. I da Mem. de Lit. Portug. da A. R. das S. Indica os escriptos que primeiro tratavam este assumpto. Escript. Originaes – Strabão, Appiano, Plin. (Hist. Nat. Traducc. Hispo.por Silio Italico, Justino, Resende), Liv. 1.<sup>o</sup> e 2.<sup>o</sup> (...) Lusit. Hist. seguido de Resende

**Artigo Unico**

Povos que habitaram o Algarve antes da conquista romana; sua religião; seu character, governo, e costumes mais geraes.

**Terceira época**

**Da dominação romana até á entrada dos barbaros no principio do V seculo.**

**Artigo primeiro**

O Algarve, como fazendo parte da Lusitania, é inteiramente dominado pelos romanos. Sua existencia politica e civil, e sua religião nesta epoca.

**Artigo segundo**

A introdução da religião christã no Algarve é já comprovada no IV seculo pela igreja de Ossonoba. Bispos desta cathedral. Ithacio persegue a heresia dos chamados Priscillianistas.

**Artigo terceiro**

Ossonoba e Balsa; sua situação, a de Balsa já comprovada pela primeira vez por um opusculo do auctor intitulado Povos Balsenses. Via romana. Considerações acêrca do trajecto da via romana que ligava as duas cidades com a de Esuri. Provaveis limites da zona litoral occupada pelos, povos balsenses. A quinta da Torre d'Ares, e a quinta das Antas – A praia de St<sup>a</sup> Luzia. O cemiterio dos povos balsenses. Monumentos, inscrições, moedas, e varios objectos romanos descobertos no Algarve.

### **Quarta época**

Da Invasão dos barbaros do norte no anno 409 da era vulgar até á dos sarracenos em 714 da mesma era.

#### **Artigo primeiro**

Rapida noticia de alguns povos que occuparam o Algarve antes do dominio visigothico se instaurar na Lusitania.

#### **Artigo segundo**

Os visigodos – A Ossonoba florescente sob a governação deste povo catholico.

(Mem. (...) p<sup>a</sup>. a hist. da legisl. e costumes de Portug. Sobre a (...) civil da Lusit. desde a invasão dos povos do norte até á dos arabes por A. Caetano do Amaral – No tom. VI das Mem. da Litt. da (...) Chron. dos Godos, Vandalos e Suevos, por St.<sup>o</sup> Isidoro, bispo de (...) desta Chr. até 754 por Isidoro bispo de Beja, (...)

### **Quinta época**

#### **Da invasão dos sarracenos até o principio da monarchia portuguesa.**

#### **Artigo primeiro**

Occupação do Algarve pelos sarracenos, ou mouros. Tolerancia dos vencedores para com os vencidos. Destruição dos monumentos antigos. Fortificações mouriscas. Torres de vigia – Cisternas – Estradas subterraneas – Matamorras, ou celeiros.

(Vide para esta epoca a Mem. 4<sup>a</sup> p<sup>a</sup>. a Hist. da legislação e costumes em Port. por A. Caetano do Amaral. Tom 7 das Mem. da Litter. da Academia Geogr. Edrisi – trad. de Joubert.)

#### **Artigo segundo**

Monumento encontrado no sitio da Fonte Salgada, perto de Tavira, com que se prova a existencia, entre os sarracenos, de um bispo catholico no fim do X seculo.

(Vide a inscrip. Da collecção e as notas annexas.)

#### **Artigo terceiro**

Civilização deste povo – seus homens celebres nas letras e sciencias, oriundos do Algarve. Moedas arabes de ouro e prata, de que dá noticia Fr. José de St.<sup>o</sup> Antonio Moura.

(Inscrições Arabicas Mem. de 4 inscripç. Arab com suas traducções por Fr. João de Sousa – Tom V. das Mem. de Litt. da Academia – Artigo na Nação acerca de uma moeda arabe do Algarve.)

### **Sexta época**

#### **Do principio da monarchia até á conquista geral (1250) por D. Affonso III.**

#### **Artigo primeiro**

D. Sancho I lança os fundamentos para a conquista tomando a cidade de Silves e outras terras do Algarve. Os cavaleiros Cruzados.

(Mem. Sobre uma Chron. inedita da conquista do Algarve por Fr. João de St.<sup>o</sup> Agostinho. Tom. I das Mem da Lit. da Academ. Hist. de Port. por A. Herculano. Hist. de Port. por H. Schaeffer. Chron. de Duarte N. de Leão. Orig. do Conde D. Henrique por fr. (...) Chron. de Ruy de Pina desde Sancho I até D. Diniz.)

#### **Artigo segundo**

D. Sancho II continua ou antes, recomeça a guerra instaurada por D. Sancho I contra os mouros do Algarve, e conta entre as suas mais assignaladas victorias a tomada de Aljezur, Cacella e Tavira.

(Art.<sup>o</sup> no (...) tomada de Tavira)

### **Artigo terceiro**

Os cavaleiros de S. Tiago, e seus brilhantes feitos de armas na tomada de Tavira em 1242. – A mesquita principal é sagrada sob a invocação de Santa Maria do Castello. Sepulturas que neste magestoso templo foram dadas ao grão mestre D. Paio Peres Corrêa e aos cavaleiros que morreram na tomada de Tavira. Trasladação dos restos mortaes deste heroes para a capella-mór.

Inscrições que designam os logares em que ainda se conservam.

### **Artigo quarto**

Prova-se que a famosa ponte de Tavira já existia em 1242. – Poço da porta do Alfeição.

### **Artigo quinto**

D. Affonso III prosegue a conquista do Algarve. Toma Faro com o cavalleiro João Avoym e D. Peres Estaço. Conclue a conquista, tomando as demais terras fortificadas pelos mouros. Reedifica e povôa varias terras. Inscrições que assim o attestam. Tradição romantica dos amores de D. Affonso III com a filha do alcaide de Faro.

### **Artigo sexto**

D. Diniz reedifica as fortificações e os povoados.

Inscrições que assim o comprovam.

### **Setima época**

Varios monumentos e noticias posteriores áo reinado de D. Diniz. Tradições que ainda se conservam na memoria popular.

Folha solta, com numeração, a lápis, na sequência das anteriores, que constituem o original manuscrito.

## PERIODO TERCIARIO (...) EPOCA TERCIARIA

### Periodo Eocene Mammiferos (vivos)

*Palaeotherium (magnum, medium, curtum, latum, minus, minimum)*

*Pachyderme* herbívoro

*Anoplotherium commum, deporinum, minimum, obliquum* (fossil de Montmartre)

*Xiphodon gracile (pachyderme* de Montmartre, parecido á gazella)

### Periodo Miocene Mammiferos (vivos)

*Pithecus antiquus*, e o *Dryopithecus*, pertencentes ao grupo dos Ourangutangos, tinham quasi a figura humana. Os macacos são deste periodo.

*Dinotherium* (hoje extinto) o maior dos quadrúpedes do mundo antigo parecido ao Mastodonte.

Mastodonte (parecido ao Elephante actual) miocene, por diferença ao de Tavira. Maior que o elephante d'África.

### Periodo Pliocene Mammiferos (vivos)

(Do antecedente uns vivem outros findam neste periodo como foi o Mastodonte miocene, outros como o Hipopotamo chegam até hoje, assim como o camelo, cavallos, bois, veados, etc.

O Mastodonte miocene tinha 4 defesas, e differe do de Tavira que tem 2 e é do periodo pliocene. Numerosos macacos surgem.)

*Rhinoceros tichorynus* (dois cornos sobre o nariz, maiores que os das duas especies vivas de Africa e Sumatra, o actual da India tem um só.)

*Sivatherium* (veado gigante fossil achado nos contrafortes d'Himalaya.)

## EPOCA QUATERNARIA

Mammiferos, são os actuaes, excepto os que neste tempo se extinguiram, e são:

*Elephas primigenius* (Mammouth); *Rhinoceros tichorinus*; *Ursus spelaea*; Tigre gigante; *Felis spelaea*; hyena, *Hyena spelaea*; bois, *Bos priscus* e *primigenius*; veado, *Cervus megaceros*. (todos deste hemispherio.)

N.º 1. Lança de cobre, assás deteriorada pela decomposição que nella operaram

os agentes que teve em contacto durante muitos seculos, mas ainda assim susceptível de denunciar a sua forma primitiva. Era indubitavelmente uma arma de guerra, fundida, e destinada a ser enxada em haste de páu, ou preparada á feição de dardo ou seta como arma de arremço. A ária, que nella vai marcada com a letra B, representa uma faceta que gradualmente decresce em espessura para o bordo, e C uma outra faceta remetendo em gume cortante muito bem apontado, e que parece, pelo fragmento não destruido pela acção do tempo, ter orlado todo instrumento, o qual teria proximamente a forma que vai designada na estampa sob N.º 21A, e dez centímetros de extensão. Foi achada nas proximidades de Paderne, logar montanhoso, quasi fronteiro á enseada de Albufeira. A pouca distancia de Paderne para o norte, e ao sul do sêrro dos Soidos, deve notar-se que ha uma antiquissima mina de cobre, em Alte, actualmente em exploração, onde tambem está verificada a rocha (serpentina), representada pelo machado de pedra do numero antecedente, achado no sitio das Antas, perto de Tavira. Não repugnará pois admittir, ou pelo menos presumir, que não só a dita lança, como os outros instrumentos de cobre e bronze, de que vamos dar noticia, por isso que quasi todos foram descobertos nos campos de Paderne, devam á mina de Alte a materia de que foram fabricados. Pertence ao sr. Judice dos Santos.

N.º 2. Vibora de bronze fundida, de mui rude fabricação. Entre outros objectos, de que não obtivemos noticia, foi accidentalmente achada com um arco metallico, que parecia de desparar frechas ou dardos, estando uns trabalhadores a abrir uma larga mina para extrair terra n'um monte sobranceiro á margem esquerda da barra de Villa Nova de Portimão, entre Ferragudo e a fortaleza de S. João. Nessa excavação, a uns dois metros de profundidade foi descoberta uma casa quadrada com sólo de formigão, e rompendo os trabalhadores este sólo, talvez lembrando-se que poderiam achar alli algum thesouro escondido, apenas encontraram os ditos objectos, já n'uma profundidade superior a dois metros, segundo nos informa o sr. Judice dos Santos, a (...) objecto a que (...) alludimos. No logar competente expendemos ácerca desta descoberta as considerações que nos pareceram concernentes ao assumpto.

N.º 3. Arma de cobre em forma de punhal, achada no logar das Antas a 6 kilometros de Tavira.

O templo de Hercules no Cabo de S. Vicente

A tempos assás remotos vemos referida esta lenda, que seus auctores citam como cousa acontecida 1718 annos antes do nascimento de Christo, nada menos que nos aventurados dias do summo sacerdocio do patriarcha Jacob; mas como seja daquellas que a historia antiga não alumia nem abona com seu assento, por isso lhe aqui damos ingresso nesta ultima parte da época prehistorica.

De uma unica fonte extraímos quanto vamos narrar, porque tão crasso é seu manancial, que bem com elle se poderiam formar tres camadas diluviaes de cousas fosseis, uma desde Beroso até o Viterbense, outra desde este famoso inventor dos fabulosos reis de Hispanha até fr. Bernardo de Brito, e finalmente a terceira com o que este auctor deixou preparado para os que em sua fé houvessem de o seguir.

A erudição que vai em breves momentos expôr-se á admiração dos leitores, fique-se sabendo que é toda tomada a titulo de emprestimo gratuito; por isso, acabado este serviço, voltará toda inteira para o credito de seus donos, e sem juro da móra, pois que mal podéra pagal-o quem de falsa moeda não usa.

Entra deste modo em scena o grande Hercules Lybico, ou Oro Lybico, como lhe chamam seus biographos e chronistas, mas tenhâmos tento em o não confundir com outros da mesma feição, a quem a gentilidade pagã dedicou sacrificios e cultos em terreno mais conhecido, pois que para esses não temos aqui hospedagem.

A lenda anda pouco mais ou menos por isto.

Os três Geriões, filhos do primeiro tyranno deste nome que fora morto por Osiris pae de Hércules Lybico, unidos n'uma só vontade e conjurados com outros príncipes de sua assanhada catadura, em vingança e desaffronta da morte de seu pae, deliberaram que a vida delle pagasse Osiris com a sua; e porque para a pratica de ruins intentos nunca faltaram prestadios obreiros, Osiris foi, em apuramento de razões, talhado em postas. Como porém uma vingança raro seria que não gerasse outra, e muitas, Hércules Lybico, que não precisava auxilio de ninguém, porque, senhor e possuidor dos mais irritados fígados, sósinho mesmo fora capaz de dar cabo do género humano. Saindo do Egypto em busca dos Geriões filhos, pouco tempo depois logrou o prazer de os mandar enterrar com especiosa pompa ahi pelas margens do Guadiana, depois de lhes ter posto as costellas em estilhaços. Saldados assim estas dividas de parte a parte, quiz o vencedor levar mais longe o intuito que trouxera tratando de congratuar-se com toda a gente que pouco antes era governada pelos tres irmãos vencidos; e bem que em breve o conseguiu, porque como diz fr. Bernardo a este respeito «em gente necessitada o temor de seu dammo lhe faz aprender brevemente Rhetorica.»...

E não foi sómente a rhetorica da força bruta que, dissimulado o temor, abriu a boa vontade desse povo para com o filho de Osiris, primeiro instituidor de suas ceremonias religiosas, mas sobretudo as festas e novos cultos com que logo lhe serenou o anismo e lhe captivou a obediencia.

«Hercules, diz o nosso monge de Cister<sup>70</sup>, desejando confirmar de todo aquella gente em sua graça, fez grandes sacrificios & libações aos Deoses, convidando os mais antigos, & principais da terra pera estas festas, com que os affeiçoou de tal modo, que em nada lhe sayão do que elle mandava; & com isto entrou seguramente pela terra dentro té dar no grande Promontorio, que os naturais tinham por sagrado, & nós agora chamamos Cabo de S. Vicente, no qual fundou um famoso templo, em que instituiu ritos & (...) de sacrificar conforme usavão os Egypcios. Do qual templo falla Strabo<sup>71</sup>, & Artemiodoro, aos quais segue o Bispo de Girona<sup>72</sup>, & outros Auctores, affirmando que nelle instituiu grandes ritos e ceremonias, que permaneceram muitos annos em Lusytania, goar-

<sup>70</sup> Monarch. Lusit. Liv. Prim. Cap. X. pg. 117 e 118.

<sup>71</sup> Monarch. Lusit. Liv. Prim. Cap. X. pg. 117 e 118.

<sup>72</sup> Strabo. L. 3. Artemid. Apud (...).

dando sempre os que vinhão visitar este templo, huma cerimonia referida por Strabo no logar já citado; que tanto que o sol se queria pôr, ninguém ficava no templo, nem ousava chegar onde elle estava, antes se tornavão os que tinhão acabado seus votos, & os que vinhão de novo, aguardavão nos logares ao redor té o seguinte dia, em que lhes era licito visitar o templo, & offerecer sacrificio<sup>73</sup>; & o Bispo de Girona, já allegado, diz que durarão as ruinas deste templo, & os sinais de sua grandeza té o tempo de Claudio Ptolemeo. Foy tanto o contentamento da gente Lusytana em se ver com aquellas superstições, & novos ritos de adorar os Idolos, & offerecer-lhes sacrificios, que sem nenhuma resistencia acceitarão por Rey & Senhor de Espanha a Hispalo, filho de Hercules, homem esforçadissimo, & de grande animo, que em companhia de muita gente Egypciana ficou reynando em nossa Lusytania, & nas mais provincias de Espanha, com universal satisfação da gente toda, a quem os beneficios presentes do Pay, & os passados do avó, tinhão as vontades muy (...).»

O mesmo auctor, fundando-se na auctoridade de (...) Chaldeo<sup>74</sup>, de João de Viterbo, de Volaterrano e João Nasso, prepara uma segunda entrada e um feliz reinado em Hispanha a Hercules Lybico, 39 annos depois da primeira, e conclue nestes termos<sup>75</sup>:

«Chegado Hercules a Lusytania fez, como aponta Laymundo, grandes favores aos naturaes da terra, estimando muito ver nelles hum concerto, & modo politico mais aventajado, que os outros povos de Espanha o qual lhe devia de nacer da muita communicação que avia em Portugal por causa da gente, que concorria ao templo, de que já tratamos. No qual, quer este Auctor, que Hercules fizesse sua sepultura, cercada com duas columnas grandes de prata, cheas de letras Egypcianas, em que avia grandes esconjurações contra as ondas do mar, porvirtude das quais crião os moradores da terra, que o mar não podia em nenhum modo chegar ás portas do templo, que estava edificado na praya. Da sepultura contão os Auctores maravilhas, porque affirmão ser feita de huma fabrica estranha naquelle tempo, onde se mandou enterrar Hercules, & foy reverenciado por Deos, em quanto durou a gentilidade.»

Como alguns chronistas hispanhoes pretendessem, para gloria da sua nação, que Hercules houvesse sido enterado no seu templo de Cadiz, fr. Bernardo, que em (...) de honra patriotica não era menos zeloso, sustentando que a sepultura existira no Cabo de S. Vicente, achou comtudo modo de conciliar as cousas a ponto que todos, portuguezes e hispanhoes, ficassem neste particular com seu quinhão; e assim concedeu aos nossos sempre ciosos, mas muito apreciaveis visinhos, que uns phenicios, que de suas terras vieram ter ao Cabo de S. Vicente poucos annos depois do 732 antes de Christo, levaram dalli para o templo de Cadiz os ossos do divinizado heroe, que decerto demandariam para seu transporte embarcação de boa tonelagem, se elle, o Hercules, não era menos alentado em proporções do que o celebre gigante Antêo, que matára e soterrára por suas proprias mãos, o qual (falla ainda fr. Bernardo)<sup>76</sup> «tinha, segundo quer Plutarco<sup>77</sup>, & Marco Antonio Sabelino, settenta covados em comprido, como experimentou nosso capitão Sertorio quando na cidade de Tangere em Africa mandou abrir esta sepultura.»<sup>78</sup>.

<sup>73</sup> «Tambem dizem, que fôra elle (Hercules) quem mandou erigir sobre o cabo de S. Vicente, chamado então Promontorio Sagrado, aquelle famoso templo, onde se adorava o Sol, conforme o uso dos Egypcios, e accrescentão mais, que aqui foi enterrado.» hist. de Port. por Mr. de La Clede (tradc. 2ª edic. 1792) – Tom. I. pg. 25.

<sup>74</sup> (...) l. 5. Viterbo l. 14. c. 14. Volater. Geogr. l. 2 Nos. T. I. l. I. c. 10.

<sup>75</sup> Monarch. Lusit. Cap. XII do Liv. Prim. pg. 143 e 144.

<sup>76</sup> Monarch. Lusit. Cap. X. pg. 114.

<sup>77</sup> Plutarc. In vita sertor. Marcus Anton. (...). L. I. & (...). Lib. 2.

<sup>78</sup> Nota do auctor – em seguida. (pg. 3ª.).

## Nota

Ao aparecimento de uma cousa desconhecida acudia sempre a ignorancia com o proposito de a tornar maravilhosa.

Foi o que durante seculos aconteceu em relação ás frequentes descobertas de esqueletos ou fragmentos fosseis dos grandes quadrupedes das faunas terciaria e quaternaria, taes como o *Dinotherium*, de todos os individuos do mundo antigo o maior, o Mastodonte, o elephante (*Elephas primigenius*) a que os francezes chamam Mammouth, outro elephante tambem extinto (*Elephas meridionalis*), etc. etc.

Da descoberta destes despojos animaes, nasceu a fabulogia dos gigantes, ou a gigantologia<sup>79</sup>, que na litteratura da meia idade fez as delicias da sua época.

Se admittissemos como verdadeira a descoberta que Sertorio fez em Tanger dos taes ossos, seriam elles sem duvida alguma de algum elephante phossil, do mesmo modo que de elephante está reconhecido que era o enorme dente mollar, que em Hispanha se mostrára com singular veneração, na igreja de S. Christovão de Valencia, como reliquia deste santo, e bem assim que o braço de um santo que certos conegos de S. Vicente ainda em 1789 pozeram em procissão solenne *ad petendam pluviam*, não era mais nem menos que um femur de elephante.

O esqueleto do famoso gigante Teutobochus, descoberto nas margens do Rhône em tempo de Luis XIII está reconhecido como pertencente a um corpulento Mastodonte, sendo de um elephante os ossos do chamado gigante Polyphemo, descobertos no XIV seculo em Trapani, na Sicilia.

A respeito da sepultura de Antêo diz Plutarco, na vida de Sertorio (pg. 392, edic. de 1573), que tendo este heroe tomado de assalto em Africa a cidade de Tanger ou Ascalis, onde os africanos dizem estar enterrado Antêo, cuja grandeza se julgava monstruosa, quiz abrir aquelle jazigo e nelle, como é fama, acháva um corpo de 60 covados de comprido e que logo o mandara cobrir de terra, immolando-lhe victimas com grande veneração sua e dos naturaes: «Ibi Antaeum tradunt Afri conditum, eisesque tumulum ervit Sertorius non habita barbaris fide ob magnitudinem. Ut corpus offendit sexaginta cubitos, ut fama est, lougum; caesis victimis tumulum ad aggeravit, honoresque & famam ejus amplificavit.»

Se a sepultura de Hercules encerrava ossos de tão descommunal grandeza, bem se poderá ajuizar de que genero seria o idolatrado gigante.

Aqui está pois em resumo, e contado por quem melhor do que nós o sabia, o que de mais principal se escreveu ácerca desta lenda, de que já nos haviamos occupado a pedido do nosso mui sabio escriptor e grande poeta o sr. visconde de Castilho<sup>80</sup>, para annotação ao verso terceiro de pag. 59 da sua memoravel traducção dos Fastos de Ovidio, publicada em 1862 pela Academia Real das Sciencias<sup>81</sup>.

(48)

<sup>79</sup> De gigantibus, auctore Jo Cassanione Monstrolieense. Basil. 1580, le ito por Figo.

<sup>80</sup> Antonio Feliciano de Castilho, nome que nunca deve esquecer-se, por valer muito mais que o maior dos titulos.

<sup>81</sup> A nossa nota é a vigessima quinta: acha-se de pg. 469 a 478 do tom I, parte II da dita obra, intitulada «Ovidio e Castilho – Os Fastos».

## EPOCA PRIMEIRA LENDAS E TRADIÇÕES

### O sol, e a dança nocturna dos deoses no cabo de S. Vicente

Pretendem alguns historiadores daquelles que tanto peregrinaram por entre as trevas dos seculos, que os povos chamados curetes, originarios da Grécia, occupassem o cabo hoje denominado de S. Vicente, isto nada menos que poucos annos depois do diluvio asiatico; e para que esta invenção não corresse de todo desenfeitada, attribuiram a estes povos certas superstições e ritos idolatras que não deixam de ter aqui seu cabimento como lendas, cuja figurada origem já ultrapassa os dominios da historia.

(49)

Se «os ignorantes são os mais felizes dos homens», como dizia um sabio que arrastára sua inteira existencia em trabalhos sempre aturados e que não poucas vezes sentira dentro em si os rigores da penuria, os curetes, deveriam ter logrado vida mui tranquilla e regalada, se duas cousas lhes não trouxessem o animo um tanto aturdido e sobressaltado.

Não pondo a rol a chorada perda de algumas cabeças de seus rebanhos, que o pae dos tres ultimos Geriões lhes tomára algumas vezes saindo-se da ilha Eribrea como salteador e ratoneiro finissimo, pois que de maus vizinhos de ao pé da porta ninguem está isento, os ingenuos curetes viam com particular espanto e desgosto, o que todos os dias, sem falhar um, olhava para elles a uma certa hora com rosto muito maior do que tinha emquanto pairava sobre suas cabeças; que se aproximava pouco a pouco da terra com ares de querer ameaçar as creaturas humanas, que nunca o haviam offendido em cousa alguma, e que a final terminava sempre estas exquisitas ameaças deixando-se cair nas aguas do mar, onde apagava o fogo que no lado opposto tinha por costume accender para alumiar, mui provavelmente os perversos Geriões e os bondosos Curetes dos filhos das mais densas trevas. Este procedimento do sol não pouco deu que pensar<sup>82</sup>, porque era de temer que algum dia quizesse aproximar-se ainda mais da terra, e com seus raios abraçar os gados que pastavam, e as proprias pessoas, que vida não menos modesta e pacifica viviam. E a ser possivel que tal succedesse, bem comprehensivel receio era o desses talvez bisnetos de Noé, que assim já pareciam prever quão malaventurada é sempre para os pequenos toda a luta inventada contra os grandes, porque nem o rasteiro azevem chegará jamais a ser arbóreo, nem o altaneiro cedro hade abaixar-se das nuvens para ser abafado pelas hervagens da campina.

Quando porem menos o esperavam, ganharam os Curetes um grande recurso, contra seu pavor desde que ao cabo sagrado começaram a ir estrangeiros a offerecer sacrificios no templo de Hercules; pois com estes peregrinos viajantes aprenderam o modo mais commodo de se livrarem das iras do sol naquelles momentos em que delle maior receio concebiam; e porque com toda a clareza já este caso corre escripto, sirvâmo-nos pois das proprias palavras de quem primeiro o colligiu, e o escreveu com todo seu aparato.

Um monge cisterciense, e chronista mór do reino, é quem vai fallar<sup>83</sup>; tem a palavra fr. Bernardo de Brito.

Contando que Hispalo (um dos taes imaginarios reis que (...) deu ás Hispanhas) morrêra no anno 1702 antes de Christo, diz a respeito de Hispano seu filho, bem como ácêrca da lenda que fica enunciado, o que em seguida vai ler-se:

«Foy aceitado por Senhor no templo de Hercules (segundo aponta Laymundo<sup>83</sup>), porque avendo só aquelle em Espanha, era forçado acudir a elle, todos os que tinham votos que cumprir, & alguma cousa grande que começar. E pois chegamos a contar, que no principio do Reyno vinhão estes Reys antigos ao templo de Hercules, quasi reconhecendo a seus idolos a mercê grande de os chegarem a tão alto estado, & pidindolhe favor, pera com

<sup>82</sup> Presume-se que os Curetes deveriam pensar, pelo simples facto de serem homens; pois diz Voltaire «Le fabricant éternel a donné aux hommes organisation sentiment et intelligence.» Volt. Dialogues et entretiens philosophiques (edic. De Paris, 1792) tom. 36<sup>a</sup> pg. 428.

<sup>83</sup> Laym. Lib. I. (Cit. do auct.) Sempre Laymondo!...

piedoso successo governar seu povo: não será fora de proposito referir uma cerimonia, que o proprio Laymundo conta neste caso assás curiosa, por ser tão antiga. Strabo<sup>84</sup> em sua Geographia) tinham por hum sacrilegio grandissimo ousar alguém ver o Sol, quando se lançava no mar Oceano, porque realmente cuidavão, que pôr-se o Sol não era mais, que cair do ceo na agoa do mar, & apagar-se do resplendor que tinha, como hum ferro ardente faz mettido n'agoa. E por este respeito nossos Lusytanos antigos, quando se queria pôr o sol, (principalmente aquelles, que vivião junto do mar) não ousando ver aquella falta, no que elles tinham por Deos debaixo deste nome de Apollo, viravão as costas, té que de todo era posto. E si de todos era commum esta cerimonia, principalmente a tinham & guardavão os moradores do Cabo de S. Vicente, que não só lhes parecia crime a vista do Sol, mas inda se goardavão de dormir em toda aquella ponta de terra, tendo por cousa muy notoria, que os Deoses vinhão alli a fazer grandes festas e danças, tanto que era noite, sendo isto já tão recebido do mundo todo, que os homens de longe (como já disse acima) quando vinhão visitar o templo, se chegavão tarde, dormião em algumas povoações que avia perto, por lhes não acontecer pôr-se o Sol estando elles no cabo da terra santa. Só aos sacerdotes dos idolos, & ao Rey o dia que tomava posse do Reyno era licito agoardar na praya do mar, olhando direito ao poente: & tanto que o Sol queria esconder-se de todo ponto, se lançava el Rey, & sacerdotes debruços muito tristes, & vindose com esta dor ao templo fechavão as portas da parte de dentro, té a madrugada, que o novo Rey se punha no proprio lugar, onde o dia dantes vira pôr o Sol, do qual se não apartava té que o via outra vez no Oriente. E com grande alegria se tornava a offerecer sacrificios a seus Deoses, gastando o restante do dia em comer & beber, com todos seus privados. E dahi em diante ficava tido por homem mais sabio, & de mais conta que os outros, como que vira secretos, & misterios dos Deoses, que ninguem alcançava.»<sup>85</sup> (Fig. 11) (50)

«E (começando a tratar da entrada de gente de Carthago em Hispanha, accrescenta que Hanon) como dos Turdetanos, que vivião em Andaluzia, ouviu muitas vezes contar estranhezas de Lusitania, & dos moradores della, principalmente dos que vivião no cabo de S. Vicente, antigo assento dos povos que Justino<sup>86</sup> chama Curetes, & o Bispo de Girona, seguindo sua auctoridade<sup>87</sup>, os trata com o proprio nome, & lhe dá o mesmo assento, fazendoos fundadores da cidade de Sylves, que hoje he Metropolitana, & cabeça do Reyno do Algarve<sup>88</sup>: entre os quais (como já tocamos acima) era fama, que os Deoses vinhão de noite a fazer grandes danças, & dizião, que o Sol parecia de grandeza quasi infinita, quando se lançava nas agoas.»<sup>89</sup>

Referida assim esta lenda, julgamos em vista das suspeitosas auctoridades que a composeram, e da data que lhe assignaram, poder incluil-a nesta primeira epoca, em que ainda não ha ver armas romanas levantadas contra o poder de Carthago.

---

<sup>84</sup> Strab. In Geograph. I. Idem

<sup>85</sup> Monarch. de Lusit. Liv. Prim. pg. de 132 a 135.

<sup>86</sup> Justin. Lib. 44. Citado pelo auctor.

<sup>87</sup> Episcop. Gerund. Lib. I. Citado pelo auctor.

<sup>88</sup> Strab. Lib. 3. Citado pelo auctor.

<sup>89</sup> Monarch. Lusit. Liv. Seg. pag. 72 e 73.

### 3. NOTAS E COMENTÁRIOS

1 – O “Romanceiro do Algarve” foi editado em Lisboa, em 1870, tendo sido objecto de rediçãofacsimilada, em 2006, pela Universidade do Algarve, com um estudo introdutório de José Joaquim Dias Marques. O “Cancioneiro do Algarve” jamais se publicou.

2 – Esta informação é importante para se conhecerem os antecedentes da presente obra, já de carácter sintético, reunindo-se nela os elementos de interesse arqueológico entretanto reunidos. Note-se que 1857 foi o ano da criação da segunda Comissão Geológica, que, tendo por membros directores F. Pereira da Costa e Carlos Ribeiro, tantos e tão notáveis contributos proporcionou aos avanços do conhecimento dos tempos pré-históricos em Portugal. 1866 foi o ano em que Estácio da Veiga publicou a sua pequena monografia dedicada aos “Povos Balsenses” estudo em que apresentou diversas inscrições romanas (uma delas escrita em grego), da área da antiga cidade de Balsa, parte da qual se situava em propriedades de um seu familiar (VEIGA, 1866).

3 – Com efeito, o presente estudo corresponde sobretudo a recolha de informações de amigos e conterrâneos, mais do que a sistemáticas explorações de terreno, as quais só viriam a concretizar-se a partir de Março de 1877, com o início do levantamento da Carta Arqueológica do Algarve, que lhe tinha sido encomendada pelo Governo.

4 – Esta linguagem agressiva, desdenhosa e até insultuosa, aqui levada ao limite, poderá estar na origem de dissabores ou desconsiderações sofridas por Estácio da Veiga, por parte dos seus pares.

5 – O título desta obra, como anteriormente se assinalou (PEREIRA, 1981), poderá relacionar-se com o da obra do seu aludido antepassado Gaspar Estaço, “Várias Antiguidades de Portugal”, publicada pela primeira vez em Lisboa, em 1625. Na verdade, como ali se refere, Estácio da Veiga foi educado no culto da Família e das suas tradições, pelo que esta semelhança não será fruto do acaso. Importa referir que o manuscrito estava a ser redigido a 16 de Março de 1874, conforme carta endereçada a Possidónio da Silva (PEREIRA, 1981, p. 57).

6 – As citações aos trabalhos de Boucher de Perthes e respectivos conteúdos, bem como as inúmeras referências a obras de autores coevos, como Charles Lyell, Louis Figuier e Paul Gervais, mostram que Estácio se encontrava familiarizado com as produções científicas mais relevantes do seu tempo, no domínio da Arqueologia, da Paleontologia e da Geologia, cujo conhecimento se interpenetrava. A mandíbula humana a que se refere, é a que foi descoberta a 28 de Março de 1863 no vale do Somme, em Abeville, no sítio designado Moulin-Quignon. Esta mandíbula encontrava-se supostamente num depósito quaternário não remexido, associada a materiais do Paleolítico Inferior. Era a primeira vez que se recolhia um resto humano supostamente tão antigo, o que viria a desencadear importante discussão científica. Dados os trabalhos antecedentes na região de Boucher de Perthes, autor da célebre obra, publicada em três volumes, entre 1847 e 1864, citada por Estácio, os quais, depois de porfiados esforços, vieram a ser reconhecidos pela comunidade científica, a opinião dos seus pares encontrava-se, naturalmente, predisposta a creditar esta descoberta, o que viria em parte a suceder. Contudo, a mandíbula era moderna, como mais tarde veio a ser reconhecido, desconhecendo-se contudo o modo e a razão pela qual foi introduzida no depósito, talvez para assim se obterem recompensas materiais. Eis como um erro científico pôde concorrer, de forma eficaz, para a descoberta da verdade – a antiguidade da espécie humana, reportada então ao período “diluviano” – a qual viria, por outras descobertas coevas, a ser cabalmente confirmada.

**7** – O rasgado elogio a Pereira da Costa decorre das boas relações por este mantidas com Estácio, expressas até pelas facilidades no acesso e estudo dos materiais pré-históricos oriundos do Algarve e então conservados no Museu da Escola Politécnica, por aquele dirigido. Pereira da Costa foi um empenhado investigador do passado pré-histórico do actual território português. Desinteligências com Carlos Ribeiro, seu colega na Segunda Comissão Geológica, conduziram à extinção da mesma, em Dezembro de 1868 e ao transporte das colecções paleontológicas e arqueológicas entretanto reunidas para a Escola Politécnica, aonde Pereira da Costa regressou, na qualidade de professor de Mineralogia. Com a reorganização da Comissão Geológica, em 1869, com apenas Carlos Ribeiro na direcção da instituição, Pereira da Costa deixou de interessar-se pela investigação arqueológica, vindo a falecer muito anos depois, em 1888. Deixou inacabados alguns trabalhos sobre arqueologia pré-histórica: é o caso de um conjunto de litografias de materiais pré-históricos, o qual se previa fosse integrado em um álbum a apresentar na Exposição Universal de Paris, em 1867 (CARREIRA & CARDOSO, 1996), bem como outro conjunto de litografias de monumentos megalíticos, destinado a publicação que se sucederia à que foi concluída em 1868, à qual Estácio faz referência (COSTA, 1868).

**8** – É interessante verificar que Estácio estava bem informado da história da investigação arqueológica em Portugal, ao referir o estudo, publicado em 1733, de Martinho de Mendonça de Pina sobre as antas portuguesas, hoje em dia desconhecido de muitos dos estudiosos das manifestações megalíticas portuguesas...

**9** – A importância que a fauna de grandes mamíferos detinha na periodização dos tempos quaternários encontra-se claramente expressa na eleição das espécies consideradas mais representativas de cada época para a sua respectiva designação. Actualmente, tem apenas interesse histórico, até por exprimir o notável avanço e impacto dos estudos paleontológicos no decurso da segunda metade do século XIX.

**10** – As reservas que Estácio da Veiga emite relativamente à validade das supostas descobertas de testemunhos arqueológicos do homem terciário efectuadas por Carlos Ribeiro, publicadas em 1871 (RIBEIRO, 1871), embora hoje se afigurem totalmente legítimas, na época parecem em parte decorrer de eventuais reservas que Estácio tivesse do seu autor. Tais reservas fundar-se-iam, não tanto na validade das descobertas do insigne arqueólogo e geólogo, que Estácio declara não conhecer em pormenor, nem ter suficiente competência para avaliar, mas sobretudo do seu comportamento pessoal, perante F. Pereira da Costa, de quem Estácio se declara devedor. Conhecendo os exigentes princípios éticos de Estácio, é natural que, estando apenas informado por uma das partes – Pereira da Costa – a actuação de Carlos Ribeiro lhe pudesse merecer reservas, ainda que não expressas. Daí ao extravasar de tais reservas para o plano científico, ia um passo (ver nota 8). Note-se que Estácio não tinha razão quanto a este último ponto: Carlos Ribeiro, à data da redacção desta obra, era já um geólogo e arqueólogo conhecido e considerado além-fronteiras, e as suas descobertas mereciam já suficiente crédito internacional, depois da sua apresentação em Bruxelas em 1872 (RIBEIRO, 1873), vindo a provocar a reunião, em Lisboa, em Setembro de 1880, da IX Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Históricas.

**11** – Ver nota 6.

**12** – As fundadas esperanças depositadas na potencial riqueza arqueológica do solo algarvio, viria Estácio da Veiga a demonstrá-las cabalmente, a partir de 3 de Março de 1877, quando, a expensas do Governo, planeou e executou, através de aturados trabalhos de campo, a Carta Arqueológica do Algarve, a qual viria a ser acompanhada da respectiva memória descritiva, consubstanciada na obra *Antiguidades Monumentais do Algarve*, publicada em quatro volumes entre 1886 e 1891, relativa aos tempos pré-históricos. A Carta Arqueológica do Algarve,

relativa aos tempos históricos, bem como o quinto volume da obra ficaram inéditos em vida do autor, vindo a ser publicados postumamente (VEIGA, 1904, 1905, 1910, 2005, 2006).

**13** – Refere-se às ruínas da Boca do Rio, que explorou parcialmente em 1877; os resultados das suas explorações só vieram a ser publicados em 1910, acompanhados dos desenhos dos belos pavimentos revestidos a mosaico, desenhados por sua Mulher, Amélia de Claranges Estácio da Veiga (VEIGA, 1910, 2006).

**14** – As ruínas submersas existentes no mar defronte de Quarteira são de há muito conhecidas (FARRAJOTA, 2004), tendo sido recentemente objecto de trabalhos de arqueologia subaquática.

**15** – A referência a colaboradores é uma constante desta obra, bem como das que se lhe seguiram, a cujos préstimos deve Estácio muitos dos sucessos da sua investigação. Teixeira de Aragão era um nome conhecido, autor de um importante manual de numismática portuguesa e futuro confrade na Academia das Ciências de Lisboa. A colecção de objectos pré-históricos adicionada ao museu da Escola Politécnica deve corresponder aos espólios arqueológicos para ali trasladados depois da extinção da Segunda Comissão Geológica, em Dezembro de 1868, a que já antes se fez referência. Enfim, Joaquim José Júdice dos Santos era um dos mais importantes coleccionadores de objectos arqueológicos algarvios, tendo a sua colecção sido depositada sucessivamente em diversas instituições: Museu Arqueológico do Algarve, Gabinete de Antiguidades da Biblioteca Nacional e, enfim Museu Etnográfico Português (actual Museu Nacional de Arqueologia).

**16** – Os materiais arqueológicos provenientes da Gruta da Casa da Moura, no planalto das Cesaredas (Óbidos), mencionados no texto, são os que resultaram da exploração ali conduzida em 1865 por J. F. Nery Delgado, então Adjunto da Comissão Geológica de Portugal, e por ele publicados, na que constitui a primeira monografia portuguesa dedicada a uma gruta com ocupação pré-histórica (Delgado, 1867). Estes materiais, como muito outros, foram parcialmente transferidos para a Escola Politécnica, onde Estácio da Veiga os observou, depois da extinção da Segunda Comissão Geológica de Portugal, em Dezembro de 1868.

**17** – Actualmente, são conhecidos alguns exemplares de arquitectura dolménica no Algarve, tanto no sotavento como no barlavento. De notar que Estácio viria a explorar, anos depois, alguns deles, como o monumento n.º 1 de Alcalar (Portimão), pertencente à notável necrópole ali existente. As considerações que Estácio apresenta seguidamente sobre a arquitectura dolménica baseiam-se em trabalhos então de consulta obrigatória, como o publicado pelo Barão de Bonstetten em 1865 (BONSTETTEN, 1865), no qual o autor reproduz, entre muitos outros, um dólmen português, reportado a Arraiolos (p. 22) ou o seu equivalente português, da autoria do seu amigo Pereira da Costa (COSTA, 1868), a par de obras científicas de cunho especializado, como a de Charles Lyell (LYELL, 1863). É interessante verificar também a valorização das fontes escritas antigas, por exemplo no tocante à discussão do significado do topónimo “Antas”, perto de Tavira, sem esquecer os autores clássicos e as obras impressas em séculos anteriores, como a de Martinho de Mendonça de Pina, nas Memórias da Academia da História (PINA, 1733). É este ecletismo na formação científica de Estácio da Veiga que lhe conferiu a possibilidade de abordar e discutir uma mesma temática sob vários prismas, mutuamente enriquecedores, situação que, à época – tal como na actualidade – se afigurava ímpar, no panorama nacional.

**18** – Estas duas estampas não se encontram juntas ao original manuscrito. É provável que os esboços de machados apresentados na Fig. 3 correspondam a exemplares que se destinariam a ser publicados. No volume 2 das Antiguidades Monumentais do Algarve, reproduzem-se em litografia numerosos exemplares, entre os quais certamente os que são referenciados na presente obra.

**19** – Trata-se de um dos vários exemplares existentes na Escola Politécnica, no caso coligido por um dos seus funcionários, e não em resultado da transladação para aquelas instalações das colecções da extinta Comissão Geológica de Portugal, efectuada em resultado da extinção da 2.<sup>a</sup> Comissão Geológica de Portugal, em Dezembro de 1868 (ver nota 15).

**20** – A existência de moldes, na Escola Politécnica, de exemplares de pedra polida da coleção Júdice dos Santos encontra-se comprovada por esta passagem. A referida colecção, como se referiu na nota 15 foi ali recebida, a título de depósito, tendo depois sido transferida para a Biblioteca Nacional. O sítio de Loubite ou Lobite corresponde a povoação medieval, citada em documentos da chancelaria de D. Pedro I, hoje totalmente desaparecida (GOMES, CARDOSO & ALVES, 1995, p. 48).

**21** – Desconhece-se o local desta escavação, bem como as condições dos achados. É tentador relacioná-los com a descoberta de um conjunto de ídolos de calcário, igualmente nas imediações de Silves, perto da povoação de Pêra (CARDOSO, 2002).

**22** – Desconhece-se qualquer outra informação sobre a natureza, características e época desta necrópole.

**23** – Ver nota 19.

**24** – Estas estampas faltam igualmente no original manuscrito. Contudo, nas Figs. 4 a 7, reproduzem-se esboços de diversos artefactos metálicos já conhecidos aquando da redacção desta obra, os quais deverão ter incorporado as referidas estampas.

**25** – Este exemplar está representado nas Figs. 4 e 5. Nesta última, encontram-se indicadas as facetas a que Estácio alude. Trata-se de uma grande ponta Palmela, certamente pertencente a arma do tipo dardo. Foi posteriormente reproduzida no volume 4 das Antiguidades Monumentais do Algarve, Est. II, n.º 1 (VEIGA, 1891).

**26** – É interessante observar que, já em 1874, Estácio pugnava pela existência de uma época de transição, que mais tarde fez corresponder à Idade do Cobre, onde coexistiriam objectos de pedra com as primeiras manufacturas metálicas, produzidas em cobre. Ver sucessivas abordagens deste tema no volume 4 das Antiguidades Monumentais do Algarve (VEIGA, 1891).

**27** – Trata-se de exemplar reproduzido na colecção de litogravuras mandadas executar pela Segunda Comissão Geológica de Portugal e que se destinavam a ilustrar álbum coordenado por Pereira da Costa a ser apresentado na Exposição Universal de Paris, em 1867, o qual jamais se concluiu (ver nota 8). Foi entretanto publicado (CARREIRA & CARDOSO, 1996, Fig. I E, n.º 1; CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, Fig. 62, n.º 4).

**28** – Os dois exemplares do dólmen de Los Eriales, publicados por Manuel de Góngora y Martínez em 1867 eram conhecidos de Estácio, que não só os cita, mas também os reproduz em esboço, acompanhando exemplar de Paderne (ver Figs. 4 e 5).

**29** – Esta serpente de bronze foi objecto de descrição no volume 4 das Antiguidades Monumentais do Algarve, encontrando-se ali reproduzida (VEIGA, 1891, Est. XXII, n.º 5). Foi referida posteriormente por numerosos autores, sendo recentemente atribuída à Idade do Ferro; já Estácio da Veiga a considerara anterior à época romana, até

por ter sido encontrada sob estruturas romanas. O manuscrito tem interesse, por vir precisar o local do achado, num monte sobranceiro à margem esquerda do estuário do rio Arade, entre Ferragudo e o forte de S. João, e não na praia da Angrinha, como por lapso se indicou recentemente (GOMES, CARDOSO & ALVES, 1995, p. 67). É de destacar a assinalável preocupação de Estácio da Veiga enquadrar do ponto de vista cultural e cronológico este singular achado, nisso revelando a bem conhecida profundidade dos seus conhecimentos científicos.

**30** – A longa discussão dedicada aos objectos, especialmente aos machados, de cobre e de bronze, revela um investigador consciente da vantagem do rigor e da necessidade das afirmações se encontrarem devidamente suportadas bibliograficamente; a diversidade e quantidade de autores compulsados evidencia ainda mais a qualidade que o autor pretendia tivesse esta obra, embora tal preocupação fosse, por outro lado, reveladora de um incipiente conhecimento, em Portugal dos assuntos tratados, o qual, aliás, se encontra também evidenciado pela necessidade de proceder a extensas transcrições. É, enfim, de registar o facto de ser um investigador sediado fora de Lisboa (na altura residia em Mafra onde permaneceu entre 1867 e 1 de Janeiro de 1875) e, para mais, não integrado em qualquer instituição onde pudesse ter acesso à grande quantidade de obras citadas, as quais, sem dúvida, consultou. Este esforço individual, feito à custa da sua própria bolsa e iniciativa, torna-se difícil hoje, de avaliar, agravado pelo estado incipiente dos estudos arqueológicos em Portugal.

**31** – Parece hoje inquestionável atribuir aos machados de bronze um valor intrínseco, como mercadoria, funcionando como elementos de troca pré-monetários. É talvez isso que explica a ocorrência, por vezes às dezenas, no território português, de verdadeiros depósitos de peças saídas do mesmo molde e que nunca serviram, a que se contrapõem os conjuntos constituídos por peças já fora de uso, partidas ou deformadas. Naturalmente, as considerações expandidas por Estácio acerca da possível utilização de tais peças detêm actualmente apenas interesse histórico.

**32** – A referência, incompleta, aos desenhos dos exemplares de Estombar e de Paderne mostra que aqueles ainda se não encontrariam executados. Um dos machados de bronze de Paderne foi desenhado em esboço, reproduzindo-se na Fig. 8. Outros exemplares com a mesma proveniência, bem como o oriundo de Estombar, encontram-se publicados no volume 4 das Antiquidades Monumentais do Algarve (VEIGA, 1891, Est. XXII).

**33** – Estas estampas não se encontram juntas com o original manuscrito, mas os desenhos referem-se aos exemplares ulteriormente publicados pelo autor. Ver nota 32.

**34** – Ver nota 31. O texto anterior encontra-se, a partir deste ponto, repetido no conteúdo, sendo diferente a forma. Reproduz-se, no entanto, também esta segunda versão, por ter evidente interesse para o conhecimento da evolução do estilo do discurso do seu autor.

**35** – A hipótese de os machados de alvado com uma argola poderem ter sido utilizados directamente na mão, tem hoje, evidentemente, apenas interesse histórico. Já a existência de o machado reproduzido na Fig. 9 ter sido assim utilizado, por possuir uma bracelete fixada àquela, mostra uma outra realidade, que é a do referido exemplar ter conhecido uma utilização secundária, eventualmente de cunho funerário ou ritual, aproximando-se, neste particular, de machado encadeado a dois braceletes do depósito de Ervedal, Fundão (COFFYN, 1976).

**36** – Esta afirmação corresponde a uma das contribuições científicas mais importantes de Estácio da Veiga no domínio da Arqueologia, que manteve até à morte (VEIGA, 2006): a de ter existido uma Idade do Cobre anterior e independente da Idade do Bronze. Ver nota 26.

**37** – O machado que Manuel de Góngora y Martínez reproduz na sua obra clássica, já atrás citada, corresponde a um exemplar do Bronze Final, de talão, com dois anéis laterais, erradamente considerado pelo autor como de cobre (GÓNGORA y MARTÍNEZ, 1868, Fig. 138). Tinha, no entanto, razão Estácio da Veiga, ao considerar, por meros critérios tecno-tipológicos, que os machados deste tipo eram mais modernos que os machados planos de gume mais ou menos peltado, do Bronze Pleno, como os exemplares de Estombar e de Paderne. Ver nota 32.

**38** – Este “povo incógnito”, pertence, a uma época “imediata à última idade da pedra”, segundo a terminologia utilizada por Estácio, visto, na verdade, dever ser integrado no que actualmente se designa como Bronze Pleno do Sudoeste, ou Bronze Meridional Português, recorrendo à terminologia proposta por F. Nunes Ribeiro, em 1965.

**39** – Estes dois artefactos correspondem, na verdade, a dois punhais certamente de cobre, com empunhadura fixada por rebitagem, integrando-se no Bronze Pleno. É provável que tivessem sido recolhidos em alguma necrópole de cistas, das diversas que, tanto no Sotavento, como no Barlavento algarvio se conhecem, desde o tempo de Estácio da Veiga e por este exploradas (Fig. 10).

**40** – O conhecimento arqueológico pormenorizado da área onde outrora se localizou a cidade romana de Balsa, perto de Tavira, resultou de as respectivas propriedades pertencerem à sua Família; lembre-se que a pequena monografia com que se estreou nas lides arqueológicas, publicada em 1866, ser dedicada às referidas descobertas. Ver nota 3.

**41** – Claro que actualmente estas afirmações possuem interesse exclusivamente histórico. Na verdade, os artefactos em causa são muito anteriores à presença céltica, integrando-se, como acima se referiu, no Bronze Pleno do Sudoeste. Ver nota 39.

**42** – A antiguidade do fabrico de artefactos de cobre, que lhes era atribuída por Estácio da Veiga, está presente em mais esta passagem. Ver notas 26 e 36.

**43** – A mina de cobre de Alte forneceu a Estácio da Veiga, como outras do Algarve (caso da mina de Cumeada, em Silves), indícios de exploração pré-histórica. É natural, pois, que o autor a relacionasse com o cobre de que eram feitos os machados encontrados nas suas vizinhanças.

**44** – O conjunto dos materiais arqueológicos descritos neste manuscrito, foi depois reapreciado e publicado no volume 4 das Antiguidades Monumentais do Algarve, em 1891.

**45** – O índice detalhado do plano completo do manuscrito, apresentado no fim da parte que dele foi escrita, é diferente do índice sumário que se apresenta no seu início. Verifica-se que Estácio pretendia apresentar um estudo sistemático sobre as “antiguidades” algarvias, desde a época da pedra polida, até à de D. Diniz, valorizando – o que era inédito, na época – a presença islâmica, tomando sempre como elementos de estudo, tanto os testemunhos materiais, como as fontes escritas, o que também se afigura ímpar, em termos metodológicos, em 1874. Porém, deste ambicioso plano, de evidente interesse para a História Regional, até hoje ainda não concretizado, apenas conseguiu concluir, e ainda assim de forma não definitiva, a parte respeitante aos tempos pré-históricos, a que respeita o índice que antecede o manuscrito, que lhe diz directamente respeito. É interessante verificar que ao índice detalhado do plano original da obra, se sucede um outro, dedicado aos tempos geológicos, que também não chegou a ser desenvolvido.

**46** – O texto sobre as peças metálicas agora descritas foi já apresentado anteriormente, em outra versão; esta, segundo a paginação aposta a lápis, em época posterior, sucede-se aos dois índices transcritos. Por isso, ainda que evidentemente fora de ordem, se respeitou a que é indicada no documento. Refere-se à ponta Palmela recolhida nos campos de Paderne, já tratada na nota 25, e à serpente de bronze encontrada em Ferragudo (ver nota 29); enfim, a última descrição refere-se a “arma de cobre em forma de punhal”, que anteriormente tinha sido considerada como “ponta de lança” (ver nota 39).

**47** – Este novo capítulo corresponde ao último Artigo (o III) do índice apresentado no início do manuscrito, com ele se concluindo o original conservado. Entre a página correspondente ao início do capítulo das “Lendas e Tradições” e a que respeita à descrição dos objectos metálicos mencionados na nota 46, medeiam diversas páginas numeradas a lápis (1/106 a 1/115) que não se integram na sequência original do manuscrito: respeitam a apontamentos diversos, sem continuidade entre si. Por isso, não foram transcritas.

**48** – Boa parte deste capítulo tinha já sido anteriormente apresentada por Estácio, como é referido pelo próprio, em extensa nota incluída na tradução dos Fastos, de Ovídio, feita por Castilho, publicada cerca de doze anos antes.

**49** – Curetes, sinónimo de cynetes, ou cinetes, povo proto-histórico que ocuparia a zona do barlavento algarvio. Mais uma vez, se evidencia a valorização que Estácio fazia de informação de fontes tão diversas e heteróclitas, tendo por objectivo a caracterização da realidade pretérita, nisso residindo um dos principais interesses deste manuscrito. Relembre-se que se trata de obra cuidada, mas que não é ainda a que corresponderia à versão final, que não chegou a redigir.

**50** – A descrição dos rituais realizados no Cabo de S. Vicente pelas populações proto-históricas interessou a tal ponto Estácio da Veiga, que este, em resultado de reconhecimentos de campo efectuados na região, elaborou esquema da região, talvez em época posterior à da redacção da presente obra, o qual, pelo evidente interesse documental, e por ter permanecido inédito, agora se publica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BONSTETTEN, Baron A. de (1865) – *Essai sur les dolmens accompagné d'une carte, de planches et de dessins sur bois*. Genève: Imprimerie de Jules-Guillaume Fick.
- CARDOSO, J. L. (2002) – Sobre os ídolos de calcário de Pêra (Silves) e o seu significado no quadro do Calcolítico do sul peninsular. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 20, p. 61-76.
- CARDOSO, J. L. (2006) – Estácio da Veiga e a Arqueologia: um percurso científico no Portugal oitocentista. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 14, p. 293-520.
- CARDOSO, J. L. (2007) – Vida e obras de Estácio da Veiga. 4.º Encontro de Arqueologia do Algarve – Percursos de Estácio da Veiga (Silves, 2006). Actas: Câmara Municipal de Silves, 1, p. 15-72.
- CARDOSO, J. L. & GRADIM, A. (2004) – Estácio da Veiga e o reconhecimento arqueológico do Algarve: o concelho de Alcoutim. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 22, p. 67-112.
- CARREIRA, J. R. & CARDOSO, J. L. (1996) – Um conjunto de litografias arqueológicas inéditas da Comissão Geológica de Portugal. *Comunicações do Instituto Geológico e Mineiro*. Lisboa. 82, p. 145-168.
- CARREIRA, J. R. & CARDOSO, J. L. (2001/2002) – A gruta da Casa da Moura (Cesareda, Óbidos) e sua ocupação pós-paleolítica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 10, p. 249-361.

- COSTA, F. A. Pereira da (1868) – *Descrição de alguns dolmens ou antas de Portugal*. Lisboa: Comissão Geológica de Portugal.
- COFFYN, A. (1976) – *L'Âge du Bronze au Musée de F. Tavares Proença Júnior*. Castelo Branco: Museu Francisco Tavares Proença Júnior.
- DELGADO, J. F. N. (1867) – *Da existência do homem no nosso solo em tempos mui remotos provada pelos estudos das cavernas. Notícia acerca das grutas de Cesareda*. Lisboa: Comissão Geológica de Portugal.
- FARRAJOTA, J. M. (2004) – Ruínas submersas de Quarteira. Uma interpretação. *12.º Congresso do Algarve*. Actas, p. 163-170.
- GOMES, M. Varela; CARDOSO, J. L. & ALVES, F. (1995) – *Levantamento arqueológico do Algarve. Concelho de Lagoa*. Mem Martins: Câmara Municipal de Lagoa.
- GÓNGORA y MARTÍNEZ, M. de (1868) – *Antigüedades prehistóricas de Andalucía*. Madrid: Imprenta a cargo de C. Moro.
- LYELL, C. (1863) – *The geological evidences of the antiquity of Man with remarks on theories of the origin of species by variation*. London: John Murray. (1ª. Edição).
- PEREIRA, M. L. E. V. A. S. Silva (1981) – *O Museu Archeologico do Algarve (1880-1881)*. Subsídios para o estudo da Museologia em Portugal no Séc. XIX. Anais do Município de Faro. Faro. 219 p. (separata).
- PINA, M. de Mendonça de (1733) – Notícias da Conferencia, que a Academia Real da Historia Portugueza fez em 30 de Julho de 1733. *Collecçam dos Documentos e Memorias da Academia Real da Historia Portugueza*. Lisboa: Na Officina de Joseph António da Sylva. 16, p. 1-22.
- RIBEIRO, C. (1871) – *Descrição de alguns sílex e quartzites lascados encontrados nas camadas dos terrenos terciário e quaternário das bacias do Tejo e Sado*. Memória apresentada à Academia Real das Sciencias de Lisboa. Lisboa: Typographia da Academia.
- RIBEIRO, C. (1873) – Sur les sílex taillés découverts dans les terrains miocène et pliocène du Portugal. *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie préhistoriques. Compe-rendu de la VI Session (Bruxelles, 1872)*. Bruxelles: C. Muquardt, éd., p. 95-99.
- VEIGA, S. P. M. Estácio da (1866) – *Povos Balsenses. Sua situação geographico-physica indicada por dous monumentos romanos recentemente descobertos na Quinta da Torre d'Ares distante seis kilometros da cidade de Tavira*. Lisboa: Livraria Catholica.
- VEIGA, S. P. M. Estácio da (1880) – *A tabula de bronze de Aljustrel lida, deduzida e commentada em 1876*. Memórias da 2ª. Classe da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Lisboa. 5 (2), 61 p. (separata).
- VEIGA, S. P. M. Estacio da (1886, 1887, 1889, 1891) – *Antiguidades Monumentaes do Algarve*. Tempos prehistoricos. 4 volumes. Lisboa: Imprensa Nacional.
- VEIGA, S. P. M. Estácio da (1904, 1905, 1910) – *Antiguidades Monumentaes do Algarve* (elementos para o volume V da obra que com este título começou a ser publicada por Estacio da Veiga, por elle deixados em manuscrito). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 9, 1904 p. 200-210; 10, 1905, p. 6-14; 107-118; 15, 1910, p. 209-233 (notas de J. Leite de Vasconcellos).
- VEIGA, S.P. M. Estácio da (2005) – *Antiguidades Monumentaes do Algarve*. 4 vols. Prefácio de Teresa Júdice Gamito. Coimbra: Universidade do Algarve/Faro Capital Nacional da Cultura.
- VEIGA, S. P. M. Estácio da (2006) – *Antiguidades Monumentaes do Algarve*. Tempos históricos. 5. Silves: Câmara Municipal de Silves/Museu Nacional de Arqueologia. Apresentação de João Luís Cardoso; notas e comentários de João Luís Cardoso e Alexandra Gradim.

Lendas e Tradições

Original de Lendas no bato de V. Vicente

1/117

A tempos assás remotos vemos referida esta lenda, que sem duvida nos citam como coisa acontecida 1778 annos antes do nascimento de Christo, nada menos que nos assentados dias do summo sacerdotio do patriarca Jacob; anco como seja daquellas que a historia antiga não alumia nem abona com seu assento, porisso lhe appi damos ingresso nesta ultima parte da época prehistorica.

De uma unica fonte extrairmos quanto vamos narrar, porq̃ tão crasso é seu manancial, que bem com elle se poderiam formar tres camadas de lenda de cousas fassis, uma desde Beross até ~~Chimio~~ de Niterber, outra desde este famoso inventor dos fabulosos reis de Hispanha até fr. Bernardo de Brito, e finalmente a terceira <sup>com o</sup> que este auctor deipon preparada para os que em sua fé houvessem de o seguir.

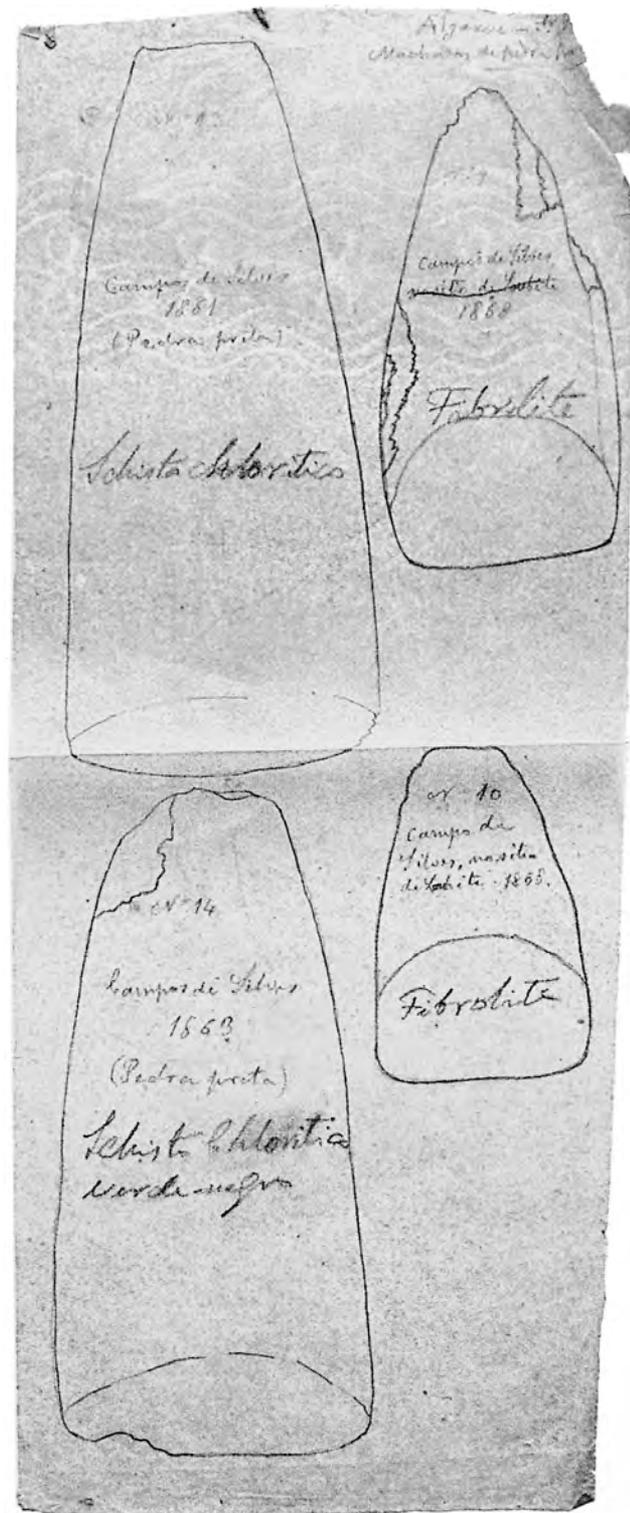
A erudição que vai em breves momentos oppôr-se á admiração dos leitores, fique-se sabendo que é toda tomada a título de sumptuoso gratuito; porisso, acabado este serviço, voltará toda inteira para o credito de seus donos, e sem juro da móra, porq̃ mal podera pagal-o quem de falsa moeda não usa.

Entre deste ano de em scena o grande Hercules Lybico, ou Orco Lybico, como lhe chamam seus biographos e chronicistas, mas tentão tanto em o não confundir com outros da mesma ficção, a quem a gentildade paga dedicou sacrificios e cultos em termos mais conhecidos, pois que para esses não temos aqui hospedagem.

A lenda anda pouco mais ou menos por isto.

Os tres Jriões, filhos do primeiro tyranus deste nome que fora morto por Osiris pai de Hercules Lybico, unidos numa só vontade e conjurados com outros principes de sua assanhada catadruva, em vingança e desaffronta da morte de seu pai, deliberaram que a vida delle pagasse Osiris com a sua; e porq̃ para a pratica de ruins intentos nunca faltaram ~~suas~~ prestações obreiros, Osiris foi, em apuramento de varões, talhado em postas. Como porém uma vingança raro seria que não gerasse outra, e muitas, Hercules Lybico, que não precisava auxilio de ninguém, porq̃, senhor e possuidor dos mais irritados fuzos, só si mesmo fora capaz de dar cabo do genero humano, saindo do Egipto em busca dos Jriões filhos, pouco tempo depois logrou o prazer de os mandar interrogar com espeziosa pompa ali pelos margens de Jerabona, depois de lhes ter posto os castellos em estilhaços. Soldadas assim estas dividas

Fig. 2 - Primeira página autografa da secção "Lendas e Tradições", que integra a última parte do manuscrito.



**Fig. 3** – Esboços de artefactos de pedra polida recolhidos nos “Campos de Silves” entre 1861 e 1868, realizados por Estácio da Veiga. Note-se a preocupação de registar rigorosamente a respectiva natureza petrográfica, em abono da sua vertente naturalista.

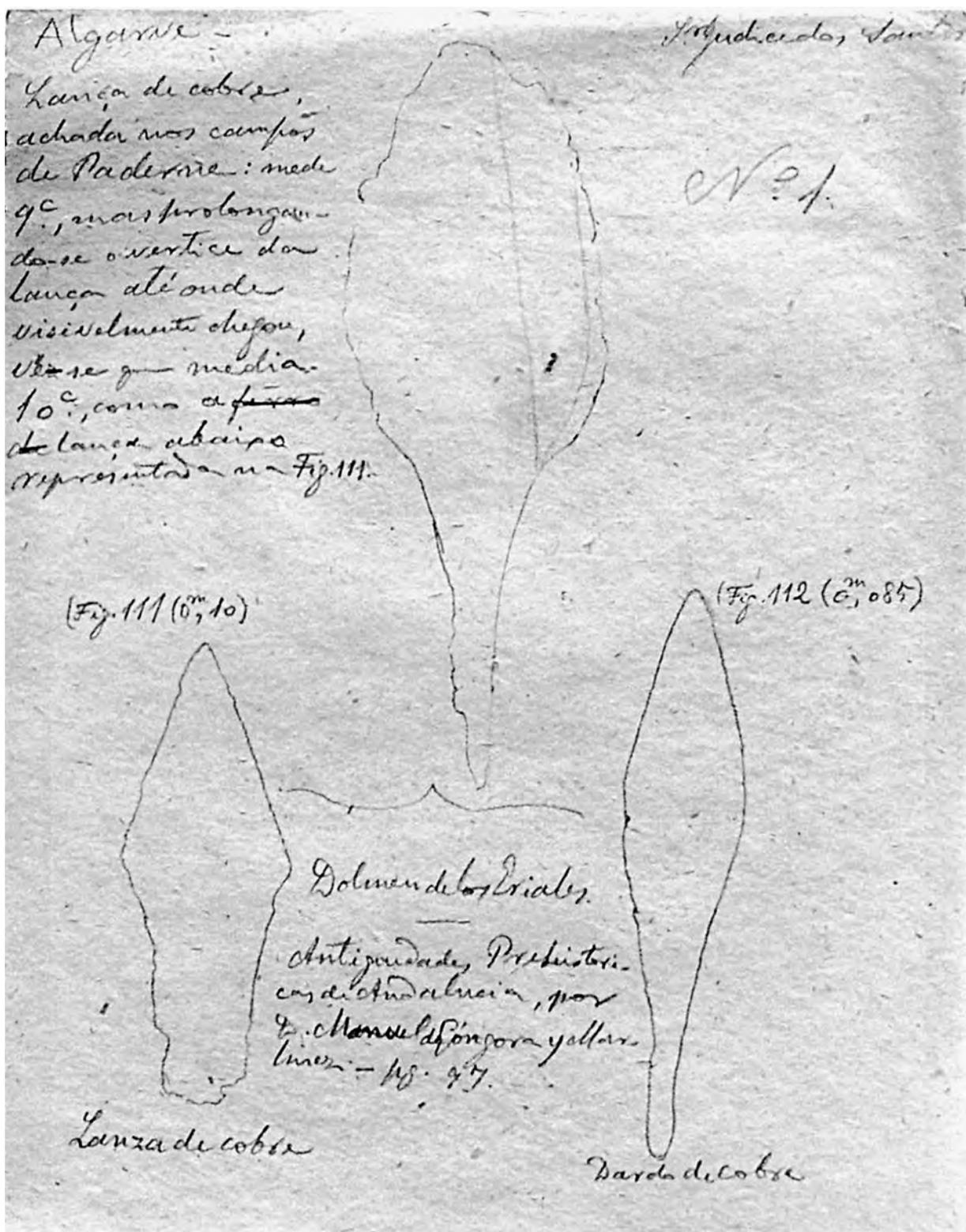


Fig. 4 - Esboços de artefactos metálicos do Algarve e de Espanha, servindo estes últimos para comparação, realizados por Estácio da Veiga.

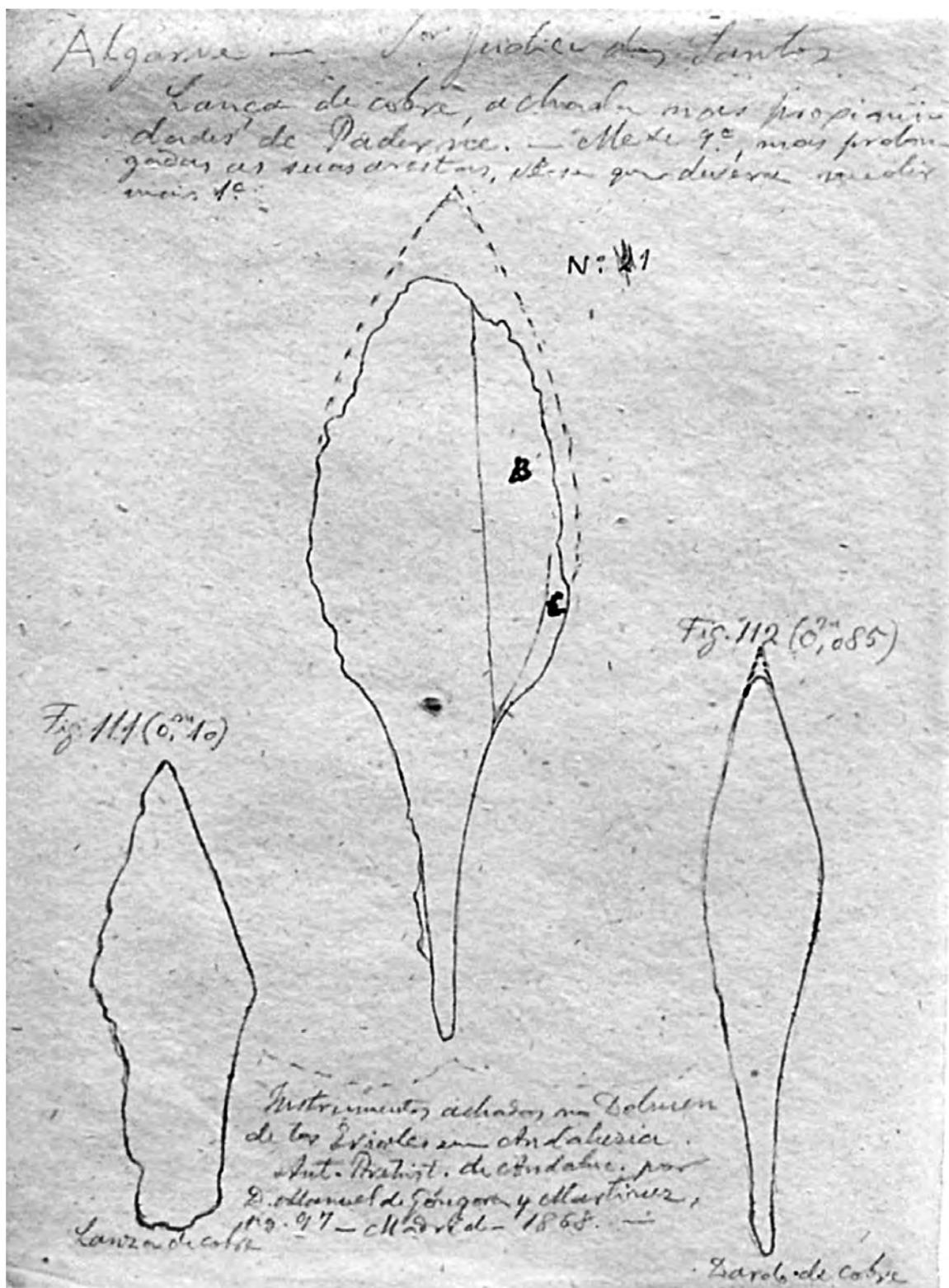
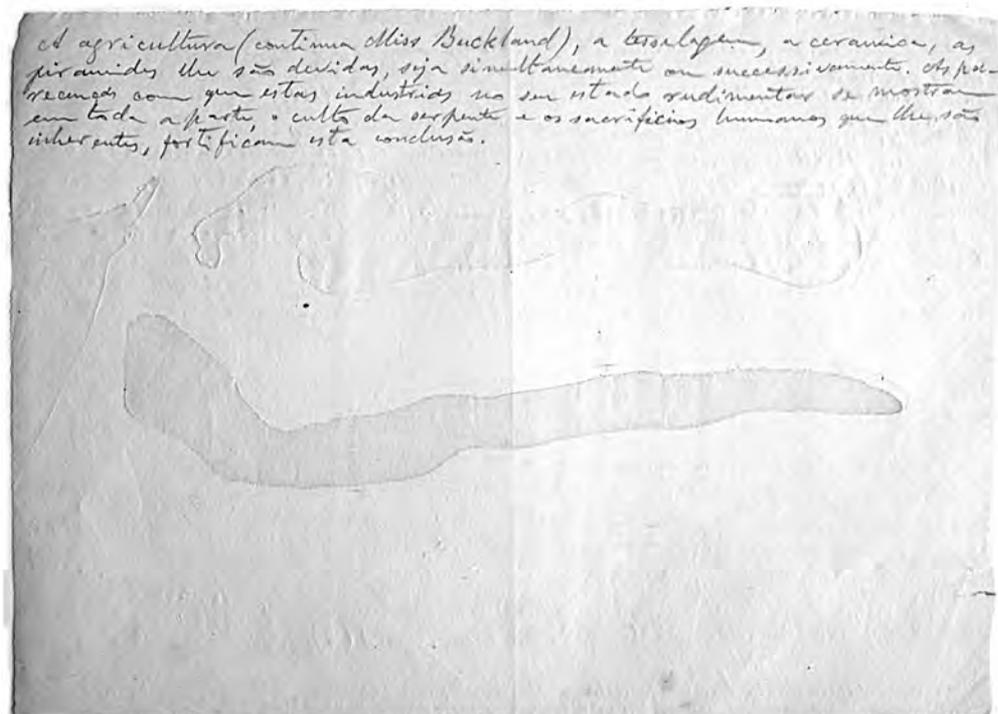
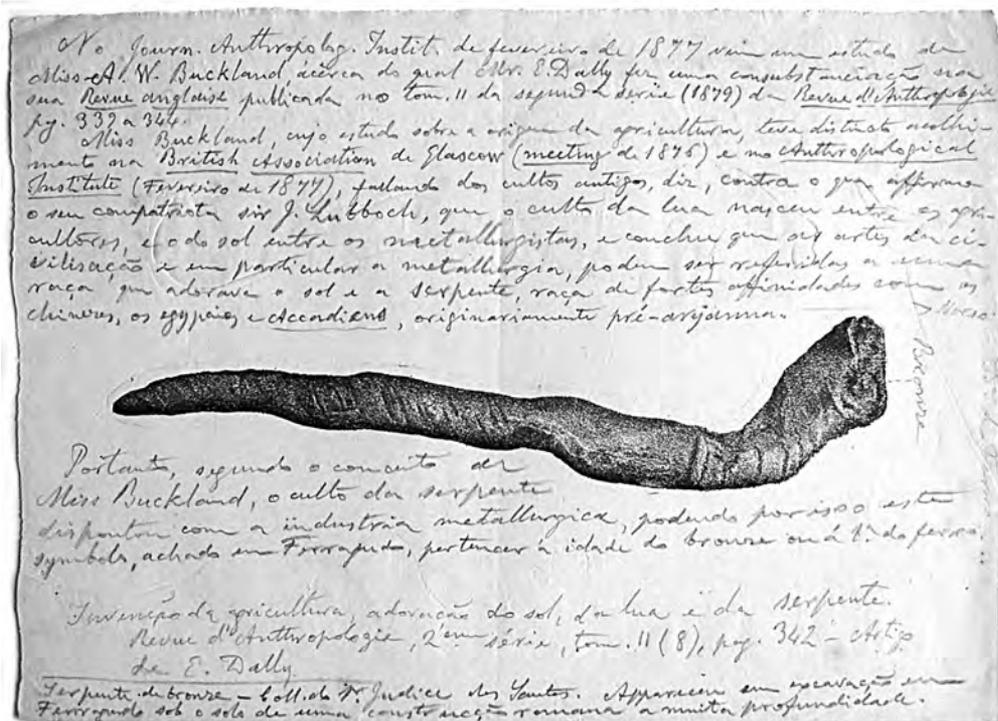


Fig. 5 - Esboços dos mesmos artefactos metálicos reproduzidos na Fig. anterior, denotando repetidas tentativas na elaboração tanto do texto, como das figuras que o ilustrariam.



**Fig. 6** - Reprodução por gravura sobre desenho a carvão da serpente de bronze aparecida em Ferragudo, acompanhada de comentários e transcrições parciais de artigos com interesse para a sua correcta classificação, da autoria de Estácio da Veiga. Estes apontamentos foram realizados ulteriormente à redacção da presente obra, já que a data da obra mais recente das citadas remonta a 1879, relacionando-se com a publicação da peça no volume IV das "Antiguidades Monumentaes do Algarve", em 1891, onde, na Est. XXII, nº. 5, se reproduz a mesma gravura.



**Fig. 7** – Machado de alvado de bronze, com uma argola, onde se encontra fixada uma pulseira com uma conta de azeviche, recolhido perto de Tadcaster, publicado em 1819 na revista “Archaeologia”, reproduzido a lápis de cor por Estácio da Veiga. A mesma peça encontra-se figurada em dois desenhos de Estácio da Veiga acompanhantes do manuscrito, também reproduzidos.

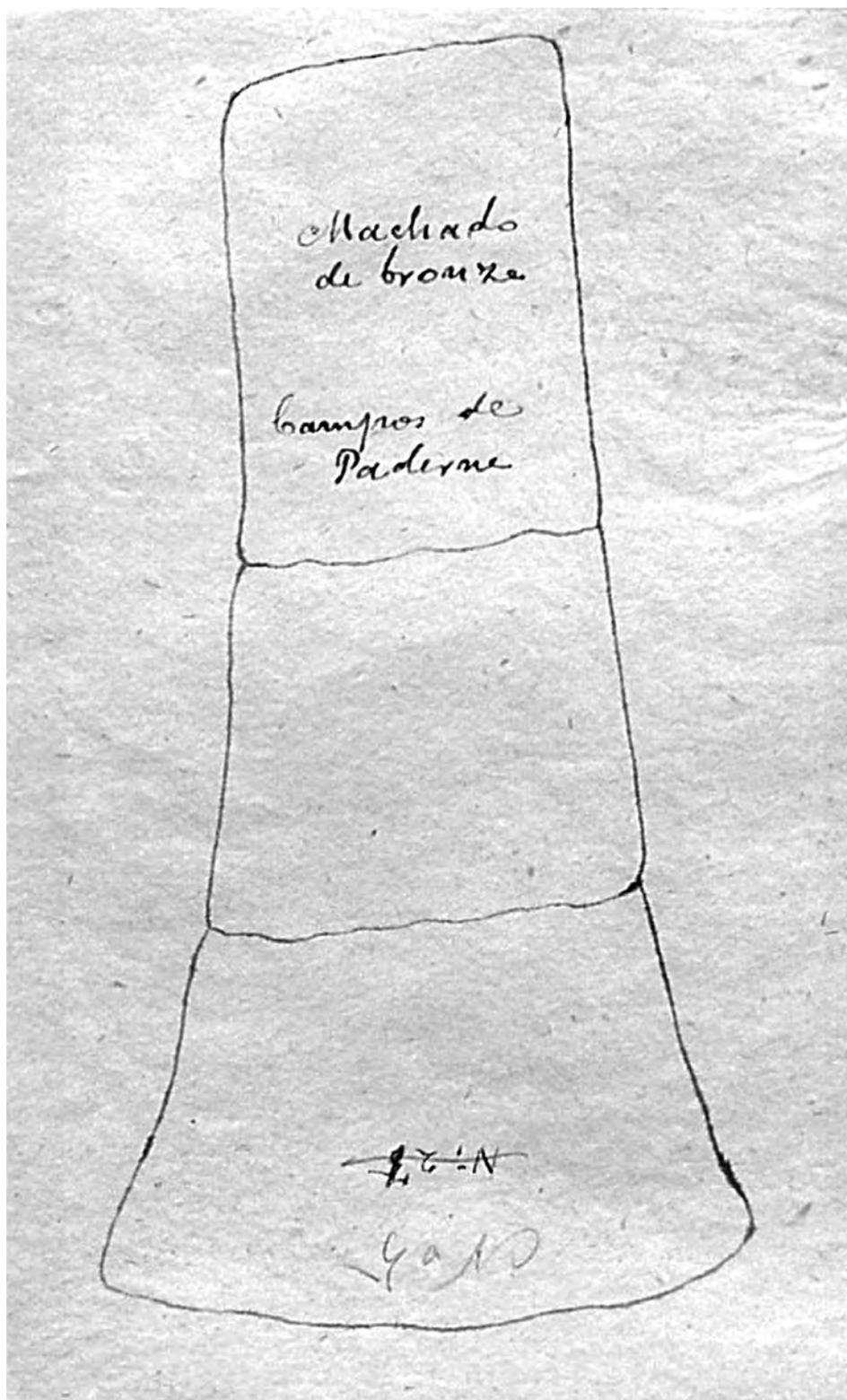
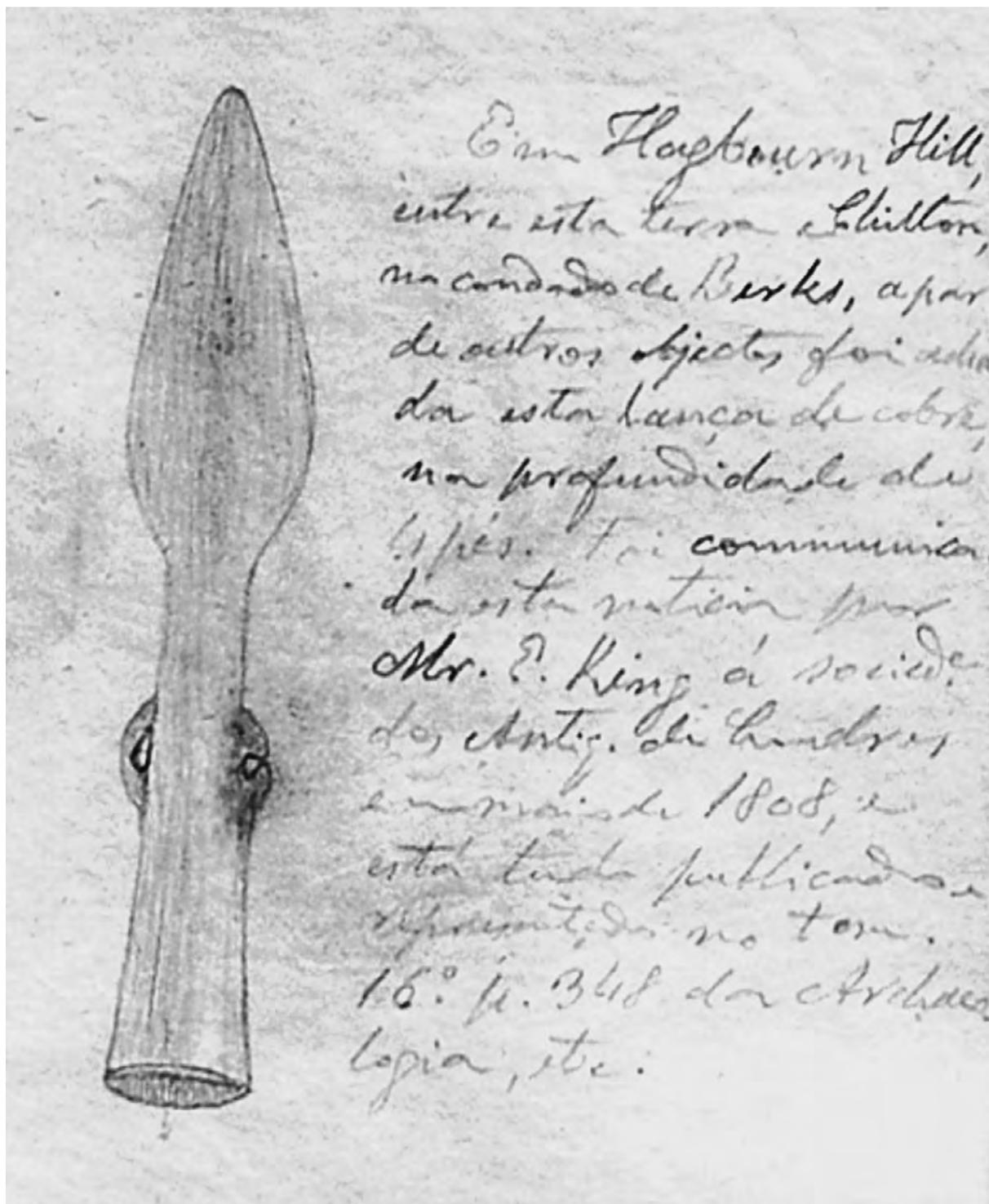
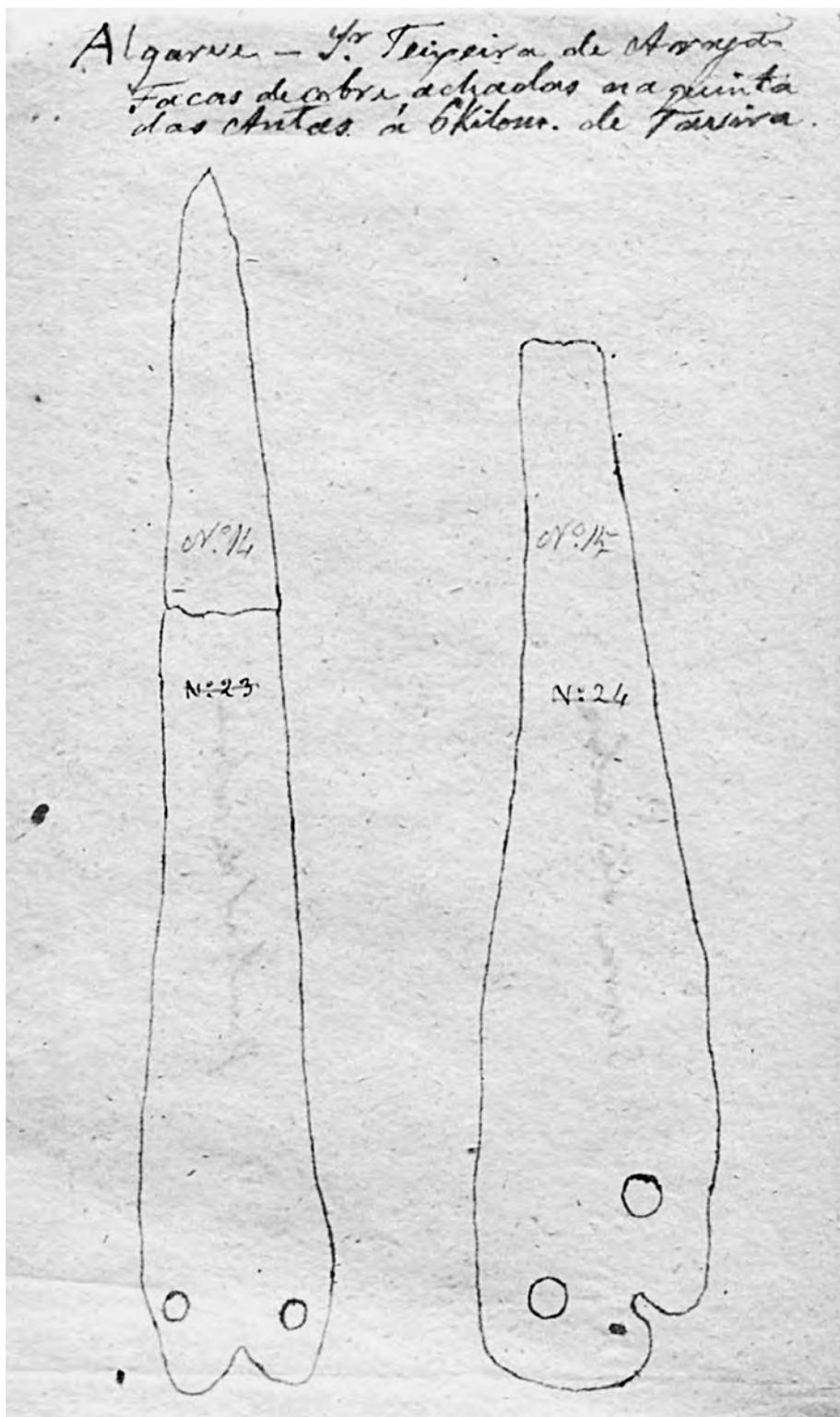


Fig. 8 - Esboço de machado de bronze realizado por Estácio da Veiga, recolhido nos Campos de Paderne.



**Fig. 9** – Ponta de lança de bronze recolhida conjuntamente com outros objectos, no condado de Berks, configurando um depósito metálico, publicada em 1819 na revista “Archaeologia”. A mesma peça encontra-se reproduzida em outro desenho de Estácio da Veiga acompanhante do manuscrito.



**Fig. 10** - Esboços de dois punhais de cobre recolhidos na Quinta das Antas (Tavira) e então pertencentes à coleção de Teixeira de Aragão, realizados por Estácio da Veiga. As mesmas peças encontram-se também reproduzidas no manuscrito.

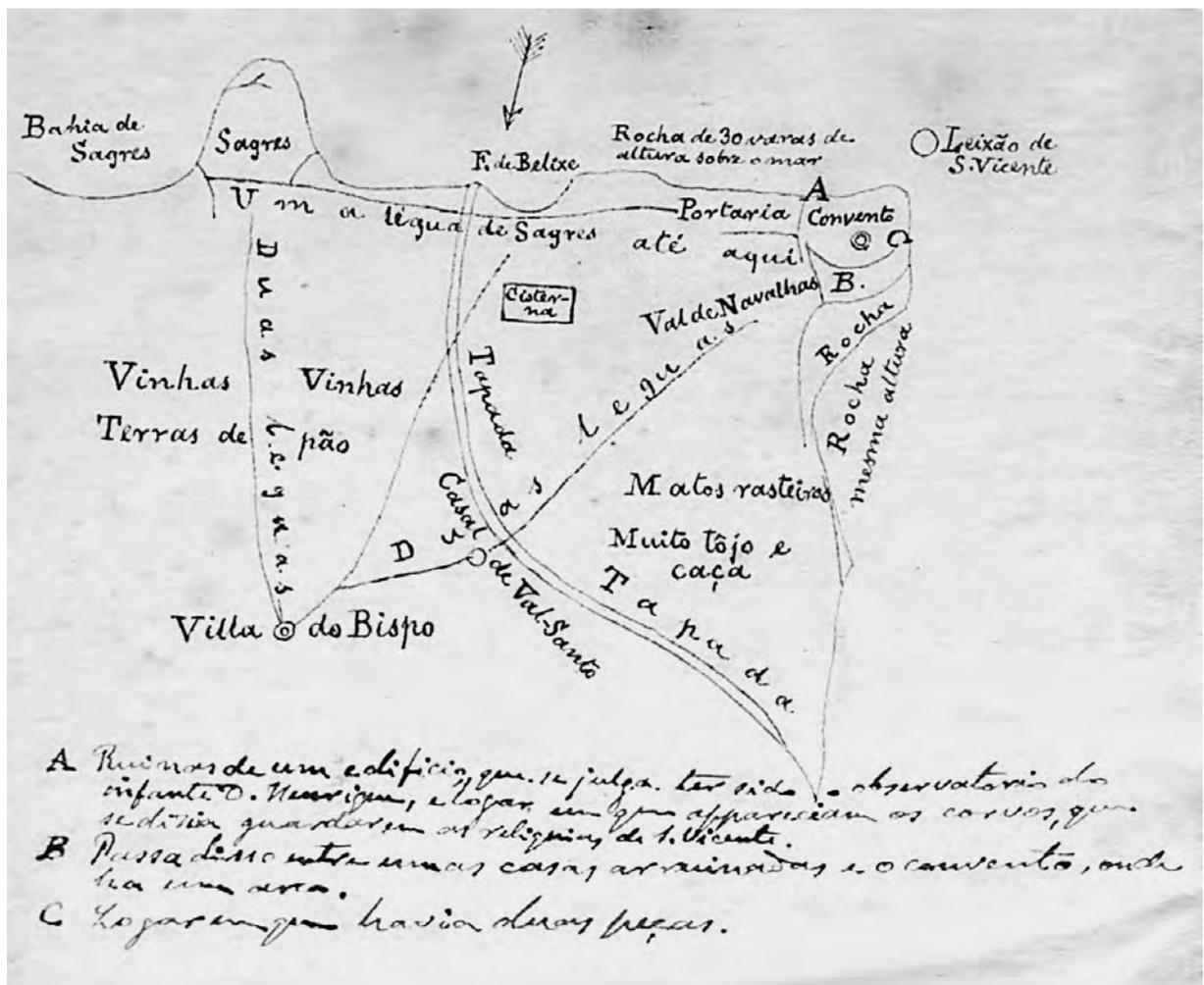


Fig. 11 – Esboço topográfico da região do Cabo de São Vicente, realizado por Estácio da veiga e com anotações arqueológicas por este realizadas, em folha pertencente ao seu Arquivo, mas não acompanhante do presente manuscrito, ainda que directamente relacionado com a última parte do mesmo (“Lendas e Tradições”).